

REVISTA DO BRASIL

DIRECTORES: PAULO PRADO E MONTEIRO LOBATO

SUMMARIO

ULTIMO ROMANCE	Amando Caiuby	1
SEGUNDO REINADO	Haddock Lobo	11
TRECHOS DE UM ROMANCE	Sergio Milliet	22
O SR. MONTEIRO LOBATO.	João Vasconcellos	26
O PURIFICADOR	José Oiticica	39
CANÇÃO DA DOR	Wanderley Villela	40
O MELOGRAPHO	Pe. José Joaquim Lucas	43
CAPITULOS DE UMA BIOGRA- PHIA PERDIDA DE CAXIAS.	Eudoro Berlink	47
SOROR CHRISTINA	Mario Sette	52
O SR. CANDIDO DE FIGUEIRE- DO E A ECOLOGIA	Affonso de E. Tannay	55
OS BRASILEIROS NA INDE- PENDENCIA DA COLOMBA.	Henrique Otéro da Costa	64

BIBLIOGRAPHIA — RESENHA DO MEZ — DEBATES E PESQUIZAS
— NOTAS DO EXTERIOR — AS CARICATURAS DO MEZ

COMP. GRAPHICO-EDITORA MONTEIRO LOBATO
PRAÇA DA SÉ. 34 SÃO PAULO



REVISTA DO BRASIL - PRAÇA DA SÉ, 34 - CAIXA, 2 - B - SÃO PAULO
 Teléph. Central 4012
 ASSIGNATURAS: — ANNO 20\$000, EXTRANJEIRO — 25\$000, NUMERO AVULSO — 1\$800
 Toda a correspondência deve ser dirigida ao Redactor Secretario.

Ultimas Edições da

Companhia Graphico-Editora Monteiro Lobato

III

DA COMPRA E VENDA, Dr. Luiz da Cunha Gonçalves, broch. 25\$000, enc.	30\$000
MOLESTIAS DOS LACTENTES E SEU TRATAMENTO, dr. Leoncio de Queiroz, broch. 25\$ enc.	30\$000
A CURA DA FEALDADE, dr. Renato Kehl Enc.	20\$000
DA FALLENCIA, Almachio Diniz, broch.	20\$000
CONCRETO ARMADO — Theoria e Pratica, segundo as prescripções allemãs, Dr. Raul Gomes Porto	20\$000
CRIMINOLOGIA, Ingenieros, broch.	12\$000
DA POSSE, Conselheiro Justino de Andrade, broch.	8\$000
EVOLUÇÃO DO POVO BRASILEIRO, F. J. Oliveira Vianna, broch.	8\$000
HISTORIA DAS RIQUEZAS DO CLERO CATHOLICO E PROTESTANTE, José Martins, broch.	5\$000
CONVERSAS AO PÉ DO FOGO, Cornelio Pires, broch.	5\$000
NARRANDO A VERDADE, General Abilio Noronha, broch.	5\$000
CIDADES VIVAS, Brenno Ferraz, broch.	5\$000
VOCABULARIO DE RUY BARBOSA, João Leda, broch.	5\$000
A MORENINHA, J. M. Macedo, broch. 2\$000, enc.	4\$000
CONTOS ESCOLHIDOS, Monteiro Lobato, cart.	4\$000
O BRASIL E A DOCTRINA DE MONROE, F. de Leonardo Truda, broch.	4\$000
POEMETOS DE TERNURA E DE MELANCOLIA, Ribeiro Couto, broch.	4\$000
MENINA E MOÇA, Bernardim Ribeiro, broch. 1\$500, enc.	3\$000
O CRIME D'AQUELLA NOITE, Menotti Del Picchia, broch.	3\$500
FRIDA MAYER, Vivaldo Coaracy, broch.	4\$000
QUINZE NOITES, Yaynha Pereira Gomes, broch.	4\$000
PASTORAL AOS CRENTES DO AMOR E DA MORTE, obra posthuma de Alphonsus de Guimaraens, broch.	3\$000
O DEVER DE MATAR, Oscar Wilde, enc.	2\$000
MANUAL DE GYMNASTICA, Victorino Fabiano, broch.	3\$000
DODÓCA, Dolores Barreto, para crianças, cart.	5\$000

Pedidos á Praça da Sé, 34 - Caixa 2 B - S. PAULO

Holmberg, Bech & Cia. Ltd.

IMPORTADORES E INDUSTRIAES
RUA LIBERO BADARO', 169
S. PAULO

Rio de Janeiro, Stockholm, Hamburg, New-York e Londres

Papel,
materiaes
para
construcção,
aço,
ferro,
Cimento
"2 Bandeiras"
e "Bandeira
Sueca".

EDITORES: RENASCENÇA PORTUGUEZA, Porto — RUIZ HERMANOS, Madrid — FELIX
ALCAN, Paris — NICOLA ZANICHELLI, Bolonha — WILLIAMS NORGATE, Londres
WILLIAMS & WILKINS Co., Baltimore — THE MARUZEN COMPANY, Tokio.

“SCIENTIA,”

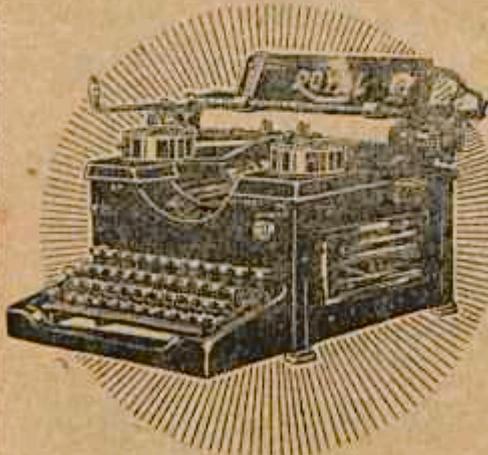
Revista Internacional de Synthese Scientifica
Publicação mensal (Cada numero 120 paginas)
Director: **EUGENIO RIGNANO**

- * a unica revista que tem verdadeiramente colaboradores em todo o mundo.
 - * a unica revista de circulação mundial.
 - * a unica revista de synthese e de unificação da sciencia que trata de todas as questões fundamentais: historia da sciencia, mathematica, astronomia, geologia, physica, chimica, biologia, psychologia e sociologia.
 - * a unica revista que por meio de investigações entre os mais eminentes sabios e escripturas de todas as nações (sobre os principios philosophicos das differentes sciencias; sobre as mais importantes questões astronomicas e physicas do dia e especialmente sobre a relatividade; sobre a contribuição dos differentes paises no desenvolvimento das ramas da sciencia; sobre os maiores questões biologicas e, particularmente, sobre socialismo; a questão social; as grandes questões excitadas da grande guerra) estuda todos os problemas fundamentais que possam interessar aos sabios e aos intellectuaes de todo o mundo e ao mesmo tempo constitue a primeira tentativa de organização internacional do movimento philosophico e scientifico.
 - * a unica revista que conta com a collaboração dos mais illustres sabios do mundo. Todos os fasciculos levam o nome de mais de 350 collaboradores.
- Os estudos são publicados na lingua nacional de seus autores e cada caderno tem anexo um supplemento levando a traducção franceza de todos os artigos cujo original não é francez. Por isto a revista pode ser lida pelos que conhecem unicamente o francez. (Peçam exemplares gratuitos de amostra ao Secretario Geral da “Scientia”, Milano, enviando a titulo de reembolso dos gastos do correio e envio, 1 peseta em sellos postaes).

Assignaturas: 100 liras Italianas.

OFFICINAS DA REVISTA: Via A. Bertani, 14, MILANO (26)

Secretaria Geral da Redacção: Dr. PAOLO BONETTI



Em cada ramo de industria, ha sempre um artigo que na lucta renhida de concorrencia conquistou uma posição superior a todos os seus congeneres. — — —

Na industria da Machinas de Escrever é a

“ROYAL”
N. 10
modelo Mestre

que em pouco mais de uma decada subiu á alta posição que occupa. Isso devido ás suas excellentes qualidades, como o comprovam todos os possuidores de machinas **ROYAL**.

AGENTE EXCLUSIVO: **CASA ODEON**
RUA SÃO BENTO N. 62 - TEL. CENTRAL 4608 - S. PAULO

Canston Monotype Machine Co.

A MONOTYPE
MACHINA PARA COMPOR
MAIS DE 15.000 EM USO

A BARRET
MACHINA PARA CALCULOS
MAIS DE 27.000 EM USO

UNICOS AGENTES

Comp.^{ia} Graphico-Editora Monteiro Lobato

SOCIEDADE ANONYMA
REGISTRO DO COMMERCIO - 4944

ESCRIT : **PRAÇA DA SÉ, 34 - sob.**
TELEPHONE CENTRAL, 4012 - CAIXA POSTAL 2-11
ENDEREÇO TELEGRAPHICO : "EDITORA.,

FABRICA : **Rua Brig. Machado, 35**
TELEPHONE, BRAZ 1269

São Paulo

ESTÁ NO PRELO

PROBLEMAS DE ANTHROPOLOGIA SOCIAL de OLIVEIRA VIANNA

Os assumptos estudados pelos PROBLEMAS estão em plena actualidade, principalmente depois que os paulistas resolveram desinteressar-se da immigração italiana e que o prof. Miguel Coulo abriu campanha contra o immigrante japonês. Os PROBLEMAS trazem a solução scientifica da questão.

EDIÇÃO DA
COMPANHIA GRAPHICO-EDITORA MONTEIRO LOBATO

O seu fornecedor tem :

ANTARCTICA

As melhores cervejas

ANTARCTICA

Finissimos licôres

ANTARCTICA

Vermouths e quinados

ANTARCTICA

Cognacs de todos os typos

ANTARCTICA

Xaropes para refrescos

ANTARCTICA

Aguas gazosas e mineraes

ANTARCTICA

Refresco sem alcool

ANTARCTICA

O melhor Guaraná

ANTARCTICA

Syphão, gelo, etc.

Diga ao seu fornecedor que lhe dê productos da

“ANTARCTICA”



A NOVA REMINGTON N. 12



Com todas as vantagens REMINGTON, mais a acção silenciosa de que V. S. tem sempre sentido falta.

Quatorze dispositivos atenuadores de Ruído.

Queira pedir uma demonstração pratica sem compromisso á

CASA PRATT

Praça da Sé, 16 — Caixa Postal, 1419

SÃO PAULO

"REVISTA DE FILOLOGIA PORTUGUESA"

Fundador : SILVIO DE ALMEIDA

Diretor : MÁRIO BARRETO

PUBLICAÇÃO MENSAL

Colaboração dos maiores filólogos e literatos do Brasil e de Portugal.

Cada número, que tem, em média, cem páginas, traz artigos inéditos, textos arcaicos ou clássicos anotados, bibliografia, etc.

ASSINATURA ANUAL :

CAPITAL	30\$000
INTERIORE E ESTADOS	32\$000
NUMERO AVULSO	3\$000

Pedidos à

NOVA ERA, Emprêsa Editôra

PAULINO VIEIRA & CIA.

Rua de S. Bento, 40 - 2.º andar, sala 12

Telefone: Central 1681 - S. PAULO



REVISTA DO BRASIL

VOLUME XXIX

MAIO - AGOSTO

DE 1925

ANNO X

Companhia Graphico - Editora Monteiro Lobato
PRAÇA DA SÉ, 34 SÃO PAULO



EXSTA DO 5-18



REVISTA DO BRASIL

ULTIMO ROMANCE

Meia noite. Frio. Os theatros lançavam ás ruas meio adormecidas, grupos elegantes e silhuetas de velludo e arminho. Automoveis buzinavam, apressados, em marchas oppostas.

Na luxuosa Confeitaria Selecta, que a aristocracia feminina ia enchendo de movimento e graça, dois rapazes tomavam mesa isolada no vasto salão illuminado. O mais baixo, de vinte e poucos annos, magro, pallido, cabelleira negra, tinha um *que* de romantico nas feições delicadas e nos olhos grandes. O companheiro, forte, alto, corado, deixava entrever lampejos de alegria na physionomia energica; e apparentava quarenta annos pelos cabellos que lhe branquejavam as temporas e sulcos que zombeteiro sorriso lhe cavava nas faces. Dizia o romantico ao desembaraçar-se da capa:

— Não comprehendo, Armando, o teu realismo. Ainda que vivas em ironias e pilherias, percebo-te a alma. Não podes negar o amor sentimento, o amor platonico. E' elle que nos dá a grande saudade da vida. E o ente que nos desperta esses sonhos e phantasias, é mero objecto de prazer ao teu coração. Mas que é a vida, senão uma enorme esperança? E a esperança, senão um grande amor de mulher?... terminou, revirando os olhos para o alto, estatelado, num gesto de inspiração.

— Poesia, Alberto. Enxergas o mundo atravez da tua mocidade. Tudo isso é chimera que o tempo corróe. Dez annos mais velho, tenho os desenganos a provar-me que só o facto, em si, dá perfume á existencia. Deixa ao menos a sensação da conquista, a lembrança do prazer gosado, a recordação da pagina

decifrada, quando os olhos, mais tarde, ao perpassarem o livro esquecido, vão relembrando tel-o sorvido em tempos remotos. E esse goso vem mostrar-te que não sou tão materialista...

— Mas não comprehendes a conquista sem a posse, o amor sem a conquista!... declamou Alberto, renitente poeta.

Uma linda mulher, typo senhoril e impressionante, acompanhada de mimosa creança, entrou e foi sentar-se de outro lado.

Alberto, satisfeito com a phrased ou com a magnifica apparição, virou-se para o amigo, apontando-as:

— Minha gente. Vivo como casado ha cinco annos. Sou feliz, adoro-a como um sonho. Amamo-nos. Mas tu não acreditas nessas coisas...

Armando olhou-as indifferentemente. Houve pausa. Retomando o ar sardonico habitual, falou:

— Olha, Alberto: para que não me julgues um typo vulgar, vou contar-te porque fiquei assim. Esse capitulo foi vivido intensamente por Carlos e teve o meu doloroso testemunho.

Entre goles de chá, poz-se a desfiar o seguinte:

Num dia de pasmaceira, ao descer por certa rua, viu esse amigo, á porta de belchior conhecido, um original vulto de moça. Parou no belchior. Um rapaz discutia com o antiquario que se lhe dirigiu á chegada:

— Aqui o dr. Carlos, pessoa de posição, sabe que não compramos objectos furtados.

O tal rapaz, franzino e insignificante, virou-se para elle, cumprimentou-o e explodiu:

— Veja se tenho razão, doutor. Mõro num sobradinho ao lado de outro a terminar. Hontem, á noitinha, ao sentar-me á mesa, minha mulher notou assustada:

— Repare, Jango, um barulho no quarto da frente...

— Qual! E' o vento.

Nisto, a luz dá um piscado, minha mulher — um grito de susto, eu me lanço ao quarto. Chego, vou com a mão ao creado mudo, onde deixara o relógio, a carteira com quatro contos e um revolver Colt. Lá estava a bolsa com o dinheiro, mas nada de Patek e revolver. Corro á sacada e percebo que o gatuno por allí penetrara vindo do sobrado em construcção. Desesperei. Não me importa o relógio, mas sim o revolver, que aqui talvez fosse vendido...

— E precisa muito dessa arma? perguntou-lhe Carlos.

— Sim. Para evitar que me roubem esta joia... gracejou, apresentando-lhe orgulhoso a linda mocinha.



Ao remiral-a, fascinado, elle não se conteve tambem:

— Tem razão. E' necessario o revolver. Vou procural-o.

Procurou-o de facto. Encontrou-o dias depois e foi leval-o victoriosamente ao sobradinho. Entrou. Palestrou rapidamente com os recém-casados e partiu com a figura daquella moça, atarrachada n'alma. Era fascinante. De ar ingenuo, boquinha vermelha e infantil, olhos grandes, pretos, de longos supercilios, vestia capa de pellucia escura, golla alta revirada pelo frio e que, com o gorrinho de velludo, de duas cerejas pendentes ao lado, lhe dava frescura inconfundivel.

Viu-a depois, algumas vezes, de longe. Certo dia (decorrera quasi tres annos) ao tomar precipitadamente o bonde, sentou-se ao lado de uma senhora — unica entre dois ou tres passageiros do carro. Ella, que vinha meio adormecida, envolta em fina capa de velludo escuro e chapeusinho enterrado até os olhos, levou a mão á bocca para esconder um bocejo incoercivel. E virando-se para o recém-chegado, reconheceu-o sorrindo:

— Perdoe-me a incivildade...

— Essa, foi minha que a vim despertar... ironisou galanteador.

— Conhece-me?

— Como não? Esposa do sr. Jango, ainda me lembra o caso do revolver. E depois, sei de todas as suas residencias. Quer ver? e enumerou-lhe as ruas e casas em que morara.

Admirada, perguntou-lhe meio seria:

— Como sabe disso?

— Perdoe-me a franqueza; porque me é impossivel esquecer-a.

— E como não me cumprimenta mais?

— Sei-a feliz, não a quero aborrecer. Mas, a senhora foi sempre o espinho da minha vida. Não se zangue. Continuarei como um desconhecido. Perdoar-me-ia, se soubesse que nesta vida solitaria que levo, a senhora foi sempre a minha unica preoccupação...

A entonação triste, o macio da vóz, aquella sinceridade maguada, puzeram-na quieta, sem revolta. Depois de ligeira pausa, elle dizia como a si proprio:

— Sempre temi esta oportunidade. Para que revelar o grande segredo? Gosto de soffrer em silencio. Quando não, desafogó-me na leitura de um livro em que encontrei o seu retrato. Se m'o permittisse envia-o...

— Deixou-me curiosa. Mande-m'o, que fico em casa amanhã só para recebê-lo.

Carlos desceu do bonde para não ouvir mais nada. A felicidade era tanta que temeu perdê-la. Que accaso! O proprio destino que lhe trazia, nessas palavras, emoção forte á vida. Sal-



tou, tonto de prazer, a sorrir para tudo, como também se tudo lhe sorrisse.

Mandou-lhe o livro, mas o portador não a encontrou. Primeira magua. Esperou ansioso, no dia seguinte, um signal compensador. Nada. A semana passou e o mez decorreu sem que ella accusasse aquelle recebimento. Num gesto de quem diz — é a fatalidade, não pensou mais no caso. Mez e pouco decorrido, uma telephonada surprehendeu-o. Era Alayde que o avisava de que viria ao seu escriptorio. De coração aos pinotes esperou-a, recebeu-a gentilmente. Uma consulta alli a trazia. Palesttraram; e elle abriu-se numa dilacerante confidencia do seu recalcado amor. Falou-lhe com alma. Ella, reprimindo o effeito daquellas phrases quentes, fel-o terminar com segurança:

— Depois de amanhã á noite, quando os sinos baterem no venas, passarei por tua casa. Um bulicio de cortinas, qualquer movimento nas janellas dirá que eu serei feliz. Se nada perceber, continuarei a rôta peregrinante da minha fatalidade.

— Não vá! Meu marido está separado, não lhe quero dar motivo ao divorcio...

— Vou. Ainda que seja sacrificado.

A lealdade da resposta fel-a calar-se. Partiu, mas ficou enchendo a alma de Carlos. No dia seguinte Alayde entrava-lhe pelo escriptorio afim de dizer-lhe que por lá não passasse. Contou-lhe então que desde o bonde não mais o esquecera. O turbilhão de contrariedades que a assaltava, a separação do esposo — que não correspondera aos seus sonhos de moça, tudo a retinha numa indecisão dolorosa. Carlos, com aquella fina elegancia moral que o retratava, mostrou-lhe a certeza do futuro e a victoria da felicidade. E descreveu-as com paixão e enthusiasmo. Alayde encolhendo-se na poltrona de couro sussurrava a meia-vóz:

— O mundo deve ser differente do que eu conheço. Meu instincto de moça dizia-me de um sentimento novo que me sacudisse a alma. Percebia, nos meus poucos romances, phrases lindas que embalam os sonhos e tinha a intuição de que me seriam ditas um dia. Mas porque te conheci? Que farei do meu futuro?

— O caminho festivo da eterna ventura. Conheceste-me para seres meu ideal, a minha gloria. Vivo sosinho, sem esperanças nem desejos. Tu vaes ser a chamma do mundo que sinto dentro de mim. E quando mais tarde eu receber applausos pela victoria desse trabalho, quando meu nome for pronunciado com carinho e respeito, tu reclinarás a cabeça sobre meu peito e dirás baixinho: — Fui eu quem te fez assim tão grande...

Ella, commovida com aquellas palavras emocionaes, levantou-se para conter os nervos superexcitados e, olhando uns cravos vermelhos que sorriam em esgaldado vaso de sobre a estante, perguntou:

— Quem te deu estas flores?

— Meu jardim. Primeira colheita. Parece-me que adivinhava. Toma-as.

Ao recebê-las, num delicado gesto de affago, collocou-as ao seio. Depois, escolheu um cravo rubro, retinou-o, sugou-o longamente e, com meiguice:

— Guarda este beijo...

— Não! Não posso... resistiu Carlos.

Ella voltou-se assustada e pallida. Elle continuou:

— Não! O teu beijo só pôde ser guardado no sacrario de outro meu... e agarrando-a de salto, beijou-a com ardor em plena bocca. Sem folego, de coração aos trancos, oppressão n'alma, cahiu na poltrona enquanto ella partia cambaleante.

O beijo incendiou de vez aquelle amor e Carlos, sob pretexto de poder calmamente informar-se do divorcio, conseguiu-lhe uma entrevista. Esperou ancioso a hora marcada, nessa angustia de condemnado à leitura da sentença. Recebeu o aviso afinal. O lindo automovel que encommendara não apparecia, elle em bramas, apopletico, cruzava a sala em passos rapidos, até que partiu. O atrazo porém retardou-o. E poz-se a esbravejar com o motorista, a cruzar o quarteirão marcado ao encontro, enquanto a chuva cahia e lhe augmentava a irritação. Meia hora decorrida e: — Suba essa travessa, mexa por ahí, veja se descobre um taxi! ordenou.

Na travessa um automovel de aluguel surgiu-lhe atraz e, ao emparelhar com o seu, o conductor percebeu-lhe o olhar, parou o taxi. Carlos salta e com diluvio de satisfação recebe Alayde trememente. Fal-a entrar para o seu carro, segue para a Avenida, desculpa-se da demora e conta-lhe daquella immensa angustia, o desespero de perdê-la, quando interrompe surpreso:

— Que é isto? Tão pallida! Estás doente?

Como não obtivesse resposta toma-lhe as mãosinhas enluvadas, affaga-as, mostra-lhe a calma das ruas, lindas casas, jardins orvalhados e pede-lhe que se não atemorise por tão simples passeio, pois, se a queria allucinadamente, saberia comtudo respeitá-la. Alayde, com voz debil, murmurou num suspiro:

— Juro que nunca mais fugirei de minha casa. Julguei que aventura fosse coisa deliciosa, de sensação inesquecível. Juro que nunca mais fugirei...



— Não jure! Que mal ha nisso? O teu desmaio passou. Repara que ninguem nos importuna, o dia melhora, e sôl reapparece para galardoar este amor.

Uma ordem ao motorista e o automovel vira pela esquina solitaria indo parar logo adeante.

— Desceremos um pouco, querida. Esteja tranquilla, tens minha palavra... e toma-lhe o braço, caminha pausadamente até empurrar o portãozinho de alegre jardim — com casinha pinturesca ao fundo. Descuidado, fingindo indifferença, mostrou-lhe o encanto da vivenda, a tranquillidade da rua, e conduziu-a para dentro. Uma hespanholita recebeu-os, franqueou-lhes o ingresso e, como duas gentis meninas apparecessem correndo, fel-os entrar para um aposento ao lado. Alayde entreparou, num gesto de reluctancia. Carlos explicou:

— Não tenhas susto. Deixarei a porta aberta. Aqui a hespanholita vive com meu amigo; emprestou-me por momentos a casa.

Alayde cahiu sentada na poltrona, enquanto elle, pendurando o sobretudo, veio accommodar-se n'outra, á sua frente, ficando os cotovellos na mesinha de permeio. Ella rompeu em catadupas, a historia dos seus aborrecimentos, a sua indecisão, a difficuldade em não ser attingida pelos commentarios do divorcio. Carlos namorava-a, deixava-a falar, embebido em sua belleza. Interrompeu-a para dizer-lhe mansamente do futuro e da vida risonha que ella lhe daria se quizesse compartilhar do immenso affecto do seu coração.

As creanças chegaram á porta, sorriram. Alayde avermelhou. Carlos levantou-se calmamente, fechou a porta e pediu-lhe:

— Tire o chapéu. Está tão quente...

— Não!

Elle veio sentar-se ao lado, tomou-lhe as mãos enluvadas, descalçou-as, poz-se a affagal-as dizendo-lhe baixinho doces caricias. Beijou-lhe os dedos, o braço, e ella a sorrir:

— Juizo. Prometteste-me juizo...

— Que mal fazem beijos?

Enlaçou-lhe delicadamente o hombro e com phrases quentes, brotadas do coração, puxou-a a si, beijou-lhe o rosto de anjo, os olhos negros e seismadores, a bocca vermelha e infantil. Tirou-lhe o chapéu, enquanto ella, num movimento de hombros, não podendo reter o calor do sangue alvoroçado, deixava cahir a capa. Carlos apanhou-a, foi pendural-a, voltou a renovar aquelle estonteante canto de amor. Como conhecedor do coração da mulher, resolvido como estava a tornar-se o seu amante, foi, debaixo de desprerenciosa indifferença, fazendo tudo por vencer-lhe a resistencia, conquistando-lhe a confiança a pouco e pouco. De braço



sobre o espaldar da cadeira por sobre o seu hombro magnifico, descrevia a esperanza com que, ha tres annos, vinha pensando na realizacão do seu destino, quando lhe toma a curva das pernas e senta-a ao collo.

— Não, não! debate-se Alayde.

— Porque, meu amor?... resentiu-se meigamente. Que mal faz que estejas como minha mulherzinha junto de mim, recostada ao meu peito, bebendo-te eu mais de perto a fragancia do teu corpo e o doce perfume da tua bocca? Pois não vês que minha palavra é sagrada e sou bastante cavalheiro para cumpri-la? Pois não sabes que ella é a maior garanja á tua segurança? Não. Deixa que eu tenha a illusão de que me pertences, de que és minha, irremediavelmente minha...

Ella perdia a resistencia de rola e foi ficando aninhada ao seu collo. Os momentos corriam naquella symphonia de beijos e palavras emocionantes. A's tantas, virou-se Alayde:

— Estou-te cansando, deixa-me descer.

— Cançado? Veja...

Ergueu-a até o peito, levantou-se e, com passos firmes, caminhou para o largo divan. Percebendo-lhe o intento, ella protestou, debateu-se, mas elle já se curvava até deital-a com cuidado. Alayde rompeu, então, num pranto silencioso como o da jurity no fundo da matta, arrulhando:

— Ah! Carlos. Nunca te perdoarei. Trazeres-me aqui onde tantas já se deitaram...

— Não, meu amor. E' para descansares. Não chores. Olha Estou de joelho aos teus pés, humildemente, supplicando que não te zangues...

Ella sentou-se enxugando as lagrimas. Carlos recostando a cabeça ao seu collo, desculpava-se com ternura até que Alayde parou de chorar, confiante agora. No proposito consciente de possuil-a, continuou a excital-a com juras, com affagos e beijos e ella explodiu:

— Chega! Tu me enlouqueces...

— Não me queres. Porque abandonares a mim que te amo allucinadamente, quando és moça, estás livre, tens alma e coração? E' necessario, é preciso que sejas minha!

— Não posso ser tua amante. Tenho voto matrimonial. Amanhã, que seria de mim?

— A companheira fatal da minha vida. Por uma palavra que grammaticos frios e dictionarios archaicos inventaram, recusas ser o amparo da minh'alma, a esposa de meu viver? O teu amor desaparece deante de um vocabulo inexpressivo? Não! Has de ser minha vida, o meu futuro...



— Não posso agora. Eu não te veria mais. Fugiria de ti ainda que levasse o coração sangrando. Teria vergonha de mim mesma — que não cumpri o juramento. Poupa-me o martyrio. Piedade...

Carlos cerrou os sobrecenhos, titubeou, permaneceu em silencio.

Ella soergueu-se, viu-lhe a amargura e disse-lhe, olhando-o dentro dos olhos:

— Bem. Vou-te dar a prova terrivel desta loucura. Qual preferes? Matar esse capricho de homem e nunca mais me ver, ou soffreres commigo para um futuro que nos espera? e bebia-lhe as palavras com ansia, seios arfantes, engrifando-lhe as mãos aos hombros. Elle, cenho fechado, dominando os nervos super-excitados, sacudiu lentamente a cabeça:

— Prefiro o futuro. Quero-te demais para te perder. Quero que comprehendas que te amo. Soffrerei.

Alayde, lançando-lhe os braços ao pescoço, repetiu ansiada, labios tremulos proximos aos seus, uma volupia desconhecida nos grandes olhos humidos:

— Repete. Qual preferes? Saciar teu desejo, apagar agora a minha loucura e nunca mais me veres, ou soffrer como estou soffrendo para maior gloria deste amor? Dize. Juro-te que não mais me verias. Seguirei para o Rio, para a Europa, desapparecerei, mas teremos sido felizes um momento. Qual preferes?

— O futuro...

Ella, dando um salto, poz-se de pé e exclamou faiscante:

— Ah! E's bem o homem que eu sonhava. Amo-te, amo-te muito... e saltou-lhe nos braços. Carlos, que se encostara num aparador, deu longo suspiro, desses que trazem o coração para fóra, e comprimindo-a toda ao corpo enteiriçado, foi-se lastimando com voz grave e maguada:

— Carlos infeliz! Tu que tens esta cabeça primorosa em teus hombros (e beijava-a), que tens estes olhos languidos deante dos teus (e beijava-os), que tens esta bocca infantil junto á tua (e sugava-a), que tens este collo, esta cintura, este corpo divino, — tu, Carlos, que tens o paraizo nos braços, tu vaes perdê-lo. Nunca mais o terás.

— Porque meu amor? Juro-te pela minha felicidade, juro-te por tudo, serei tua, só tua. Pensas que te fugirei?

— Diz-m'o a intuição de psychologo. O céu se obtem somente uma vez...

O relógio bateu. Era hora de partir. Ella assustou-se. Arrumando-lhe a capa, Carlos repetiu tristemente:



— Veremos o teu juramento. Cumpri minha palavra. Vamos. Agora, terás novo susto á sahida. Julgarás que todos te saibam minha amante e teu coração pulsará violentamente.

— Não! Saio orgulhosa da minha honra e de ti, meu super-homem! e de sopetão, tomando-lhe o braço, partiu altiva, com alegria nos olhos e no rosto adoravel de mulher excepcional.

* * *

Armando parou a narrativa. Houve longa pausa. Alberto insistiu pelo fim do romance; queria com interesse sopitado a terminação da historia.

Armando sorveu um ultimo gole de chá, acendeu o cigarro e proseguiu:

— Desde ahi deu de fugir. Foi rarcando as telephonadas. Carlos sobresaltava-se, desfazia-se em confissões, tornou-se agitado, nervoso, um espinho n'alma, a pensar o dia todo e sempre ella — como uma saudade a desaparecer. Escreveu-lhe, então, carta longa, apaixonada, rememorando scenas, o juramento deante do qual, a seu pezar, cumprira a dolorosa palavra de cavalheiro. Era pois um crime aquella fuga sem motivo, nem explicação. Alayde perturbou-se com o immenso desabafo. Confessou-lhe que o amava, que o não esquecia, mas que o marido lhe rondava a porta e a familia impellia-a ao pae do ser que já sentia no seio. Amava-o, mas o destino se interpunha entre elles. Ia ser infeliz. Que a esperasse fielmente, recordasse da promessa sagrada, tivesse constancia e o futuro talvez lhes sorrisse. Renovo assim de esperanças. Mas um dia desapareceu. Não mais foi vista. Quando o foi, mezes depois, desconheceu-o, passou-lhe ao lado, indifferente, orgulhosa da sua grande, da sua irremediavel felicidade.

Armando levantou-se. Alberto agarrou-o, fel-o sentar-se e exclamou:

— Não pôde ser! E' impossivel que esse coração de moça o abandonasse assim! Ha mysterio ahi...

Armando deu outro suspiro, baixou a cabeça e confessou:

— Verdade, omitti-te um pormenor. Certo dia sentiu-se Carlos adoentado. Ella quiz falar-lhe pessoalmente. Pelo prazer de vel-a, arrastou-se até aquella casinha a que antes a levara. Renovo de protestos e beijos. Mas foi facil a Alayde obri-gal-o ao cumprimento da palavra. Talvez por isso lhe fugisse...

Tomou folego e terminou sarcasticamente:

— Has de concordar que foi românico ainda essa vez...

— Infeliz! Quando devera ser materialista, sahiu-me lamentavelmente insensato! A phrase é tua: — o céu não se obtem senão uma vez!... gargalhou Alberto.

— E a palavra de homem?

— Qual honra, qual nada! Nem a justificativa de voltar ella ao marido!...

* * *

A linda moça senhoril e impressionante que, com a menina, se abancara em outra mesa, levantou-se, viu-os, approximou-se alegremente, cumprimentando-os:

— Que conversa tão animada! Que contava o sr. Armando?

— O meu ultimo romance...

— Ainda se lembra disso? E fazendo um muchocho ironico agarrou Alberto pelo braço, despediu-se sorrindo, partiu com elle.

Armando, ao ver desaparecer esse vulto magnifico naquelle eterno noivado, teve um risinho enigmatico, desses que se dão da propria gente, pensando:

— Nobreza — qualidade incomprehendida! Nem percebeu que por esse motivo eu nunca mais amei. E não sou o romantico...

Depois, levantando-se, num gesto de pouco caso, sacudiu os hombros e suspirou em desabafo:

— Em vez de voltar ao marido, ella fugiu-me com outro. Que agradeças ao menos ao meu realismo — essa tua grande felicidade, Alberto!...

AMANDO CAIUBY

Do "Coração de moça".





SEGUNDO REINADO

HADDOCK LOBO

Uma conferencia

O Segundo Reinado se inciou a 23 de julho de 1840, por um golpe de Estado parlamentar, ao qual o apoio da força armada deu a sancção definitiva de victoria, eliminando qualquer possivel velleidade de resistencia da parte do então ministro do Imperio, Bernardo de Vasconcellos.

O Imperador, com pouco mais de quinze annos, assumiu o governo da Nação, que atravessava um dos seus mais criticos momentos. Por toda parte os actos de anarchia, consequencia mesma do governo regencial, se patenteavam inilludiveis. Duas das provincias brasileiras se achavam em verdadeiro estado de guerra. No Maranhão, a Balaiada ainda não fôra de todo jugulada. No Rio Grande se hasteava, por assim dizer, victorioso, o pendão republicano de Piratinin. Nas demais, a intranquillidade, a agitação dos partidos, o tumultuar das paixões, deixavam nitida a impressão de que o paiz estava muito longe daquella estabilidade sem a qual se tornava sinão impossivel, ao menos entravado o seu progresso.

Pedro II começou a governar com o ministerio liberal.

A's difficuldades administrativas juntavam-se as difficuldades financeiras.

Para dar uma idéa summaria do quanto era preciso lutar para occorrer ao excesso dos gastos que a anarchia creára e mantinha, basta dizer que a receita de 1840 havia sido orçada em pouco mais de 16.500.000\$000, dos quaes se arrecadavam sómente pouco mais de 15.500.000\$000, andando a despesa por mais de 19.000.000\$000. Com os orçamentos anteriores se havia dado o mesmo facto, o que importava na permanencia do *deficit* e no augmento progressivo da divida publica, já calculada naquella éra em quasi 60.000.000\$000.



O ministerio liberal, constituido a 24 de julho de 1840, se compunha dos dois Andradas - Antonio Carlos e Martim Francisco —, dos dois Cavalcanti- -Antonio e Francisco de Paula, —, de Limpo de Abreu e de Aureliano Coutinho, o futuro Sepetiba.

Não foi feliz nem proficua a acção desse ministerio no Rio Grande, como se disse na palestra passada, contemporizando na crença de que a benignidade pudesse chamar á razão e á ordem os republicanos. Tornaram-se, entretanto, das mais deploraveis as consequencias dessa utopia.

No tocante á politica interna, esse Gabinete creou o systema das derrubadas, ignoradas até então. Dos dezoito presidentes de provincias — que tantas eram as componentes da Nação naquelle tempo — quatorze foram demittidos, e apenas quatro, por ligações especiaes aos membros do Gabinete, puderam ficar. E é facil de comprehender como o apeiamento se estendeu a quantos dependiam de nomeação governamental.

Cuidaram os liberaes de se consolidar no poder, preparando por todos os meios a victoria nas eleições para a legislatura que se deveria installar em 1842, eleições que se faziam com uma antecedencia notavel. Todavia, em março de 1841, premido de um lado pelas violencias e pelos abusos commettidos, de outro pela desintelligencia entre Aureliano Coutinho e os seus collegas, originada em incidente relativo á guerra dos Farrapos, o Gabinete subitamente se demittiu e foi substituido por um de conservadores, aquelles mesmos que se haviam opposto ao golpe de Estado da maioridade.

Diligenciaram logo os novos governantes em completar a serie de providencias que julgavam necessarias para a unidade do Brasil e estabilidade das instituições imperiaes, providencias que vinham pondo em pratica desde 1837, interrompidas pela curta estadia do ministerio liberal de 24 de julho.

Contando nesse anno de 1841 com a maioria da Camara eleita em 1838 — o que equivale dizer conservadora, o ministerio de 23 de março de 1841 fez votar, além da lei interpretativa do Acto Adicional, a que revivia o Conselho de Estado e a de 3 de dezembro, creando a organização policial nos municipios.

Apoiada nesses tres magnificos elementos, vae a Nação entrar francamente num periodo de ordem e de paz, ou melhor, na expressão de Oliveira Vianna, vae ser 'legalizada'.

Os estadistas do Partido que obedecia a orientação de Bernardo Pereira de Vasconcellos nutriam a convicção irrevogavel de ser preciso restringir o excesso de autonomia e de poder conferido ás Assembléas Provinciaes pelo Acto Adicional, como este cerceára os identicos excessos attribuidos aos municipios pelo Codigo do Processo, em 1832.



Para elles, quer o municipalismo, quer o provincialismo eram as causas mais efficientes do desgoverno em que se vinha mantendo a Nação desde annos antes, sob a perenne ameaça de esphacelamento.

Os liberaes, que haviam ganho, graças aos novos processos de coacção, a maioria absoluta da proxima legislatura, aguardavam confiantes o inicio da sessão de 1842 para sem difficuldade derrubar os seus antagonistas, não contando que os conservadores obtivessem do Monarcha a dissolução da nova Camara. No emtanto, assim se deu e a exacerbação dos maioristas foi levada a tal ponto que não trepidaram em promover o movimento revolucionario nas provincias de S. Paulo e de Minas Geraes; apenas se tornou effectiva a dissolução da Camara dos Deputados logo após o reconhecimento dos poderes. O pretexto se encontrou na pretensa inconstitucionalidade das leis de 1841, a interpretativa do Acto Adicional e principalmente a de novembro, concernente ao Conselho de Estado e a de 3 de dezembro. Mas a verdade é que só após a dissolução da Camara dos Deputados se lembraram os liberaes de invocal-as como justificativas da revolução de 1842. A prova é que tres annos depois, havendo subido ao poder, com Almeida Torres, futuro visconde de Macahé e nelle permanecendo até 1848, já-mais lhes occorreu revogar as citadas leis, de que então usaram e abusaram para se manter no governo. Desta vez lhes tocava ainda galgar os postos de mando por maneira semelhante á que, no dizer do tempo, lhes determinára a queda em março de 1841, isto é, por uma especie de golpe de Estado familiar, qualificado na época de "Manobra do reposteiro da Joanna", euphemismo sob o qual se designou a interferencia de Paulo Barbosa, o mordomo imperial, morador em dependencia da Quinta da Boa Vista, proximo ao riacho baptisado por essa appellation feminina.

A rebeldia surgida em S. Paulo primeiramente e depois em Minas Geraes, ou melhor, em Sorocaba e em Barbacena, foi debellada com relativa facilidade. Foram chefes ostensivos, numa e noutra, o brigadeiro Raphael Tobias de Aguiar e o coronel José Feliciano Pinto Vaz Coelho, depois barão de Cocaes, ambos figuras de grande relevo nas respectivas provincias pelo prestigio de familia e de fortuna, mas que não eram, entretanto, nem os verdadeiros instigadores nem os cabeças reaes da revolução. Atraz delles, aparentemente em plano secundario, mas agindo de facto com preeminencia incontestavel, havia em S. Paulo os Andradas, Gabriel Rodrigues dos Santos e o Padre Feijó, e em Minas, Dias de Carvalho, o Conego Marinho e Theophilo Ottoni.

Caxias — porque já era esse o titulo de barão com que se galardoaram os inestimaveis serviços de Luiz Alves de Lima e Silva — extinguindo a Balaiada, triumphou facilmente dos revolu-



cionarios paulistas, e mais tarde, em Santa Luzia dos Mineiros, posto que desta vez havendo corrido algum risco, de que o livrou a oportuna intervenção de José Joaquim de Lima, seu irmão e futuro visconde e conde de Tocantins.

Apenas suffocada a revolta de 1842, os conservadores mandaram para o Sul aquelle que foi o braço forte da consolidação da paz e da ordem no Brasil, a espada victoriosa e clemente que estabilizou o Imperio e lhe deu os meios de, numa phase nova e plena de exito, inaugurar a consideravel sequencia de providencias e emprehendimentos de que resultou a grandeza do paiz.

De tal modo se portou na terra das Pampas esse immortal personagem, que dois annos depois de para lá haver ido, conseguiu, em fevereiro de 1845, liquidar de todo a Republica do Piratinin e tornar mesmo acerrimos partidarios da unidade brasileira e do regimen imperial os outr'ora indefectíveis seus adversarios. Mais que o exito da estrategia, mais que o apaziguamento das paixões, pelo emprego da tolerancia e da justiça, conseguiu Caxias o seu escopo por aquelle maravilhoso bom senso de que foi a encarnação mais absoluta e ao qual se referiram quantos com elle tiveram ensejo de conviver no Exercito, no Parlamento, no Conselho de Estado ou em qualquer parte onde exerceu a sua efficaz actividade.

A extincção da guerra dos Farrapos, comquanto affirmasse de maneira incontestes as vantagens do governo imperial, exercido pelo Monarcha, e trouxesse um grande alento aos que acreditavam encerrado o cyclo da dissolução irrompido em 1831, não fechou todavia esse triste periodo. Tres annos depois, em Pernambuco, havia de estalar um movimento insurreccional, ultimo éco das tendencias separatistas e dissolventes que o 7 de abril fizera brotar. A *Revolução Praieira*, que começa em 1848 para rematar em principios do anno seguinte, se filia a motivos semelhantes aos que haviam determinado a revolução de 1842 em S. Paulo e Minas.

Certamente na provincia do Norte outras circumstancias occorrem inilludíveis entre as quaes cabe relevancia ao velho e inveterado odio contra o portuguez, o mascate de 1710, o marinheiro de agora. Não resta duvida que naquella unidade do Imperio se não haviam arrefecido inteiramente os instinctos republicanos e separatistas, manifestados em 1817 e 1824, mas desta vez a causa occasional foi a queda da situação liberal em 1848, isto é, o despeito e a raiva dos liberaes pernambucanos por se verem derribados do poder e das posições. Em algumas cidades da provincia, e maxime na capital, a plebe era pelos *Praieiros*, que se não pejavam de pedir ostensivamente, pelos seus deputados, alguns de grande valor intellectual — Nunes Machado, Sabino Pessoa, Lopes Netto — a approvação de medidas de character essencialmente chau-

vinista, ou, como se diria hoje, jacobino: nacionalização do commercio a retalho, expulsão dos portuguezes solteiros, etc. A falta de energia do presidente, que os conservadores haviam nomeado, Herculano Ferreira Penna, contra o qual se rebellaram os liberaes, prolongou a insurreição por alguns mezes, e só em fevereiro de 1849 Manuel Vieira Tosta, depois marquez de Murityba, lhe poude desfechar o golpe decisivo no celebre e repellido ataque do Recife, em que morreu a personalidade mais pura dos revoltados, o desembargador Nunes Machado, espirito superior e cuja lealdade aos principios e aos companheiros, tocou as raias do incomprehen-sível. Contrario aos processos revolucionarios, mas suspeitado de defeccão, preferiu calar as idéas razoaveis que professava, e de corpo e alma entrou na peleja de que foi a mais illustre victima, e, desfazendo desta forma, com sacrificio da existencia, as suspeitas que lhe eram intoleraveis.

Com a derrota dos *Praieiros* se encerra o malfadado periodo das luctas civis originadas com a Regencia. Não obstante, complicações externas vão impedir ainda por algum tempo o surgir da época de paz, de ordem e de aproveitamento das inexhauriveis fontes de riqueza e de progresso da nossa terra.

Para as bandas do sul a tormenta desde muito preparada ia rebentar numa guerra que aliás nos deu ensejo de mais uma vez provar a lisura das nossas intenções e o desinteresse do nosso procedimento.

Dominava desde as cercanias de 1830 em Buenos Ayres D. Juan Manuel Rosas, typo acabado de tyranno, á maneira de Francia, Melgarejo e outros infelicitadores dos paizes em que nasceram.

O dictador de Buenos Ayres que, como era natural, gosava de immensa popularidade em sua terra, concebera a idéa de reconstruir em proveito da Argentina o antigo Vice-Reinado do Prata, aggregando ao Paraguay e á antiga Banda Oriental o territorio brasileiro do Rio Grande do Sul e quiçá o de Santa Catharina. Nesse intuito, apenas se firmára no governo, enviou em 1833 para a nossa provincia do extremo o conde Tito Livio de Zambicari, Ruedas e D. Anna de Monteroso, a trefega esposa de Lavalleja, e em muito, os meios empregados por esses propagandistas — e o foram de varias especies — contribuiram para a irrupção da revolta de setembro de 1835, que pouco depois assumiu francamente o caracter separatista e republicano com a proclamação da Republica do Piratinin. Ao mesmo tempo, por intermedio de Manuel Oribe, persistentemente teimou em crear na Republica Oriental uma situação sua. O Paraguay ficaria para mais tarde, quando aplainadas as outras difficuldades, fosse possivel o golpe decisivo.

O Brasil por longo tempo supportou — e força é confessal-o, com incrível paciencia, talvez mesmo excessiva — os maus modos,



a brutalidade e quiçá alguma coisa mais, do terrível caudilho. Chegou mesmo a celebrar com elle um tratado em 1844, felizmente não ratificado pelo dictador. Foi preciso que a opinião publica tomasse franca e audaciosamente a iniciativa para que os estadistas imperiaes se resolvessem a intervir de facto na permanente anarchia do Rio da Prata. Montevidéo, a heroica "Nova Troya", como a chamou Dumas pae, supportava desde 1843 o mais rigoroso dos assedios por parte das tropas de Oribe, creatura de Rosas. Senhor de quasi toda a campanha, o chefe dos Blancos assolava não só as propriedades dos seus compatriotas, como as que em grande numero possuam os brasileiros naquellas paragens. Os rio-grandenses, sobretudo mais lesados por essas rapinas e atrocidades, tinham maior interesse em evital-as e impedil-as. Cansados de esperar providencias energicas e efficazes da parte do Governo, resolveram-se decididamente a luctar pelos seus direitos, e o velho *Chico* Pedro, oficialmente o coronel Francisco Pedro, depois barão de Jacuhy, personalidade de grande evidencia na guerra dos *Farrapos*, contra os quaes denodadamente se bateu, poz-se á frente de numerosos gauchos e invadiu o territorio oriental. Outros brasileiros o acompanharam e o caso se complicou de tal modo que afinal o Brasil, quando a França e a Inglaterra abandonaram os Colorados dominadores da capital sitiada, interveio, auxiliando a principio monetariamente os adversarios de Oribe, e depois indo ataca-lo com o Exercito, sob o commando do Conde de Caxias. A este não foi difficil obrigar os sitiantes a levantar o cerco de Montevidéo e forçal-os com o seu general a abandonar o territorio da Republica, que passou francamente ao dominio incontestado dos Colorados.

Urquiza, governador de Entre Rios, antigo amigo e alliado de Rosas, mas de quem o chefe portenho e com razão suspeitava, sentindo-se na ameaça de ser atacado, deposto e executado, formou uma colligação contra o dictador, na qual entraram o Brasil e os Colorados Orientaes.

A victoria de Monte Caseros, em principios de 1852, determinou a derrota completa das forças de Rosas, obrigado a fugir para bordo de um navio inglez, que o levou para a Gran Bretanha, onde veio a morrer muito velho, em 1878.

A divisão do nosso Exercito, commandada pelo futuro Conde de Porto Alegre, portou-se com a maior galhardia e a mais extremada bravura nesse famoso feito de armas, de que muito justamente se orgulham as tradições do nosso Exercito.

E' exactamente por esse tempo, no inicio da segunda metade do seculo XIX, que, estabilizadas as instituições, posto em jogo o parlamentarismo, fixado o systema rotativo de governo, firmada a paz para o lado do Prata, vae começar a grande, a cyclopica —

na expressão de Oliveira Vianna — obra do Imperio — dos estadistas e do Imperador.

Sob qualquer ponto de vista em que se encare essa colossal obra que se prolonga até a extinção da Monarchia, em cada departamento da actividade humana investigando-se o que foi feito, numa palavra, quanto propulsionaram os nossos dirigentes o avanço da Nação, em todas as manifestações materiaes ou espirituaes, ficasse pasmo ante a magnitude do esforço e as innumeraveis consequencias delle...

Até esse periodo era precario o nosso desenvolvimento nas já então em outras partes perfeitamente accentuadas demonstrações de adeantamento e progresso.

Não tínhamos para bem dizer navegação costeira, nem vias de comunicação, não havia uma estrada de ferro, e de navios a vapor apenas existia um simulacro nas pequenas barcas de rodas que faziam o serviço, desde 1838, entre Nictheroy e Rio de Janeiro e entre os poucos portos da provincia do mesmo nome. O Rio de Janeiro, ainda que capital do Imperio, era a mesma cidade colonial que D. João VI deixára. E por ahí se infere o que deviam ser as capitães das provincias e as obscuras e desconfortaveis cidades do interior. Em 1854, Irineu Evangelista de Souza, depois barão e visconde de Mauá, construiu o primeiro trecho de linha ferrea, que se inaugurou no Brasil, em Frágoso, a pequena estrada de Mauá á raiz da serra de Petropolis. No anno seguinte se constituiu a companhia de estrada de ferro de D. Pedro II, de cuja primeira directoria fez parte o avô do auctor destas conferencias. Pouco depois tinham logar os primeiros trabalhos da S. Paulo Railway e em breve o systema ferroviario se desenvolvia de mais em mais francamente no paiz, auxiliado quer pelo governo geral, quer pelos governos provincias. Todas as iniciativas em pról da navegação a vapor encontraram o apoio do governo, que pelo menos se compromettia a subvencionar novas linhas, de modo que em pouco as viagens para a Europa se fizeram em navios dotados desse melhoramento. Mais ainda do que as companhias que nos levavam ao estrangeiro se cuidou de favorecer as de cabotagem. Instituiu-se o Telegrapho e para logo as principaes cidades do Imperio se ligaram por meio quer do telegrapho terrestre, quer do submarino. Não tardou que o Rio de Janeiro fosse illuminado a gaz, no que o imitaram as capitães das provincias mais importantes e após, muitas outras cidades do Imperio. O mesmo afan de vantagens, concessões e privilegios se extendeu ao abastecimento de agua e á installação de exgottos na capital do paiz e nas das principaes provincias. Em consequencia, o commercio se incrementava, a nossa importação crescia, mas a nossa exportação era ainda maior. De



1860 em diante, a balança commercial pendê para o nosso lado, os saldos são a nosso favor. No que concerne á agricultura e á pecuaria, as verdadeiras fontes de riqueza da Nação, o surto foi ainda maior. Os estadistas de então procuram por todos os meios, estabelecimento de credito, escolas e institutos agronomicos, fomentar a cultura de certas plantas nas quaes o Brasil devia basear a sua prosperidade. Dahi o notavel desenvolvimento das plantações de café nas provincias de S. Paulo, Minas e Rio, do mate nas provincias do Sul, da seringueira no extremo Norte. A nossa receita augmentava de maneira assombrosa, apesar das despesas acarretadas por todos esses melhoramentos. Melhor que qualquer commentario provam as cifras que se vão, citar, como se marchava firme na senda do progresso.

A receita publica, que em 1840 se orçara em 16.500:000\$000, dos quaes apenas pouco mais de 15.500:000\$000 (tudo em numeros redondos) foram arrecadados, subiu a 43.000:000\$000 em 1859. Dez annos depois, em 1869, attingia ella a 94.800:000\$000, o que importa dizer um crescimento decennial de mais de 50.000:000\$000. Quando em 1889 a Monarchia ruiu, o orçamento desse anno consignava uma receita de 145.800:000\$000, com uma despesa apenas de 120.000:000\$000, com um saldo, pois, de 25.000:000\$000 para o exercicio futuro.

Todavia, não foi unicamente no campo da actividade material que se evidenciou o proficuo trabalho do 2.º Reinado.

No tocante á instrucção publica, elle foi digno de nota. E posto que a disseminação do ensino primario carecesse de relevancia, o facto dependeu muito mais das difficuldades oriundas da enorme amplitude do nosso territorio que da imprevidencia governamental. Em compensação, no que diz respeito á instrucção secundaria, o Imperio nos legou os mais memoraveis exemplos.

O Collegio de D. Pedro II, creado por Bernardo Perreira de Vasconcellos, em 1838, mereceu desde logo a protecção do Imperador, que lhe consagrou não só o mais franco apoio como a mais dedicada das affeições. Não se passava uma semana sem que Sua Magestade lá fosse, quer ao Externato, quer ao Internato, e em pessoa assistisse ás aulas, aos exames dos alumnos, dispensando a maior attenção a tudo quanto se relacionava com a marcha desse modelar estabelecimento de educação secundaria. Sabem-n'o todos quantos tiveram a ventura de ali receber os luminosos ensinamentos dos grandes mestres, que lhe eram orgulho e honra, e quem lhes fala neste instante pode attestal-o de maneira precisa e segura. Poucos dias antes de ser proclamada a Republica, quando finalizava o seu 4.º anno de curso, perante o Imperador lhe foi conce-



dida a distincção de ser arguido pelo velho professor de portuguez, o exquisito mas competente Aureliano Pimentel.

Nas escolas superiores foi identicamente benefica a acção do regimen imperial, da parte do Imperador e dos seus conselheiros e ministros. Nunca Pedro II hesitou em escolher para professores os verdadeiramente merecedores quando mesmo publicamente elles trabalhassem contra o regimen que o Chefe da Nação incarnava. Para o comprovar inilludivelmente é bastante registrar os casos de Barata Ribeiro e Erico Coelho, na Faculdade de Medicina, e sobre todos o de Benjamin Constant, positivista e republicano, que, apesar de ser um dos maiores propagandistas de suas idéas entre os alumnos da Escola Militar, não mereceu por isso menos protecção nem recebeu menos favores do Monarcha, que continuamente o cumulou de innumerous.

No capitulo das letras, das artes e das sciencias não se ostentou menor a influencia dos governantes imperiaes, e principalmente nas ultimas a acção pessoal do Imperador se fez sentir de modo inconfundivel. Jámais, individualidade ou associação de feitio espiritual deixou de ter sinão praticamente a ajuda, ao menos o encorajamento do supremo magistrado do paiz. A muitos serviu até a munificencia regia de unico arrimo para a consecução dos estudos ou dos trabalhos. Victor Meirelles, Pedro Americo e sobretudo Carlos Gomes devem ao filho de Pedro I incontestaveis beneficios e a mais larga somma de apoio e de incitamento nas carreiras gloriosas que trilharam: na Pintura e na Musica. E seria um nunca acabar a enumeração de quantos do segundo Imperador receberam sempre honras, proventos e dons, por força de merecimentos literarios, artisticos ou scientificos.

A indole synthetica destas conferencias não permite que se analise em todas as minucias a complexa obra da construcção nacional sobre o 2.^o Reinado. Não é licito, entretanto, calar as numerosas reformas e innovações relativas aos systemas politico e administrativo. Essas, porém, só entram em phase de execução verdadeira quando o Brasil se libertou do entrave que para elle foi a guerra com o Paraguay.

Poucos episodios da nossa Historia teem sido mais acremente julgados, embora por uma minoria de brasileiros, do que esse da nossa contenda com o paiz visinho. O espirito de proselytismo injustificavel e injustificado julga-o, através de escriptos e de opiniões, um dos mais tristes exemplos da perniciosa influencia que por vaidade ou por despeito o segundo Monarcha exerceu entre nós. Por mais que se não coadune com a alçada deste trabalho desfiar minucias relativas á campanha contra Solano Lopez, cumpre desde logo affirmar sem receio de contestação que nem o Impe-



rador, nem os seus Ministros, nem os seus Conselheiros, absolutamente pacifistas, premeditaram, tentaram, promoveram ou sequer desejaram a lucta com o Paraguay. Helio Lobo, nos seus documentados livros — "Antes da guerra", "A's Portas da Guerra", etc. — concernentes ás circumstancias antecedentes e contemporaneas da guerra com a Republica Oriental do Uruguay, em 1864, pretexto de que se serviu Lopez para nos atacar em plena paz — demonstra inconcussamente a nossa excessiva longanimidade, a nossa superior prudencia e — porque não dizel-o? — a nossa quasi ingenuidade para com todos os nossos declarados ou disfarçados inimigos.

Quem ler com attenção toda a correspondencia travada entre Saraiva e Antonio de Las Carreras, ministro de extrangeiro de Aguirre, presidente na hora da Republica Oriental, se espantará da paciencia com que o Conselheiro embaixador brasileiro supportou tantas insolencias.

Não foram os dirigentes do Brasil que determinaram o rompimento, e antes empregaram todos os esforços para evital-o. Em momento algum no Brasil a opinião publica pesou tão relevantemente sobre as decisões governamentaes, como nesse caso com os "Blancos". No parlamento, na imprensa, por toda a parte, o povo brasileiro, e mais que o povo, os rio-grandenses, pregaram a necessidade e a obrigação de repulsa aos processos dos nossos classicos adversarios uruguayos. Ainda assim já se viu como Saraiva fez o possivel e o impossivel para evitar a lucta. Tudo, porém, foi debalde. E' conhecido o desfecho da rapida e gloriosa contenda. Tomado de assalto Paysandú, onde se cobriram de louros os nossos soldados, o general Venancio Flores, chefe dos "Colorados", entra triumphalmente em Montevidéo, onde assume o governo da Republica.

Não se haviam dissipado os écos dessas victorias e chega ao Rio de Janeiro a noticia de que Francisco Solano Lopez, dictador do Paraguay, aprisionára, sem declaração de guerra, em Assumpção, o vapor "Marquez de Olinda", no qual seguia para Matto Grosso o presidente dessa provincia, Carlos Carneiro de Campos, e logo depois a invadira, assolando e arruinando o Sul daquella unidade do Imperio. *El Supremo* se aproveitava da occasião, que lhe pareceu azada, para executar o grande plano, que, megalomano e paranoico, concebera, no intuito de estender a nação paraguaya até o Oceano, á custa da Banda Oriental e de algumas provincias meridionaes do Brasil.

Educado numa escola de despotismo e de tyrannia, tendo herdado do pae, Carlos Antonio, a dictadura que por seu turno aquelle recebera do dr. Francia, mais se lhe haviam avolumado na Côte



de Napoleão III os insensatos desejos da criação de um novo Imperio cujo centro fosse a sua terra natal e que de certo modo reconstruísse o antigo Vice-Reinado do Prata, sonho igualmente brotado na mente de João Manuel Rosas. A sua viagem á França, em pleno apogeu do reinado do filho de Hortencia de Beauharnais, o espectáculo do esplendor militar com que o Imperador dos Francezes procurava a todo o transe dissimular a fraqueza real do seu prestigio e pretendia attestar o seu contestado parentesco com o grande Napoleão, acabou por lhe turvar de todo a combalida mente enraizando nella a utopia que tão caro devia custar aos seus infelizes patricios.

Desde que regressou da Europa, trazendo em sua companhia a que depois o seguiu até o derradeiro instante, a bella Madame Lynch, concentrou toda a actividade na ultimação das obras de defesa do rio Paraguay, iniciadas ao tempo do governo do seu pae por engenheiros militares brasileiros, e dos mais illustres, um dos quaes Willagran Cabrita, teria de ser victima por assim dizer da sua propria obra. No acabamento dessas fortificações, entre as quaes avultava a de Humaytá, no tempo dita inexpugnavel, na organização e preparo efficiente do Exercito, no accumulo de elementos bellicos, em summa em tudo quanto dizia respeito ao preparo de uma lucta tremenda, Solano Lopez não descansou consagrando á realização do seu sonho esforços porventura dignos de melhor occupação.

Comprehende-se, dest'arte, como poude um paiz de população diminuta e inculta, resistir por cinco annos ao embate de tres nações maiores e sobretudo de maiores recursos.

Pela nossa parte, entretanto, os sacrificios foram immensos e tanto mais notaveis quanto de longa data nos haviamos desaccostumado á idéa de guerra, maximé da habilitação necessaria para tal. Sem espirito militar, hostis mesmo, salvo no Rio Grande, ao pendor para as luctas armadas, os brasileiros se mostraram, não obstante, á altura dos acontecimentos, e, nobremente, corajosamente, heroicamente, repelliram a affronta á Patria e se bateram até o fim com um denodo e uma tenacidade que ultrapassaram as previsões mais lisongeiras. Especialmente os dirigentes da Nação, o Imperador, os Ministros dos Gabinetes de 1864 a 1867 foram incansaveis na obtenção de recursos para o Exercito ou para a Armada, na organização das tropas e no mais que se entendia com as necessidades da lucta, despendendo uma energia e uma actividade que os honram sobremaneira e lhes attestam entre outras supremas qualidades as do desinteresse, da honradez e do patriotismo.

(*Continúa*).





TRECHOS DE UM ROMANCE

O desejo está para o amor como o recorde para o atleta. O verdadeiro atleta, o unico que se póde e se deve admirar é aquelle que corre, luta ou nada pelo simples prazer do esporte. A chronometragem de seu *tempo* interessa-o minimamente. Os gregos não tinham relógio.

* * *

Gosto da Suíça. Não por causa do espirito suíço. Esse é pesado, liso, redondo. A linha curva agrada os espiritos superficiaes. Não tem angulos, pontas, irregularidades. A monotonia uniforme da esphera contenta e cansa logo. Mas gosto da Suíça pela calma e pela facilidade da vida. E' uma existencia burgueza e regrada. Assemelha-se áquella que se vive nos internatos e no "seio das familias". Approxima-se do patriarchado nacional sem, entretanto, a prisão tão pequena dos preconceitos. A prisão suíça é mais espaçosa. Os presos não procuram a evasão. São como o cão da fabula que pregava domesticidade ao lobo. — Mas essa marca que trazes no pescoço? — Não é nada — Mas o que é? — Ora, o signal da colleira, provavelmente — A colleira puritana não me desagrada. E, no fundo, o cachorro tinha razão e razões. Penso, como o leito, que a liberdade está em nós, dentro de nós. (Vide Tolstoi).

* * *

A vida é uma auto-suggestão. Eis porque uma analyse semanal é necessaria. E' preciso descer ao fundo do poço, de vez em quando, para limpá-lo.

* * *

O brasileiro é seguramente peor que o inglez ou o francez. Mas é meu irmão. E, entre um irmão canalha e um estrangeiro sublime, não hesito. Procuro o canalha. E' meu irmão.

* * *

A feira dos *boulevards* exteriores é um verdadeiro acontecimento para o povo parisiense. Certa manhã fria e garoenta, de Dezembro, o bairro accorda cheio de casebres ambulantes, de ciganos e de carroções. No espaço de 2 horas as ruas transformam-se num circo. Cavallinhos de pau infatigáveis na correria redonda, rodas gigantes, somnolentas, balanços loucos, tiros ao alvo, roletas viciadas, aeroplanos ansiosos, fixos como os papagaios de nossa meninice, *tobbogans* complicados com todo o requinte das sensações violentas, monstros fabricados em serie, atletas esfomeados, mulheres de barbas, *camelots* sebentos... O barulho e a festa se vão prolongar até o dia dos reis. A' noite os *bonnets* cinzentos invadem as calçadas, e as costureirinhas, com risos e gritinhos, tomam de assalto os divertimentos. Nada no Brasil pôde dar uma idéa, mesmo vaga, de tal festa. O proprio carnaval é diferente. Na feira ha mais alegria e menos turbulencia. Os resultados, porém, não variam. Contam-se por milhares os casos tristes e as *perdições*. Quanta mocinha romantica acaba a noite num hotel vagabundo, sobre o leito indifferente, acostumado a todas as dores e a todos os prazeres... Do *tobbogan* histerico á casa de *rendez-vous* o caminho e pequeno e facil. As escadas que conduzem ao sotão acolhedor, não sobem, descem O rapaz elegante, amavel e que se esquece, no dia seguinte, de voltar, nem sempre é o mais perigoso. Ha tambem o moleque cynico e, sobretudo, o *caften* pesado que gruda como um carrapato na pobre victima e a conduz na vida com golpes sabios de volante. O trafico das brancas principia sob o olhar condescendente de mil e uma lampadas e vem acabar num paiz longinquo, de dinheiro forte, atraz dos cilios nocturnos das venezianas...

* * *

Comprehendo a bohemia, mas ella deve ser o cumulo da liberdade individual com todas as suas consequencias e virtudes: impertinencia, audacia, fantasia, egoismo, monoculo, amor da forma. Nunca, porém, a gravata preta, o chapéu artista, as unhas sujas. Essa bohemia engendrou a literatura do desespero e do suicidio. Que ridiculo!

* * *

Partiram a tardinha para uma fazenda visinha. Duas leguas apenas. Agora o terreno mais secco fazia crescer rapidamente os pinheiros. A floresta transformara-se aos poucos, Entraram numa



clareira. O terreno era limpo. De longe parecia um campo de *football* em dia de tempestade: todos os guarda-chuvas abertos.

São Paulo-Rio. Cincoenta mil pessoas. Pé de anjo! Pé de anjo! ...o anjo bom, o anjo da guarda que guarda os guardas que guardam a gente... Sem elles quantos crimes! Não ha anjo da guarda na floresta; elles têm medo do Sacy... Na Europa ha guardas floresteiros... A vanguarda, a rectaguarda... Os futuristas que aguardam os annos e os parnasianos que os annos guardam... e os guarda-roupas e os guarda-apos e o guarda-chuvas... Guarda il mare quanto é bello... o anjo bom, o anjo da guarda... guarda-comida... o almoço detestavel, o café frio, a má digestão, os solavancos do animal...

Melancolia, melancolia, eterna irmã, fiel e pallida, de mãos callidas sobre a fronte...

O caminho é estreito, esburacado, pantanoso. Os cavallos es-corregam. Soffrem. Pensam. Não comprehendem. São medrosos e pacientes. Parecem bois. Si os homens fossem cavallos e si os cavallos fossem homens! Paulo sorri.

Um tronco deitado, rugoso, sucury.

— Já se avista o viveiro, murmura Tavares.

— Vamos.

Anoitece.

A impaciencia impurrou Paulo pela porta fóra. Deixou o quarto do hotel modesto e sahiu. O porteiro folheava uma revista. Na rua a cerração. Subiu a Avenida São João indifferente ás perolas dos terrenos da Lapa e á inquietação dos cigarros Sudán. Tomou o primeiro bonde das Perdizes. Era terça-feira. Distrahiu-se na observação do relógio. O conductor marcava quatro e recebia cinco, mas nos ouvidos de Paulo o barulho era de seis.

Desceu na rua Margarida.

Na fundo um *bungalow* guardava um olho aberto no primeiro andar. O preto abriu a porta do jardim pequeno onde havia uma serenada de hortensias.

No salão uma duzia de rapazes. Discutiam com pilherias. Ouviam-se varias linguas. Um poeta francez discorria sobre arte negra. Era pequeno e entroncado. Perdera um braço na grande guerra. Agitava o toco com autoridade, batendo o compasso durante a symphonia verbal. Um pintor russo de rosto infantil e olhos doentes, conversava com um suisso magro. Um genio mal vestido, ruivo e outomnal, *garçon* de café em dias negros, descobria um Amazonas anti-diluviano entrecortado de suspiros e de recordações esfomeadas. Um dia que se queixara de não ter comido, um hominho malicioso, de pínce-nez offereceu-lhe um aperitivo. O dono da casa era alto, feio e meio caréca. Apostolo de nova religião, tinha



discipulos como Christo e era martyr entre os phariseus. Um mo-
cinho de oculos e pescoço alto, profundamente antipathico, citou
o Padre Vieira. Autor de poemas giratorios, desejava ser um aereo-
plano. Appellidavam-no o xaradista. Mas possuia imagens raras
e um enthusiasmo communicativo.

Nessa noite esperavam um portuguez gordo e enlambusado,
opportunistta e paradoxal. Parecia um padre irreverente. Alimen-
tava-se de trocadilhos e, bom alchimista, transformava chapas offi-
ciaes em tolices bem vestidas. Era todo forma, e era ôco. Distin-
guia mal D'Annunzio de Mallarmé, e Collete de Max Jacob. Con-
ferenciava. Depois do malabarismo, Paulo recitava com volupia.

"Minha Londres das neblinas frias..."
esse poema simples como a poesia.

* * *

Em São Paulo, o calor de Dezembro, cahia pesado, com chu-
varadas quentes. De repente o céu abria-se numa gargalhada e os
rios nasciam, cuja correnteza carregava lama vermelha e barquinhos
de papel. Minutos depois brilhava um sol abrazador, chupando os
riachos como laranjadas.

(De Paulo e Virginia).

SERGIO MILLIET





O SR. MONTEIRO LOBATO

Renome apequenador devera ser a epigraphe deste ensaio, porque a consagração pouco vulgar, que nimbou rapidamente o glorioso escriptor paulista, sr. Monteiro Lobato, com a divulgação do seu livro "Urupês", empana-lhe, em parte, o fulgor do nome, aos olhos dos que, desconhecendo ainda o seu valor mental, procuram julgar-o de viso proprio, tomando como ponto aferidor na sua obra, para o julgamento, este livro optimamente reputado e geralmente tido como a obra capital do autor.

E' um juizo desassisado e clamoroso.

De feito, rarissimas têm sido entre nós as estreias coroadas, assim brilhantemente, de exito triumphal.

Não sei se ainda haverá burgo provinciano, rincão habitado, confins do Brasil, aonde, num rumor de enthusiasmos, não hajam chegado as ultimas vibrações da aura popular que agitou e impelliu victoriosamente o nome do pioneiro illustre do regionalismo naturalista.

E' que o evangelizador supremo da nossa mentalidade já o apontára á nação.

Não vimos, agora, negar valor ao sr. Monteiro Lobato; muito ao contrario; porém, queremos reivindicar os seus direitos a melhores titulos do que o de criador do Jéca. Teimam em chamal-o sempre de autor do "Urupês", como foi Raymundo Correia o poeta d'"As Pombas", apesar dos muitos sonetos impeccaveis e mais elevados que escreveu, grande copia dos quaes vulgarizada, hoje.

O facto de haver Ruy Barbosa citado o Jéca, não quer dizer que seja esta precisamente a melhor criação do sr. Monteiro Lobato; significa que é, no momento, a que melhor quadrava para illustrar-lhe a these defendida.

Cabe acrescentar ainda que, então, era reduzida a obra do sr. Monteiro Lobato, e não tinha o relevo inconfundivel que já possui, agora.

O que caracteriza o nosso mercado de livros é justamente a falta de característica. Ha carencia quasi total de personalidades



literarias. No geral os nossos homens de letras, ou não têm força de se personalizar, ou, immensamente tímidos, lhes falta coragem moral para romper com preconceitos e normas, estabelecidas, sem duvida, para os que não contemplam as nossas paisagens e desconhecem os conflictos moraes e psychologicos da nossa vida.

O Brasil, pimpolho nutrido, alentado e bem crescido, já anda em tempos de dispensar tutelas e mentores.

Temos trabalhado muito até aqui na copia e no decalque dos processos, das idéas e até dos sentimentos europeus, notadamente gaullezes. E quando os abandonamos é para cair no fetichismo e no deslumbramento das cores vivas e dos ruidosos guisos com que a ousadia *yankée* encobre e traveste a sua falta de pendores estheticos e o seu estouvamento de rapaz viril, irrequieto, que tem dinheiro, alegria e muita saude, mas que não tem polidez e, com o cynismo da ignorancia, vae escandalizando os entendidos e profanando as coisas veneraveis.

Porque os Estados Unidos são o barbaro formidavel que banalizou o mundo, apagando o fruto de alguns seculos de arte, com o advento da era do jazz-band e do *shimmy*.

Assimilemos o que o estrangeiro tem de bom e, depois, não o copiemos servilmente. Volvamos os olhos para nós mesmos.

O campo que temos a lavrar é vasto e o nosso labor dispensa, não só os contingentes estranhos, contrarios á nossa indole, como ainda as muletas de classicismo, indispensaveis para alguns retardatarios.

Attentem os nossos escriptores que, além da graça gaulleza, do atticismo grego, do glorioso purista, ha outras virtudes de escriptor que devem ser consideradas seriamente.

E entre estas algumas ha mais legitimamente praticaveis para nós, porque casam harmonicamente ao nosso meio. Não vale isto dizer que devam os nossos polygraphos asphyxiar os surtos franco-gregos espontaneos de suas intelligencias; ao contrario: julgamos que cada um deve seguir as tendencias naturaes da sua individualidade. Ninguem, mais do que nós, se extasia ante uma pagina anatoliana cheia de graça, de elegancia, de volupia, de malicia, subtilidade ou de legitimo humor britannico, temperado, casto, equilibrado, tão amigo da cartola e do monoculo. Mas, muita cousa que foge destes moldes e da sobria medida grega e da rigidez classica, pôde ter belleza, arte, espirito, *verve*.

O quadro das nossas aptidões mentaes é vasto.

Cabem dentro delle as mais diversas modalidades.

Todo paiz em formação, toda intelligencia nova, conta recursos infinitos, reservas de energia surprehendentes.

E' a época plastica por excellencia, a em que o organismo tem espantosa flexibilidade. E' uma phase ainda mais acquisitiva que



productiva. Por isso é que quasi tudo o que fazemos está eivado da influencia, da assimilação dos estrangeiros. Mas, por isso mesmo, desde que mudamos, ainda, a bel prazer, o rythmo da nossa vida, e somos capazes de nos apoderar das boas qualidades alheias e crear aptidões novas, porque a nossa intelligencia pôde aprendel-as e abrasileiral-as, corrigindo-lhes as asperezas e expurgando-as de defeitos, no sentido de harmonizal-os ao nosso meio sem que restem grosseiros exotismos, é que não vemos onde o mal destes commettimentos. Tudo concedemos, com tanto que não transponham os limites da influencia e da assimilação intelligente, com a copia servil e o decalque. Tudo.

Mas, com maior satisfação e mais justificado alvoroço recebemos o escriptor que nos traga um punhado de coisas novas, proprias, essencialmente nossas, brasileiras.

Qualidades destas, vamos encontral-as no sr. Monteiro Lobato, em quem vemos um dos mais intelligentes analysts da nossa vida.

Observar para narrar a impressão da retina visual e mesmo auditiva, é função de mediocres, a que vulgarmente chamam realistas. Mas observar com todos os recursos que empresta o talento, penetrando, compondo, prevendo, deduzindo e concluindo, é tarefa que reclama condições especiaes e carece de faculdades superiores.

São raras as pessoas assim magnificamente dotadas dessa intuição maravilhosa.

Foge o sr. Lobato de todos os canones escolares e dos moldes classicos.

Que é um escriptor naturalista, ninguem o contesta, mas tem personalida impetuosa e forte em demasia, para sujeitar-se aos grilhões do sectarismo e, por isso, não se filia ao realismo psychologico dos modernos escriptores, nem mesmo á maneira livre e medida em que esplendeu o genio de Machado de Assis; muito menos ainda será um cultor do physiologismo de Zola ou do sexualismo da primeira phase de Eça.

A sua individualidade assume aspectos ainda não codificados; é um caso imprevisto. Entre nós, raros têm tão desenvolvida esta faculdade extensiva de tratar com igual maestria coisas varias, esgotando sempre os assumptos versados ou criticando com clareza de espirito as questões debatidas. Dramatiza com uma intensidade vital tão forte que humaniza as criações mais singulares, dando-lhes um cunho de realidade viva.

Sua índole combativa assume por yezes uma feição pejorativa, mas não ironiza de leve, porque o seu poder verbal e os impetos de um temperamento insoffrido esmagam, retalham, escorcham, carneiam.



Por isso, ha recantos da sua obra que apavoram com esse terror vago que nos vem do ignoto, ou da magestade luminar do firmamento á noite, ou de esplendor grandioso das immensidades.

Sua linguagem é forte, incisiva, movimentada, com um traço de fructo novo e acido que parece emperrar a lingua, obrigando, pela dicção singular, um saboroso effeito onomatopaico.

Tem, por isto, ao nosso ver, todas as qualidades que definem o contista.

Em geral toma o assumpto e o trata firme de pulso, tracejando com largueza e precisão a contextura da idéa. D'ahi resulta um vigoroso impressionismo, onde ha sobretudo força e saude. Um fragmento de um dos seus contos não daria medida estimativa do escriptor, o que não succede com Machado de Assis, por exemplo, porque articula o entrecho por modos a fazer resaltar, sómente, a acção narrada, em bloco. Mesmo quando detalha não deixa a visão do conjuncto.

Sabe, no entanto, compor um rendilhado de phrases estylizadas á maneira das grandes symphonias de Fialho d'Almeida. Não lhe faltam para isso finura, delicadeza e precisão de sentimentos aguçados, recursos plasticos e flexibilidade linguistica.

Mas prefere quasi sempre as grandes orchestrações metallicas.

A critica ligeira dirá, ao emittir razões sobre o sr. Monteiro Lobato, que elle exaggera os factos.

Certamente, mas quem pinta *charges* de um fogo combativo igual ao seu, tendo em mira a actuação dynamica na sociedade, deve carregar fortemente nas tintas cruas, avivando as arestas aguçadas das contingencias dolorosas. Elle, através deste apparente pessimismo, faz critica constructora; ou melhor, reparadora.

Os seus combates ferozes, sem reticencias, põem a sensibilidade e a intelligencia do leitor em carne viva. São como um reconforto propinado a certas dores moraes, e fazem voltar um pio olhar de sympathia ao mundo soffredor dos desafortunados.

Carece, pois, o sr. Lobato, de traçar estes quadros sombrios e esta galeria de figuras tenebrosas, porque só assim conseguirá o relevo impressionante dos seus pamphletos estylizados em contos.

Agora, para que não lhe falte o traço director das grandes obras, que vingam as gerações e as fronteiras — o tempo e o espaço — ha sobre tudo um gargalhar sonoro, amassado de lagrimas e soffrimentos que faz do sr. Lobato um grande humorista; portanto, um escriptor grave, que deve ser tomado muito a sério, porque nada ha tão consideravel em literatura como o humorismo. Não o riso ingenuo da puerilidade que tanto ama o espalhafato dos clowns. Mas o grande riso homerico, o humorismo perturbador das

obras immortaes, que esconde aos olhos inespertos a amargura e a dor sombria.

Abalancemo-nos, porém, a bosquejar ensaio mais directo sobre a productividade literaria do sr. Lobato, embora emittindo juizos pessoaes, desde que, como já muito avisadamente alertámos algures, o dogmatismo em critica, como em tudo, não passa de insidiosa miragem.

E pois que o sr. Lobato se estreiou em letras como contista, e o conto assume relevo primacial nas suas composições, comecemos por ahí nossos reparos.

Já de passagem notamos que o estylo do sr. Monteiro Lobato é de calhar para o conto mais que para toda outra feição literaria. Reconhecemo-lhe neste genero as virtudes capitaes por nós precomisadas. E porque vimos, assim, contrariar, talvez, preceitos de uso corrente, é que frisamos bem o personalismo dos nossos apuntes criticos.

O conto requer efabulação original rica de interesse, vibração emotiva e movimento, qualidades estas que devem ser fortemente intensivas para captar de prompto o interesse do leitor e galvanizar-lhe os nervos. Portanto, a violencia e as côres gritantes, são, ao envez de excessos, características meritorias.

Sendo relativamente curto o tempo que se occupa na leitura de um conto, torna-se necessaria uma carga nervosa de alta tensão, accumulada rapidamente.

O desfecho, para impressionar vivamente, não deve ter preparo lento; convém, muito ao contrario, resolver bruscamente a situação criada. D'ahi ser o imprevisto uma das soluções que melhor satisfazem.

As dimensões da composição não permittindo inteirar o leitor de minudencias, é preciso supprir as omissões pela vivacidade e pelo movimento da execução. Ora, a linguagem do sr. Lobato se caracteriza pelo arremesso dos impetos e pelo colorido excessivo. Ha na sua prosa constantes imprevidos — optimos estimulantes, portanto, para os sentidos, que agem por contra-vapor na intelligencia e nos sentimentos.

Não menos vigorosa que a sua linguagem, é a sua phantasia, a sua idealidade fecunda, onde se colgam as mais sensatas idéas e d'onde brotam os imaginosos contos que são pretextos, vehiculos apenas para a exteriorização dellas.

Não concordaremos que possua o sr. Lobato vocação de escoli para trabalhar o romance ou mesmo a novella. Ha de conseguir se o tentar, mas terá que modificar-se um pouco; do contrario comporia livros perturbadores e exhaustivos, porque tem muito tumulto, bastante para atordoar o leitor, além de esgotar-lhe a resistencia physica pela vibração nervosa continua. Precisaría diluir,



GALERIA DOS EDITADOS



DR. LEONARDO PINTO,

autor da "*Conjugação de verbos regulares, irregulares e defectivos da lingua italiana*", e outros trabalhos.



esbatendo um pouco, a linguagem, para adquirir serenidade e moderação.

O romance, de acção demorada e proporções mais vastas, requer elaboração mais apurada, mais unidade no estylo, menor vigor na phrase e menos intensidade vibratoria.

Melhor capacitado para o conto, pois é nelle que o sr. Lobato tem as melhores possibilidades de se afirmar o maior das nossas letras.

Sob este ponto de vista, encarando o Maupassant brasileiro, estudemol-o através da sua obra, começando pelo "Urupês".

Com ser uma das mais fortes collectaneas de contos que opulentam a nossa literatura de ficção, é também "Urupês" o livro do sr. Lobato em que mais vivamente se manifestam os defeitos e as imperfeições da sua technica.

Aliás, sendo o primeiro que escreveu, é natural que se notem nelle falhas que não afeiam obras posteriores.

Ha em quasi todo elle uma rudeza que denota falta de longo treno na escripta, incertezas, indecisão no character das qualidades dominantes do escriptor, que tão bem se accentuaram depois no "Macaco que se fez homem".

No desenvolvimento dos contos, um dos processos mais expressivos, e portanto dos mais efficazes, por dar á composição desenho vivo e tracejo largo e firme, é dispol-a em duas etapas successivas, quasi simultaneas: — a primeira geral, descriptiva, para criar a atmosphera moral, o ambiente preparatorio; a segunda, particular e analytica, motivo central do conto, cuja acção vae enquadrar-se intelligentemente, numa integração directa, á synthese esboçada antes.

Partem, pois, os que adoptam esta technica, da generalidade synthetica, restringindo-se á especialização analytica.

Gosta o sr. Lobato de seguir este methodo que illustraremos com exemplificações: No "Boccatorta" começa bosquejando succintamente o sorvedouro; segue depois a narrativa da acção, aparentemente alheia ao abysmo tragador de vidas, até o instante da integração do facto á sua chronologia pelo tragico epilogo do "Boccatorta".

No "Mata-pão", depois de apontar na matta o vegetal ingrato, vem a historia da fazenda, que remata filiando o heroe ao mesmo parasitismo assassino.

Creemos ser desnecessario apontar ainda outros, como "Choo-Pan", "Um supplicio moderno..." que foram tallhados nos mesmos moldes.

Ha neste processo factores de suggestão que muito avigoram a narrativa. Gosta ainda o sr. Lobato de usar a maneira antithetica, que consiste em dispor a acção do conto em dois quadros diversos,





esbatendo um pouco, a linguagem, para adquirir serenidade e moderação.

O romance, de acção demorada e proporções mais vastas, requer elaboração mais apurada, mais unidade no estylo, menor vigor na phrase e menos intensidade vibratoria.

Melhor capacitado para o conto, pois é nelle que o sr. Lobato tem as melhores possibilidades de se affirmar o maior das nossas letras.

Sob este ponto de vista, encarando o Maupassant brasileiro, estudemol-o através da sua obra, começando pelo "Urupês".

Com ser uma das mais fortes collectaneas de contos que opulentam a nossa literatura de ficção, é também "Urupês" o livro do sr. Lobato em que mais vivamente se manifestam os defeitos e as imperfeições da sua technica.

Aliás, sendo o primeiro que escreveu, é natural que se notem nelle falhas que não afeiam obras posteriores.

Ha em quasi todo elle uma rudeza que denota falta de longo treno na escripta, incertezas, indecisão no character das qualidades dominantes do escriptor, que tão bem se accentuaram depois no "Macaco que se fez homem".

No desenvolvimento dos contos, um dos processos mais expressivos, e portanto dos mais efficazes, por dar á composição desenho vivo e tracejo largo e firme, é dispol-a em duas etapas successivas, quasi simultaneas: — a primeira geral, descriptiva, para criar a atmospherá moral, o ambiente preparatorio; a segunda, particular e analytica, motivo central do conto, cuja acção vae enquadrar-se intelligentemente, numa integração directa, á synthese esboçada antes.

Partem, pois, os que adoptam esta technica, da generalidade synthetica, restringindo-se á especialização analytica.

Gosta o sr. Lobato de seguir este methodo que illustraremos com exemplificações: No "Boccatorta" começa bosquejando succintamente o sorvedouro; segue depois a narrativa da acção, apparentemente alheia ao abysmo tragador de vidas, até o instante da integração do facto á sua chronologia pelo tragico epilogo do "Boccatorta".

No "Mata-pão", depois de apontar na matta o vegetal ingrato, vem a historia da fazenda, que remata filiando o heroe ao mesmo parasitismo assassino.

Creemos ser desnecessario apontar ainda outros, como "Choo-Pan", "Um supplicio moderno..." que foram talhados nos mesmos moldes.

Ha neste processo factores de suggestão que muito avigoram a narrativa. Gosta ainda o sr. Lobato de usar a maneira antithetica, que consiste em dispor a acção do conto em dois quadros diversos,



um diptico antagonico, por assim dizer, como no "Estigma" e em "Colcha de retalhos".

No primeiro processo apontado, o leitor intelligente prepara o espirito na parte geral introductora, para receber a mais forte impressão do conto. No segundo, porém, os dois quadros se completam e são igualmente necessarios para o entendimento; tomados separadamente, deixam a acção incompleta.

Affigura-se-nos "Boccatorta" a melhor pagina do livro; é modelar pela inspiração e pela composição. O sr. Lobato realizou-o admiravelmente, communicando ao leitor, de par com o motivo scientifico, a actuação do subconsciente no caso, as impressões de horror e asco, como foi, sem duvida, o seu fim.

Esta poderosa faculdade de esteriorizar impressões lembra o infortunado Euclydes da Cunha.

As demais composições citadas são de relevo notavel, excepção apenas do "Choo-Pan", frouxo e monotono; salva-o a transfiguração final do caboclo pela piedade paterna — dor sombria da sua desventura, que aflora em piedade commovida, quando, fazendo-nos subir de ponto a emoção, tenta encontrar a cabecinha de Pernambuco. "Os Pharoleiros" exerce um poderoso fascinio pelo tenebroso da dramatização.

"Boccatorta", "Pharoleiros", "Engraçado arrependido", "Colcha de retalhos" e o "Estigma" são as melhores paginas do livro.

O conto "Urupês vale muito porque revela mais amplamente a indole combativa e pelo fundo verdadeiro sobre que assenta; mas como valor artistico está aquem destes cinco. Todo o seu valor consiste e repousa no grito sincero do patriota; impressiona porque real. Tão grave, doloroso e triste, só o "Engraçado arrependido" quando é bem lido. E' ainda nelle que raia o regionalismo naturalista, ou mais propriamente: realista, porque até então conheciamos o regionalismo heroico.

Para finalizar citaremos "Bucolica", pagina lyrico-pantheistica, que de preferencia interessará os mais intellectualizados e que desperta amiga sympathia ao autor, porque lhe aponta a alma preñhe de bondade até os mais reconditos refolhos.

Condições imprevistas, que nos impedem agora de alcançar "Negrinha", "Cidades Mortas" e outros livros do sr. Lobato, de que novas leituras permittiriam colher contingentes subsidiarios para este trabalho, reavivando velhas suggestões que o tempo esbateu, restringem o nosso estudo, cerceando-lhe mais larguezas de vistas e maior amplitude critica.

Manda, pois, o nosso esforço de sinceridade que narremos perfunctoriamente as nossas impressões sobre alguns destes li-



vros, notando apenas o resalto das notas mais vivas que nos forçaram a atenção, riscando a retentiva.

São repositórios de contos que se entroncam perfeitamente na obra do sr. Lobato, e se filiam naturalmente aos seus já apontados processos de composição.

Em "Cidades Mortas" predomina a feição satyrica, o ridiculo das situações, o grotesco das attitudes; ha por isso um riso mais franco, mais largo, mais despreoccupado. Em "Negrinha", através do sadio humor, está a ironia dolorosa, a revolta ante as fatalidades inevitaveis da vida, uma piedade mais viva no encarar as miserias sociaes frente a frente, combatendo-as directamente; portanto, feição romantica mais accentuada e mais opulenta fonte criadora de energias reconstructoras.

Perlustrando estes livros do sr. Lobato, é facil apurar o que lobrigámos e affirmamos, nos contos: "Luzeiro agricola", "Espião Allemão", "Fígado indiscreto", etc., no primeiro; "Negrinha", "Os negros", "Imposto unico", etc., no segundo, além das duas paginas agudas de analyse que são "O bugio moqueado" — alma perfeita dum bandido tyranno imbuido de idéas de honra, e esta delicadissima e percuciente historia do "Jardineiro Timotheo", que não tem parellas no genero, dentro das letras brasileiras.

Ha qualquer cousa de tragico e sobrenatural na figura veneravel deste doce velho, quando prognostica a má fortuna que ha de pesar no futuro sobre os destruidores da sua vida.

E' uma attitude comica, mas duma grandeza magestosa que deixa um vago pavor e uma piedade maior ainda.

E' preciso ter pelas dores alheias o carinho e a compaixão que revela o sr. Lobato, para comprehender a immensidade insondavel de certas tragedias aparentemente mesquinhas.

Outra facies da obra do sr. Lobato que merece attenção mais demorada, é a sua modalidade critica, ou, mais apropiadamente, a sua feição de commentador interessante.

Falando em critica, em se tratando de personalidade intellectual do seu porte, é natural avulte ao pensamento o critico literario, e encarado como censor o sr. Lobato é pouco reconmendavel. Falta-lhe aptidão, mais serenidade e talvez ainda um estudo coordenado de literatura.

Pôde ser, entretanto, orientador de opiniões, porque tem gosto, mas só dá impressão nitida do conjuncto; não detalha nem traça a rigor um perfil literario.

Para uma campanha de vulto, para o entendimento de um movimento geral que não exija esquadrinhamentos, para insufflar en-



thusiasmo na alma das multidões, contem com a sua acção decisiva e forte, que tem altas qualidades glavanizadoras. Haja a sua campanha em prol da criação do nosso estylo architectonico; a analyse em bloco do livro "Rondonia"; o bello artigo sobre a pintora Malfatti.

O mesmo diríamos do "Onda Verde", onde trata com o mesmo sabor de estylo e igual pittoresco de *verve*, assumptos varios, dispersos no jornalismo.

São artigos interessantes que se leem com agrado e que esfloram sempre assumptos palpitantes, a que o sr. Lobato imprime um cunho de novidade e faz resaltar a face comica, com a maneira toda sua de escrever.

Isto faz que os seus artigos, revelando outra *facies* do seu talento, não destoem dos contos e estejam perfeitamente integrados na sua obra.

No livro "Mundo da Lua", de character essencialmente fragmentario e em que o sr. Lobato apresenta interessantes motivos para pensar, ha varias cousas sem nenhum valor, que melhor fora haver deixado no esquecimento. A ansia de publicar mais um livro levou-o, de certo, a enfeixar tudo aquillo num volume e atiral-o á publicidade. Para isto e com o fito de melhor recheial-o, tomou alguns assumptos já tratados no "Cidades Mortas" e pol-os na collectanea textualmente reproduzidos.

Felizmente quatro ou cinco miniaturas, verdadeiros comprimidos pelas dimensões e pela densidade do pensamento, salvam os fragmentos philosophicos do sr. Lobato duma critica severa e sem remissão.

Afóra isto ha tambem no livro algumas annotações judiciosas de critica impressionista e uns seductores flagrantes da alma infantil, que valeria seleccional-os para collectanea mais cuidada.

Destacados alguns dos melhores contos dos livros que medeiam entre "Urupês" e o "Macaco que se fez homem", vejamos o que de melhor nos offerece este ultimo:

No "Macaco que se fez homem" é que se affirmam já inteiramente desabrochados os dotes literarios com que a natureza prendou o talento do sr. Lobato.

E no concerto dos predicados que hão de assignalar, um dia, a literatura brasileira, quando ella repontar virilmente personalizada do cháos de agora, avultarão estes com que o sr. Lobato foi generosamente aquinhoado, por munificentes graças da deusa que preside os destinos da nossa intellectualidade. Parece que a Minerva brasileira entornou prodigamente sobre a sua clara intelligencia a

cornucopia das suas mais seductoras mercês. Porque a profusão dos pendores que repontam nella, cada qual mais loução e forte, é toda ella característica da nossa grandeza indisciplinada. Ha nelle como o reflexo das forças indomadas que tumultuam nas brutas regiões incultas dos sertões brasileiros.

E por isso consideramos o sr. Lobato o mais representativo homem de letras de nossa patria.

Se Ruy Barboza tem mais grandeza, mais genio e maior fogo tumultuario, tem tambem uma cultura intensa, muito européa, que imprime em sua obra uma civilização pouco brasileira e umas inclinações preferenciaes visivelmente britannicas, que induziram o sr. Mario Bello a asseverar ser a Inglaterra a sua patria espiritual.

Neste particular talvez lhe disputasse a palma Euclides da Cunha, se tivesse fixado os seus olhos penetrantes nos clamores da humanidade, traduzindo pela ficção as angustias da vida. Quanto a Machado de Assis, apesar de, contrariamente ao que se diz, ser um escriptor genuinamente brasileiro e o mais perfeito da lingua, nunca poderá ser legitimo representante nosso por mingua absoluta de um veso radicado em nossa índole.

E' que o brasileiro gosta de dar na vista, é excessivamente vaidoso e Machado de Assis quer passar despercebido; escreve forcejando por esbater as impressões vivas, procura attenuar o effeito das phrases e policia rigorosamente os impetos da phantasia. Pode-se dizer que não cultiva nos seus jardins interiores esta flor mystica da idealidade que se chama arroubo.

Num ensaio em que pretendemos brevemente analysar as mais altas virtudes de Machado, diremos por que, contrariando o que já escrevemos algures, julgamos profundamente brasileira a sua obra.

"O macaco que se fez homem" é um livro admiravelmente acabado e em que, como dissemos, se firmam os pendores do sr. Lobato. Perpassa em todo elle um humor forte em que a arte modelar de Machado de Assis parece ter exercido um controle definitivo sobre a viveza crúa e excessiva do impressionismo do autor, tão caro ao genio luminar e bilioso do portuguez Fialho — um dos mais poderosos domadores da lingua, e que, como o sr. Lobato, empunhava o látigo formidavel do seu verbo para tanger os desmandos e os erros dos homens.

No primeiro conto, "Era no paraiso..." acha o sr. Lobato as palavras magicas com que Jeovah vaticinou os destinos terrenos e regulou o mecanismo da vida: "Comei-vos uns aos outros e nos intervallos amai".

Porque se a senha do Criador não foi esta, houve, então, uma perturbação cosmica que truncou os destinos e alterou a essencia fundamental da sentença divina.



Apesar do ranço de pessimismo que pode embeber de tédio as almas adolescentes, o fundo de verdades dolorosamente ridículas para a espécie humana que enche estas vinte paginas, assignala a retina poderosa do autor.

O estylo, sem perder as virtudes preponderantes, é mais unificado e sereno que nos outros livros, o que exprime haver o sr. Lobato disciplinado o tumulto das forças interiores, modelando a expressão crystalizavel da sua arte e fixando a feição esthetica dominante.

No "Nuvem de gafanhotos" recorre ao artificio, habilmente explorado, de fazer rir pelo contraste e pela repetição monotona.

O primeiro caso exemplificaremos com o facto de haver o Venancio comprado um sáfaro terreno, apenas com a nota melancholica de ruinarias muito de povoar a phantasia a "vates de cabelleira", quando, longe disso, o que lhe convinha era iberdade local.

Outro exemplo a adduzir é a serie de conselhos inesperados do "primo" Lalau, as familiaridades, as scenas da chegada á fazenda, etc. Do segundo caso citemos os nomes das moças Babá, Bibi, Bubú; Fafá, Fifi, Fufú.

"Tragedia de um capão de pintos" é em todo o livro o conto mais humano, profundo e interessante, em nosso juizo. Como é sincero, observado e, sobretudo, triste! Quanta amargura resignada!

O sr. Lobato soccorre-se de symbolos humanizados pela dôr e faz vida, não conto. Faz vida, mas não na explica nem a interpreta, como um sabio; contempla-a desolado, como um sceptico.

Sob a larga rajada de humor que esconde o âmago destas paginas ha tanta dôr, que se diria havel-as o sr. Lobato gravado a fogo com um estylete de bronze, á rubra, na intimidade medullar dos seus leitores, ao mesmo tempo que leve titillação de dedos na epiderme provocasse uma contracção facial de riso nas contorsões musculares da dôr. Tal os é a distillação de maguas por entre risos da funda tragedia do capão Peva.

E que flagrante mais verdadeiro do coração humano que o admiravel commentario sobre o judeu do "Estudante Baptista"?

Na conclusão a que chega levado por argumentação logica impeccavel, não palpita uma tão viva realidade, e não vale ella por todo um opulento tratado de psychologia?

Este ultimo conto e o outro seguinte, intitulado "O rapto", de uma originalidade tão singular e interessante, podem ser filiados ao methodo de composição do "Estigma".

"Marabá", não mais que pretexto para rir, é talvez a impressão romantica do indianismo de Alencar.

Para corrigir-lhe o sentimentalismo e os excessos da phantasia pura, o sr. Lobato o escreveu ajuntando o comico ao pathetico,



afogando as emoções que lhe brotaram com a idéa, pela factura buffa que soube tecer á exteriorização.

Aliás ama o sr. Lobato, quando busca um episodio romantico, illustral-o com uma pagina-prefacio elucidativa, que previne pelo "humor" os reparos criticos por ventura desfavoraveis.

"A morte do Camicego" é uma adoravel miniatura que exige para entedel-o um pouco de conhecimento da alma das creanças, se bem que se preste admiravelmente á duplicidade interpretativa, agindo como um symbolo para a gente grande.

Sendo o sr. Lobato um dos unicos escriptores brasileiros, e o melhor, que tem sondado carinhosamente a alma das creanças, conta na sua farta bagagem, alem das obras especiaes para recreio da guryxada, legitimos quadros, duma flagrancia encantadora, da mobilidade espirital, da viveza imaginativa, da inconstancia, da ephemeridade das creanças e suas impressões. São criaturinhas inconsistentes e fundamente impressivas, como a areia da praia que tudo imprime e que uma só onda, ou a caricia leve da viração marinha apaga.

"Um homem honesto", "Um bom marido", "Patia de vida" são episodios vulgares que tratados por pennas menos adestradas, ou analysta menos penetrante, empallideceriam sobremaneira, caindo na trivialidade angustiosa dos lugares communs da analyse psychologica.

"O macaco que se fez homem" é incontestavelmente o melhor livro do sr. Lobato, porque, além de mais intenso, mostra-o senhor duma arte melhormente polida.

Chegado ao termo do nosso ensaio, aqui fica resumida e balanceada a vasta criação do polygrapho brasileiro.

Feliz ou infortunado em nossas conclusões, resta-nos o consolo e a certeza de haver fechado os ouvidos aos rumores dispersos que correm sobre o debatido escriptor paulista, escutando unicamente a voz do nosso proprio julgamento, com a sinceridade e o alento de que Deus nos fez mercê.

Resalta-nos que leu muito Fialho d'Almeida, assimilando as fortes qualidades do portuguez, cujo impressionismo vigoroso e excessos de volupia verbal se vão clarificando, apurando e devidamente rectificadados pela evolução mental, pela meditação e pelo estudo de autores superiormente intellectualizados, como M. de Assis, que muito parece haver concorrido para a sua presente formação espirital.

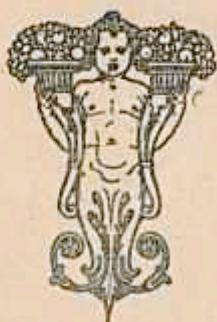
As suas satyras draconianas, pelo vigor da lingua, pelo impeto da critica, são antes arrancos inopinados de um combativo, que visam directamente.

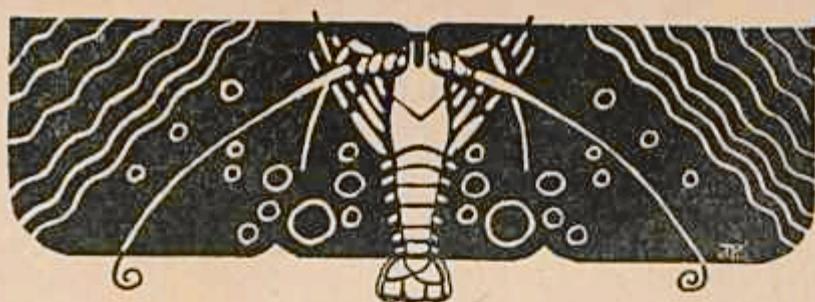
Eis o nosso juizo sobre uma das figuras de mais limpido fulgor nas letras patrias.

Findo o bosquejo crítico de seus livros, estão promptas as premissas d'onde concluir, aferindo pela synthese das suas criações literarias em computo evolutivo, a capacidade productiva e o valor intellectual do bem dotado escriptor paulista.

Mas, como nada em suas obras assignala ainda o vertice da parabola, que traça a marcha evolutiva de toda força viva; como nada denuncia haver já transposto o ápice culminante da sua vida mental, esperemos que realize novos empreendimentos e vingue outras etapas que nos permittam vaticinar mais seguramente o ponto onde melhor viça, desabrochada e amadurecida, a potencia criadora da sua arte singular, rebelde, barbara.

JOAO VASCONCELLOS





O PURIFICADOR

Ama-me assim, secretamente, a medo,
Sem que ninguém perceba o teu amor.
Só eu viva e tremule em teu segredo
— Oscillatória lâmpada interior —

Não me confesses nada. Esconde o enredo
Desse drama, onde é herói teu Galaor,
Ama-me assim e has de sentir, bem cedo,
Um turbamento transfigurador.

Surgirá, das reacções dos teus sentidos,
Uma quasi sagrada aspiração,
Espirituaes appellos e alaridos...

E irá crescendo, em teu enlêvo são,
Um bem, feito de bens indefinidos,
De silenciosa purificação.

JOSÉ OITICICA

Ilha Rasa, 2-12-924.





CANÇÃO DA DOR

Doce symbolo da Vida! quanto mais me crucificas, mais te bendigo, á luz triste dos cyrios de minha cathedral votiva... Esculpes, na arena roxa de minhas vigílias nocturnas, aquarellas de *spleen* e melancholia... Transformas, numa volupia suave todas as minhas introspecções... e despedaças, de meu violino, as cordas doridas, que, no derradeiro soluço, emballam e acalentam a tortura de meus sonhos!...

INTROSPECÇÃO

Por toda a noite meditei fragmentos de vida... A dôr, emballei, como a mãe, que, solícita, adormece a creancinha loira, em seu pequenino berço de vime... Reli alfarrabios velhos, recordando horas de tédio e bohemia... o mal que fiz e o bem que pudera ter feito. E, nas furnas da consciencia, cheia de remorsos, embalde procurei um acto que fosse bom e elevasse a alma proscripta ás regiões do amor e do perdão...

MINHA FRAUTA

Dependurei no altar da lyra, como offerenda votiva, minha frauta rustica... a frauta que achei entre as palmas de meu pomar de sonhos... Anda, no silencio discreto de seu bôjo, a musica sonóra dos tropicos... Numa noite de vigília angustiosa, as musas, vestidas de campezina, coroaram-na de rosas lyricas — perfumando-lhe o canto com mel de Hymetto...

ESTHETICA

Amigo, deixa a tua dôr florir, como no seio da terra, a sementeira bendita... Que ella germine em epopéas de ouro, e



seja, para os torturados do amor e da indigencia, sagrada eucaristia... Fecha-na bem em teu coração, para que não na profanem o odio e calumnia dos zoilos... Lembra-te que és argilla... Um dia, integrarás no Todo, e, de tua trajectoria no palco angustioso da Vida, apenas ficarão, como ouropeis de gloria, os poemas, que, no marmore da dôr, cinzelaste!...

OS SERRADORES

Os serradores fizeram dentro do matto um rancho, onde acenderam fogo... Fumando cachimbo, agruparam-se de côcoras, á beira do lume... Somnolentos, olhavam os bailados das chammas, que, loucas, febris, brocejavam nos gravetos combustos... A's vezes, um leve estalido de folha tombada punha-os em sobresalto, e miravam, aterrorisados, as pupillas da noite sombria... E, para esconjurar o mêdo fizeram-se a contar as estrellas pequeninas, que, brancas, crystallinas, brincavam nas alturas...

ABELHAS DE OURO

Zumbidos suaves de cousas distantes perfumam-me a alma de cantos divinos... São as abelhas do ideal... Esvôaçam-se sobre meus pensamentos e tecem dentro delles a musica sonôra dos favos eucaristhicos... Abelhas de luz, alegres abelhas da Attica, que os poetas da Hellade divinisaram, chegam-me aos labios sequiosos seus calices de ouro; possa nelles beber o mel sagrado da Belleza!...

O BOHEMIO

Vivia constantemente ebrio. Estirado na calçada, balbuciava, em surdina, palavras vincadas de reticencias... Espanjava todo salario que ganhara na semana — deixando no desamparo a esposa e a pequenina filha... Junto d'elle alguém supplicara docemente — meu amor, aproxima-se a noite, vamos para casa! E' tão longe, deixei a creança dormindo, e se ella, pobresinha, despertar!... Aquellas supplicas doces, tão carinhosas, acordaram-lhe, na alma, sentimentos paternos... Teve remorsos, chorou!... Foi o ultimo dia de taverna!...

NOCTURNO

A lua dansa no verde da folhagem e entorna gemmas no beryllo do lago... Uma estrella bohemia brilha no velludo do céu...



alguma virgem que deixou de existir!... Nenhuma voz de menina canta... nenhuma fruta chora no silencio da noite.. A lua parece cansada e lava a terra com a poeira de seu ouro... Os cy- prestes resam, a agua das fontes tem palpitações hystericas... Melancholia... Silencio... Tedio!..:

WANDERLEY VILLELA

Jardins de Silencio... Outomno de 1925.





O MELOGRAPHO

Historico das tentativas realizadas para a soluçao do problema da graphia mecanica da musica.

Jamais alimentei em meu espirito a pretensao de ser o primeiro ou o unico a cogitar da soluçao do problema da mecanographia musical.

Muitos outros me precederam nesta senda, tao erigida de tropecos e dificuldades.

E' elle um dos problemas que jogam com os elementos mais complexos, pois tem de conciliar leis inabalaveis da mecanica applicada com leis e costumes caprichosos da arte musical.

Eis em synthese os esforcos de innumerados inventores, curiosos e investigadores para a soluçao de tao interessante questao.

Em Julho de 1893, Frank Bowen, de Massachussetts, patenteava, nos Estados Unidos, uma machina de escrever musica.

Machina esta de construcção bem complicada, tem em si um grande inconveniente de ordem pratica: a musica ao envéz de ser impressa no sentido longitudinal do rolo impressor, é escripta perpendicularmente á linha de translação longitudinal do carro; além disso é deficiente o numero de signaes representativos das modalidades musicas.

Em 29 de Maio de 1900, Frank Beals, norte-americano, requeria patente de invenção para um aparelho impressor de musica.

Entre os varios inconvenientes, resalta um que por certo dificulta a agilidade do operador: nem todos os signaes são impressos mediante a pressao nas teclas da machina.

Dezeseis signaes são impressos mediante o manejo de outros tantos ponções, collocados lado a lado do teclado na parte superior do espelho da machina.

O operador seria assim forçado a abandonar o teclado para manejar aquelles signaes.

Em 6 de Julho de 1901, Lafarie, francez, patenteava em Norte-America sua machina de escrever musica, que, pela discripção, parece poder trabalhar somente com *papel pautado*.

Esta particularidade, á primeira vista secundaria, é um grande inconveniente para o aparelho, pois, nestas condiçoes, é difficilissimo, senão de todo impossivel, a obtenção simultanea de mais de uma copia de musica.

Em 5 de Outubro de 1915, A. Ferretto, italiano, patenteou um aparelho de sua invenção.



A machina de Ferretto soffre um grande defeito.

A determinação das linhas da pauta é feita mediante um cursor movido pela mão direita do operador, cursor este que tem de parar sobre as divisões de uma gradação de espaços relativamente pequenos.



Padre dr. José Joaquim Lucas.

Dahi resultam duas grandes desvantagens: 1) Será necessario um tempo relativamente grande, perdido pelo operador, para collocar a alavanca exactamente sobre um determinado traço da gradação.

2) O operador terá somente a mão esquerda disponível para accionar um teclado de 64 teclas, tendo assim cada dedo a seu cargo o formidável trabalho de ferir 16 teclas.

Finalmente, Roberto Orr, norte-americano, privilegiou um apparelho seu, em 27 de Setembro de 1921, apparelho este que, antes do mais, exige que o operador disponha de uma machina dactylographica para indícar as expressões musicas, porque o apparelho não tem caracteres alphabeticos.

Em 1923, diversas revistas deram noticia de uma nova machina de escrever musica do maestro italiano Fortoni, accrescentando a noticia que o apparelho *parece* ter dado excellentes resultados.

Até hoje, porém, taes resultados não appareceram positivados.

De tudo isso que se infere?

O "Melographo", no meu fraco parecer, vem solucionar o problema, sanando os defeitos verificados nas machinas que o antecederam, porquanto é um apparelho simples na sua construcção, produzindo, no emtanto, o prodigioso trabalho de duas machinas.

De feito, o "Melographo" pelo simples movimento de uma alavanca, transforma-se numa machina de escrever, que pode ser manejada com o mesmo desembaraço por um dactylographo, como si fora uma Remington ou uma Underwood, porquanto o seu teclado observa as normas do teclado universal, tanto no numero de teclas, como na disposição dos signaes.

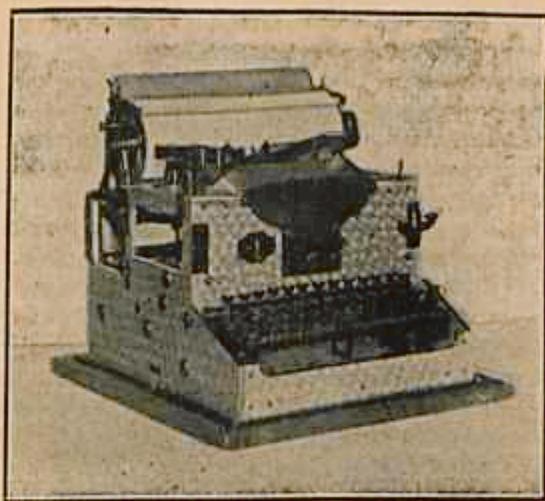
Para a graphia da musica, a machina possui um dispositivo que, aproveitando o retrocesso do carro, pauta o papel com uma facilidade espantosa.

Além do teclado impressor, a machina dispõe de 10 teclas auxiliares, por cujo intermedio se obtêm as differentes posições dos signaes, notas e accidentes musicaes nas linhas e espaços, tanto da pauta normal, como nas supplementares, superior e inferior.

Graças a um engenhoso differencial, só as 10 teclas se conseguem as 30 posições differentes e necessarias na pauta musical.

A impressão dos signaes musicaes obedece ao mesmo methodo que se adopta em dactylographia, estando de tal modo disposto o teclado que um habil dactylographo, com uma elementar explicação, se vê logo habilitado a escrever na machina com os 10 dedos, como si fóra sua machina dactylographica.

O "Melographo" possuindo, como possui, todos os caracteres alphabeticos e numericos, não só pode escrever trechos em prosa ou em versos musicados, como tambem se pode prestar a todos os misteres dactylographicos de um escriptorio.



O "Melographo".

No Rio já está em via de organização a Sociedade Anonyma Exploradora das Machinas de Escrever Musica "Melographo".

A' guiza de chave de ouro, permittam-me translate para aqui passagens de alguns dos muito valiosos pareceres concedidos sobre o "Melographo".

"Com grande interesse, tratando-se *principalmente* de uma invenção preciosa e de grande utilidade para os musicos, examinei a machina de escrever musica, fructo de longas e pacientes vigílias do Revmo. Padre José Joaquim Lucas, que, pessoalmente dedilhando seu teclado, traçou a pauta e sobre este pentagramma collocou claves, fracções metricas, figuras, notas, accidentes, floreios, grupou accordes e, com bastante clareza e certa desenvoltura, produziu-nos um trecho musical harmonisado de rythmo variado, perfeito.

Foi uma maravilha! fiquei encantado.....

Queira aceitar, illustre e Revmo. Padre Lucas, os cumprimentos que com entusiasmo lhe dirige o admirador e amigo:

(a) *Henrique Oswald*

(Professor do Instituto Nacional de Musica)

Rio, 5 de Fevereiro de 1925.

"Faço minhas as palavras do eminente maestro Henrique Oswald e, por meu turno, felicito calorosamente o digno sacerdote Revdmo. Padre Lucas.

(a) *Francisco Braga*

(Do Instituto Nacional de Musica)

Rio, 5 de Fevereiro de 1925.

"A machina de escrever apresentada pelo Padre Lucas é a mais perfeita até hoje destinada a escrever musica. A gloria do invento é bem brasileira, tanto na sua concepção, como na sua maravilhosa execução".

Rio, 9 de Janeiro de 1925.

(a) *Agostinho dos Reis*

Vice-Director da Escola Polytechnica do Rio de Janeiro

"Tendo assistido á experiencia da machina, invento do Revmo. sr. Padre Lucas, temos verificado a vantagem que a mesma proporciona, obtendo copias com clareza.

E' com verdadeiro entusiasmo que o felicito, esperando que o futuro lhe seja propicio, visto como o seu invento é digno de ser conhecido e adoptado.

S. Paulo, 28 de Fevereiro de 1925.

(a) *João Gomes d'Araujo*

Director tecnico do Conservatorio Dramatico Musical de S. Paulo.

Rio de Janeiro, 18 de Maio de 1925.

Pe. JOSE' JOAQUIM LUCAS
(Engenheiro mecanico)



CAPITULOS DE UMA BIOGRAPHIA PERDIDA DE CAXIAS

VII

O ex-presidente Alvaes Machado tivera uma administração toda tormentosa e de verdadeiros sofrimentos.

Ao chegar à provincia, luctou com as tradições de escola do seu partido e ainda com as de seus discursos parlamentares. Seu patriotismo illudido lançava à conta da politica de compressão os descabros da legalidade, ao passo que a apologia, que na camara temporaria fizera dos chefes da revolução o tornára suspeito aos legalistas. Nos primeiros maneios para a conciliação dos dois partidos deixou-se levar pela crença que tinha nos homens do Piratiny e foi profundamente mystificado. A demissão do general Andréa, que não acreditava nos effeitos da amnistia e que parecia um obstaculo à pacificação, em nada adiantou a sua causa, porque elle proprio perdêra as esperanças e illusões em Netto, Canabarro e Bento Gonçalves.

Ao tomar conta da presidencia, fel-o antes por um dever patriotico, do que por convicção de que realizaria a conciliação dos partidos.

Já com a auctoridade suprema recebeu novas propostas por intermedio do cidadão José Pinheiro de Uilhóa Cintra, mas regeitou-as porque exorbitantes eram as pretensões dos rebeldes e nem elle cria na sinceridade das intenções com que eram ellas feitas.

Uma outra questão seria suscitou-se na capital, pela rivalidade que de repente se desenvolveu entre brasileiros natos e adoptivos.

Tinham estes, de nacionalidade adoptiva, como os proprios residentes portuguezes, prestado valiosos serviços à causa do imperio. Nos primeiros sitios que soffreu a capital, sem distincção de nacionalidade, uniram-se todos para a defesa das linhas, dormindo nas trincheiras e sujeitando-se a todo serviço de guerra e suas contingencias.

A' noite, a par dos empregados publicos e nacionaes de todas as categorias, marchavam negociantes, artistas e operarios portuguezes para as diversas baterias da linha de fortificação e serviam de reforço à pouca tropa de linha, que as guarnecia. Nessa dedicacão à causa imperial eram os portuguezes animados pelo proprio vice-consul de sua nação, Victorino José Ribeiro, que não hesitou em proclamar a seus compatriotas em agosto de 1843, convidando-os à defesa do Imperio e do throno.

Essa proclamação attrahiu ao agente consular uma publica reprimenda do ministro portuguez no Rio de Janeiro, em 10 de outubro do mesmo anno, publicada no *Jornal do Commercio*, de 12 do mesmo mez e anno.

Não moderou esse acto a dedicação portugueza á causa legal e fiel conservou-se ella até ao fim. Muitos dos officiaes superiores e generaes pertenciam por seu nascimento a Portugal e por adopção ao Brasil. Anthero, Elisiario, Andréa, João Paulo estavam nesse caso. Reinára sempre harmonia entre natos e adoptivos até essa epocha. Infelizmente uma agitação surda, que ameaçava tornar-se em patente e perigosa rivalidade, se desenrolou na administração de Alvares Machado. Não era elle o responsavel por ella e, posto que não o demos por inteiramente averiguado, parece que ao espirito trefego de João Paulo cabe alguma responsabilidade. Não o afirmamos, comtudo.

Remediou Alvares Machado a tão sério perigo por sua politica e por uma proclamação em que se dirigia a uns e a outros, invocando a necessidade de união para que a causa da legalidade triumphasse de acerrimos inimigos. Já então perdêra todas as suas illusões a respeito dos rebeldes. Não menor causa de profundo desgosto para a lucta com o general João Paulo. O presidente louvava-se mais nos veteranos da lucta, nos chefes riograndenses, do que no general em chefe e este, sem procurar conciliar-se com a primeira auctoridade, acabou por cortar com elle toda a correspondencia, realizando um plano de guerra, que nem era conhecido por aquelle. Essa desharmonia trouxe o perigo sério que correu o Rio Grande e a retirada do Rio Pardo pelas forças de Felipe Nery.

Ninguém melhor do que Alvares Machado reconhecem os seus erros perante a camara temporaria, quando alli deu conta de sua missão e administração e é raro o exemplo no homem politico, que vem á face do paiz confessar assim faltas de sua vida publica. Com uma abnegação e um patriotismo honrosos, confessou que errava quando exaltava os chefes rebeldes, que a politica de conciliação era impossivel sem o prestigio das armas, que sem uma força de 12.000 homens o Imperio não sufocaria a revolução e, depois de mostrar-se profundamente magoado pela protervia dos chefes da revolução, especialmente por Netto, assim, em sessão de 2 de Junho de 1841, se exprimiu:

"Si isto digo, é porque tive grandes afflicções, grandes temores, já sou velho e não sou facil de receber, sem temor, um choque dos rebeldes; e se o recebesse não poderia sobreviver ás amarguras por que passei, por não poder conseguir a conciliação com os rebeldes, que iam quasi cavando a minha sepultura. A uma perda de campanha creio que não poderia sobreviver".

"Estou convencido que a revolução do Rio Grande ha de ser vencida pelo valor generoso, presidido pela mais escrupulosa boa fé; a força, só a força poderá vencer talvez, mas enquanto não convenceremos, não poderemos pôr termo á lucta do Rio Grande.

"Eu ia dizendo, sr. presidente, que os meus principios são os mesmos: força e clemencia para o Rio Grande do Sul. — A differença que ha agora é de esperar hoje mais da força, quando eu não sabia em outro tempo que podesse esta ter preferencia".

Notavel é ainda o reparo com que começou seu discurso e que constitue uma verdadeira synthese dos males produzidos ao Rio Grande, pelas discussões da camara temporaria.

"Sr. presidente, desde que tenho tido a honra de sentar-me nesta casa, nunca me achei tanto como agora em embarço para expor os meus pensamentos acerca da provincia do Rio Grande do Sul, não porque minha posição seja falsa ou anormal, comquanto ella seja um tanto dolorosa, mas porque eu sinto muita difficuldade em expor os meus pensamentos pelos prejuizos que, conheço, partiram de muitas imprudencias profe-

"ridas no seio da representação nacional, em cujas imprudencias talvez eu seja dos primeiros a comprehender-me (apoiados). Consola-me, porém, a idéa de que, si alguma imprudencia tenho commettido por palavras, nenhuma commetti por actos, (apoiado) nenhuma por factos".

Estava bem longe o ex-presidente do Rio Grande do deputado de 1839 e com elle o proprio Antonio Carlos.

I

1842. Ao chegar o barão de Caxias, em 1842, ao R. Grande, occupavam as forças legaes quasi a mesma linha que em 1836. Corria ella desde a Lagoa Mirim pelo arroio S. Gonçalo, margem da Lagoa dos Patos, até P. Alegre, rios Guayba e Jacuhy, até S. Lourenço. Era uma linha toda fluvial, porque o espaço comprehendido entre o S. Gonçalo e S. Lourenço estava sujeito ás rapidas invasões dos rebeldes. As nossas extremas verdadeiras eram Porto Alegre e S. Gonçalo, aquelle protegendo a navegação da Lagoa dos Patos e seus affluentes e este protegendo a barra e a communicação com a lagoa Mirim pelo S. Gonçalo! O angulo que deste se poderia traçar até S. Gonçalo se achava exposto ás incursões inimigas.

A linha da fronteira terrestre do Estado Oriental, á fronteira fluvial do Uruguay e toda a campanha com a maior parte dos mais ricos municipios da provincia eram dominadas pelos rebeldes, que tinham nelles os recursos de gente, gado e cavallos, enquanto dos estados visinhos recebiam os generos de importação.

A força legal na provincia era 11.549 praças, divididas por guarnições em Rio Pardo, P. Alegre, S. José Norte, Rio Grande e S. Gonçalo e o grosso do exercito acampado em S. Lourenço.

As forças eram então computadas em 4.500 homens, veteranos da luta civil e na maior parte excellente cavallaria. Enquanto os cavallos abundavam no inimigo, escasseavam nos legaes, cujas forças estavam desmontadas e baldas ainda de todos os recursos de armamento, fardamento e equipamento para entrar em campanha. Foi, pois, o primeiro cuidado do barão de Caxias organizar os elementos para uma campanha, cujo plano concebera, aproveitano não só as regras militares, como ainda o genero especial de guerra de nossas campinas. Com effeito, a grande vantagem da rebellião, a par do valor que lhe não pode deixar de reconhecer a historia, era a rapidez de suas marchas e contra-marchas. Anotecer em um ponto, amanhecer muito longe, flanquear o inimigo, como no Caby a Manoel Jorge, retroceder sobre elle, como em Viamão com Elisiario, deter-lhe o passo como no Fanfa, surprehender, como em Rio Pardo, para vencer, fugir delle para evitar a derrota, taes eram os talentos da rebellião, como eram os de alguns chefes legaes, á testa de quem figurava o barão de Jacuhy.

Para acompanhar esse systema infernal de guerra, era preciso prover o exercito de columnas que seguissem o inimigo nas mesmas evoluções e que lhe imitassem o systema. Enquanto essas columnas perseguissem os rebeldes, os pontos povoados deviam ser occupados, de maneira a proteger essas mesmas columnas e fazer voltar á legalidade povoações, que a muitos annos eram dominadas pelos rebeldes e que pouco acreditavam na efficaz protecção das armas imperiaes.

Para chegar a esse resultado e poder o exercito avançar, sem receio de que o inimigo cortasse as communicações com a base do Jacuhy e P. Alegre, como aconteceu ao general João Paulo, necessitava o barão de Caxias infantaria para as povoações e cavallaria para as excursões. Boa e excellente era esta ultima, mas ao tomar conta do exercito achou-a



o general desmontada e enquanto para o Rio pedia infantaria, preparou uma expedição para remontar o exercito. Possuía o coronel Silva Tavares, que ainda defendia o S. Gonçalo, sob sua guarda cerca de 3.000 cavallos e 4.000 comprou o general.

A difficuldade escabrosa era conseguir a vinda dos primeiros de S. Gonçalo para S. Lourenço, atravessando justamente a parte da linha legal, de que ha pouco falamos, sujeita ás invasões inimigas e manobras de sua cavallaria. Esse espaço de 70 legoas parecia serio obstaculo á reunião da cavallhada, porque uma pequena partida era sufficiente para dispersal-a.

Guardando religioso silencio a respeito do seu plano, o barão de Caxias propalou, que ia dividir o exercito em dois corpos, para com elles manobrar contra os rebeldes. Com esse declarado intento fez embarcar em P. Alegre o 3.º batalhão de fuzileiros e o 5.º de cavallaria da G. Nacional para reforçar Silva Tavares; em Janeiro de 1843 seguiu para S. Gonçalo, acompanhado do brigadeiro Bento Manoel, que servia junto á sua pessoa.

Cahiram os rebeldes no engano e immediatamente, tanto a força de S. Lourenço, como a de S. Gonçalo, tiveram de observação duas columnas inimigas, uma postada em Santa-Maria e outra de 900 homens, commandada por Netto, aproximou-se do S. Gonçalo.

1843 — Conseguido esse resultado, tomou o commando da columna, destinada a proteger a cavallhada o proprio barão de Caxias e, atravessando em sua foz o rio S. Gonçalo no dia 7 de Janeiro de 1843, com 7.000 cavallos, dirigiu-se rapidamente sobre o Camaquan e, a 22, achava-se em frente de P. Alegre com toda a felicidade. Escriptor contemporaneo, de abalisados conhecimentos topographicos da provincia, e não menos em coisas de guerra, analysa este golpe da seguinte fórma:

"O terreno, desde o rio S. Gonçalo até o Camaquan, é aberto, contém muitas planicies, e é proprio e muito vantajoso para a arma de cavallaria. Todo o receio que Caxias tinha, era que Netto, sabendo de sua marcha, não a viesse interromper, postando-se com seus 900 homens nas proximidades de Camaquan, porque neste caso, tornar-se-ia muito incerta a passagem de nossa columna e teria infallivelmente de mallograr-se a empresa. Mas logo que a força legal passou para além do rio Camaquan, sem ser inquietada, devia contar-se segura, porque a disposição do terreno desde esse rio até ao exercito lhe fora favoravel...

"1.º — A marcha desde S. Gonçalo até ao S. Lourenço não foi mais do que um passeio militar e nem um só tiro, houve em toda ella. "Porém Caxias teve muitas vezes de exclaimar com Cesar: "*Fortuna me abandonará tu?*" Sim, porque para a dispersão da cavallhada bastava que, em uma noite, apparecessem 4 ou 6 cavalleiros inimigos, bem montados e disparassem as armas..." (1)

Tão melindrosa era a operação que a Silva Tavares repugnava encarregar-se della, posto que a seguisse, o que não duvidou fazer o proprio general em chefe! (2)

Em frente a P. Alegre, reuniu-se o general com mais dous corpos de cavallaria e um batalhão de linha e marchou para S. Lourenço, reunindo-se á força no dia 11 de fevereiro e passando-lhe logo revista, por

(1) "Reflexões sobre o Generalato do Conde de Caxias..."

(2) Manda a justiça que se diga que a idéa desta arrojada expedição realzada por Caxias, foi suggerida por Bento Manoel Ribeiro. Propuzera elle ou fazer a cavallhada em frente ao Rio Grande, ou trazer-a pelo Camaquan. No primeiro caso ficaria inutilizada a cavallhada, já pelos campos arenosos que teria de pulgar, já pela passagem a nado do largo Rio Grande e outros rios; no segundo a cavallaria não soffreria de fadiga, mas podia a força ser atacada e a cavallhada dispersa por Netto. Preferiu Caxias este ultimo plano e o realizara pessoalmente.

se achar formada em parada. Nunca general foi recebido com mais entusiasmo do que o barão pelo exercito legal! Reunido ao exercito e dispondo de 7.000 cavallos, tratou o barão de Caxias de regularisal-o, dando-lhe organização apropriada a seu plano de campanha e cuidando na defesa das praças, que eram os pontos de apoio das operações de guerra. Em ordem do dia 12 de Fevereiro dispoz o exercito em tres divisões: a primeira ao mando do brigadeiro Nery, a segunda ás ordens do coronel Jacintho Pinto, e a terceira sob o commando do coronel Silva Tavares.

A primeira divisão continha tres brigadas, com quatro batalhões de infantaria, quatro corpos e tres esquadrões de cavallaria e uma bateria de artilharia a cavallo. O segunda divisão compunha-se de tres brigadas, com tres batalhões e cinco corpos de cavallaria.

A terceira era formada por duas brigadas com quatro corpos de cavallaria. Todas formavam um effectivo de 7.000 homens.

A 9.ª brigada com tres batalhões guarneceria Rio Pardo.

A 10.ª, com dois batalhões defenderia o Rio Grande e, em Porto Alegre, ficavam o 2.º de fusileiros, o batalhão de deposito, o corpo policial e a companhia de voluntarios allemães.

(Continúa).

EUDORO BERLINK





SOROR CHRISTINA

Na placidez do amplo casarão em que se installara o hospital, sob a parcimoniosa claridade estendida suavemente pela enfermaria, soror Christina, mexendo as contas do rosario, passeava vagarosamente, de ponta a ponta do salão, entre fileiras duplas de leitos de ferro.

Alguns doentes dormiam, outros gemiam, muitos, inquietos, tinham os olhos abertos, espasmodicos. Vez em vez uma lamuria, uma supplica, uma blasphemia, e logo a irmã accorria, dobrava-se sobre a cama, consolava, animava. E proseguia a sua véla, calma, insomne, resignada.

Era uma madrugada embruscada, friorenta, batendo os aguaceiros, rasgando-se os relampagos, reboando os trovões longe...

De subito, sobrelevando o rumor da invernada, soou a campainha estridente da Assistencia. O automovel foi-se aproximando; estacou.

Pelas escadas do hospital, abafados pelas passadeiras de *linoleo*, romperam passos. Vinham subindo, subindo. E, sem grande demora, entraram na enfermaria dois homens de tunicas alvas carregando a maca, seguidos do medico de serviço.

— Irmã, um leito.

— Aqui, doutor.

A cama ficava perto de um dos angulos do salão, rente á janella. E nella os enfermeiros depositaram um homem que mal respirava, desacordado.

— Está mal? — sussurrou a freira, endireitando os travesseiros.

— Ferido gravemente. Uma punhalada na clavicula, interessando um vaso importante.

— Coitado!

— Apanhamol-o numa casa de jogo, assim... O criminoso fugira. Disseram-me que se recusara a pagar o que perdera e o parceiro, indignado, o ferira... Sina de jogador...

O medico, embora loquaz, precisava voltar ao posto de Assistencia. Fez umas recommendações á monja e partiu.

Soror Christina, depois de ver o novo hospitalizado perfeitamente installado no leito, foi sentar-se numa cadeira perto da janella, rezando.

Querendo rezar, porque no seu pensamento vibrava ainda a phrase do doutor: sina de jogador.

Sina de jogador! Dura verdade! Sina que infelicitava, por vezes ao proprio jogador e aos que o rodeavam... Ella fóra mesmo uma victima. Hoje, ao serviço de Deus estava resignada, porém quanto padecera antes! A sua face moça, embora ainda bonita, dizia bem dessas agruras! possuia rugas aos vinte nove annos. E si afastasse da cabeça aquella coifa, ver-se-lhe-iam os cabellos brancos, muitos que eram... Aos vinte e tres, cheia de louçania e de encantos, amara e tivera um noivo. Um noivo de nome feito, rapaz esbelto e intelligente, filho de gente boa. E que radioso seria o futuro do par! Os seus paes exultavam com aquelle casamento e ella vivia num constante embevecimento... Mas, de repente, a catastrophe. O irmão, rapaz de caracter diverso do seu, dado ás estroinices, rebelde aos conselhos e exemplos do lar paterno, rouba, para jogar, o escriptorio em que trabalha, e fôge. Os jornaes dão noticias... O escandalo rebenta... O noivado se desfaz... Depois, quantas outras desgraças! O pae morto de uma congestão, a mãe que o segue dois annos após, de tristeza e vergonha... O irmão sempre foragido, talvez morto...

E ella, afinal, desamparada, olhada com certo escarneo pela gente da cidade, pede o amparo doce do Senhor, fazendo-se sua serva. Sina de jogador!!

Amanhecia... A chuva cessara e o dia tinha promessas de sol com o céu lavado pelas trovoadas. Lá fóra passavam operarios, corriam os primeiros bondes, renascia o trabalho.

Pouco e pouco, o salão da enfermaria se banhava tambem de luz matinal.

O ferido gemeu.

Ella, pressurosa, acercou-se-lhe.

— Tem sede?

De novo immovel, o homem não lhe deu resposta.

Porém os olhos da monja, entresurpresos, entreduvidosos, não se mudavam do rosto do moribundo. Curvou-se, mirou-o bem, mirou-o quasi bebendo-lhe o enfraquecido halito... Seria possível? Assim mudado, assim envelhecido! Com vinte e cinco annos apenas! Não queria crer, embora aquelle nariz recto, aquelles cantos na testa, aquella côr dos olhos... Tremia-lhe o corpo, sentia um engasgo. A duvida mordida-lhe o coração. E lembrou-se, então, de



um signal particular que lhe traria a certeza. Levantou a manga do paletó do ferido, viu-lhe o ante-braço. Lá estava o signal que elle tinha desde creança... Fundo rasgão da carne ao trepar em uma jaqueira. Era seu irmão.

A morte já lhe accentuava o semblante: — um afilar de nariz, uma coloração de cêra, um arroxeadado de olheiras, eram prenuncios conhecidos da freira. Algumas horas mais, si tanto, e tudo estaria findo para elle, aqui na terra.

Soror Christina, insensivelmente, ajoelhara-se para orar. E a sua bocca virgem beijava a mão estendida e fria do agonisante, a mão que lhe estraçalhara a sorte, o amor, o futuro, mas que era a mão que ella conduzira carinhosamente, annos atraz, guiando os primeiros passos do seu companheiro de infancia, num inesquecível gesto fraternal.

Sina de jogador, dissera indifferente o medico. Sina de seu irmão, tartamudeava, dolorosa, a monja.

E chorava por lhe não poder dar um pouco da sua vida.

MARIO SETTE





O SNR. CANDIDO DE FIGUEIREDO E A ECOLOGIA

Abramos agora parenthesis para um incidente pittoresco, sobremodo pittoresco.

Pede-me contas o sr. Candido de Figueiredo por ter tido a audacia de lhe haver indicado como lacunas do seu dictionario, *iconotheca* e *ecologia*!

"Regista o termo erudito *iconotheca*, sem nos dizer quem o autorisa ou se foi elle quem o inventou; e regista *ecologia*, sem nos indicar a razão do termo ou a sua composição, o que é indispensavel para a dictionarisacão dos termos scientificos"!!!

Iconotheca não o inventei; foi-me suggerida a sua apresentação pelo letreiro impresso existente, com esta palavra, tão racional, á entrada de uma secção do archivo da Companhia Melhoramentos de S. Paulo, á rua Libero Badaró, 90, em S. Paulo, a grande empresa editora paulista possui uma collecção já preciosa de estampas brasileiras e estrangeiras de toda a especie, gravuras antigas, desenhos recentes, scenas de todo o genero e milhares de retratos.

Quanto a *ecologia*... Mas este caso precisa de demorada attenção, que é realmente precioso.

Começo por agradecer ao sr. Candido de Figueiredo o argumento temivel que contra si proprio teve a gentileza involuntaria de me offerecer.

Será possivel que o illustre philologo venha pedir a mim, a mim, "homem bom e ingenuo, que ha um seculo, com a minha intelligencia e amor ao trabalho, poderia ser um vocabularista mais ou menos aceitavel"? venha pedir-me credencias para *ecologia*? Será possivel que o sr. Candido de Figueiredo "hoje que os tempos são outros" precise de que eu lhe aponte o *pedigree* de *ecologia*? Será preciso que "eu, desconhecedor da sciencia de Bopp, Schlegel, Grimm, Muller, Whitney, que impõe ao dicio-



narista deveres e processos", será possível seja eu quem deva documentar as pretensões de *ecologia* a transpor os augustos humbraes do *Diccionario* do sr. Candido?

Santo Deus de Misericordia! Santos e santas do ceu! Dar-se-á, acaso, o facto de que o sr. Candido de Figueiredo jamais se haja encontrado com *ecologia*? jamais lhe haja lançado os olhos em cima, jamais haja ouvido falar em *ecologia*? até o anno da graça de N. Senhor Jesus Christo de 1923? Pois então?! um dicionarista do seu tomo! um sabedor da sciencia de Whitney e de Burnouf, um manipulador continuo de dictionarios scientificos, até hoje nunca ouviu falar em *ecologia*? a um amante, como elle, do vocabulario das sciencias naturaes jamais se deparou *ecologia*? Será verdadeiramente possível que tão grande philologo venha pedir a um pobre diabo de colleccionador de lacunas, a quem trata *dente superbo*, provas do que sejam os titulos de ingresso de *ecologia* ao *sancta sanctorum* do *Novo Diccionario da lingua portugueza*?

Não, não é possível! Não se trata aqui de um caso de cochilo homerico, de vulgar *quando-que bonus*. Ao omitir *ecologia* estava o sr. Candido, certamente, sob a acção de uma ligeira crise amnesica, essa mesma crise que o levou ao esquecimento de *anaphyllaxia*, palavra aliás de hontem, contemporanea da primeira edição do seu dictionario, hoje em vespuras de quarta, a de 1896.

Mas vamos á substancia do caso, que é o importante. Pedeme o sr. Candido de Figueiredo severas contas do atrevimento em lhe suggerir como lacuna do seu dictionario a palavra *ecologia* e eu lh'as vou dar, creio que cabaes.

Começo recorrendo á grande autoridade, á formidavel autoridade do grande philologo de quem o sr. Candido se proclama discipulo, o illustre William Dwight Whitney, sob cuja direcção se edificou um dos maiores monumentos encyclopedicos de todos os tempos: *The Century Dictionary and Cyclopaedia*, geralmente chamado Diccionario de Whitney.

Na edição de 1909, 1909! 1909! veja-se bem: 1909!!! ahi procuro *Ecology* e o grande philologo americano me manda ver: *OEcology* que assim define depois de lhe dar a etymologia hellenica: "In biol: the science of animal and vegetable economy; the study of the phenomena of the life-history of organisms in their individual and reciprocal relations; the doctrine of the laws of animal and vegetable activities, as manifested in their modes of life. Thus, parasitism, socialism, and nest building are prominent in the scope of oecology".

E o dicionarista ajunta á palavra, tão magistralmente explicada, o seu adjectivo "*oecological; of or pertaining to oeco-*

logy". E assim é Whitney quem responde ao sr. Candido e não o infimo catador de brasileirismos.

Passemos agora a outra encyclopedica de alto renome: o *Nouveau Larousse Illustré*, redigida pelo illustre philologo contemporaneo Claudio Augé. Creio que o sr. Candido de Figueiredo lhe acatará a auctoridade. No exemplar que desde 1907 posuo, leio: *Écologie* (du gr. *oikos* maison et *logos* discours, science) n. f. Science des rapports des organismes avec le monde extérieur ambiant, avec, des conditions organiques (biologiques) ou inorganiques (cosmiques) de l'existence".

Dá a propria definição do inventor do neologismo, Haeckel.

Consulto depois a soberba, a soberbissima *Encyclopedia universal ilustrada europeo-americana*, dos editores Hijos de J. Espasa, a encyclopedica de Espasa, como é geralmente chamada.

"*Ecología* (etim-del. gr. *oikos*, casa y *logos*, tratados) f. Hist. nat. Se denomina así, modernamente la parte de la biología que estudia el modo de vivir de los animales y de las plantas y sus relaciones con los seres que los rodean; pertenecen pues a la ecología el estudio de la alimentación, la habitación, la distribución geográfica, la influencia del clima y del ambiente, los fenómenos de parasitismo, simbiosis y comensalismo, el cuidado de las crías, la vida en sociedad etc."

Passo a consultar o lexico monumental, o dicionario padrão da lingua ingleza, o "Webster". Têm geralmente os editores de dicionarios a esperteza de não querer fixar a data da publicação de suas edições. Sabem de sobra que, se ha obra que não deva, não possa envelhecer, essa é o dicionario, sobretudo o encyclopedico. "Engordar, senhoras! é envelhecer" diz um annuncio celebre de thyroidina. "Confessar a idade é decahir!" dizem de si para si os dicionaristas. A este *planosinho* não fugiram os editores do sr. Candido de Figueiredo. A' folha de rosto do *Novo Dicionario* nenhum millesimo compromettedor se assignala.

Mas não tem os do "Webster" este receio, pois sabem que as suas tiragens vão umas atraz das outras, rapidamente. Feitos estes pequenos reparos, notemos o que diz o formidavel lexico:

Renuncia á forma erudita *oecology* em troca da simplificada e hoje corrente *ecology*, de que dá uma definição, para o nosso caso preciosa, pois põe em relevo a grande importancia deste termo acerca de cuja existencia o sr. Candido de Figueiredo se mostra tão admirado: e ainda nos relata e abona a presença, no vocabulario inglez, de nada menos de quatro derivados do neologismo (quando Whitney e Larousse só trazem um): *ecologie, ecological, ecologically, ecologist!*

Contras estas autoridades se insurgirá o sr. Candido de Figueiredo?

Provavelmente!

Assim define Webster:

"*Ecology*, n. Also oecology (Gr. oikos, house logy) *Biol.* The branch of biology which deals with the mutual relations between organisms and their environment, bionomics. This term is now more widely used in botany than in zoology and includes: *physiological ecology* which deals with the study of the reaction to environment; *physiographic ecology* which deals with edaphic plant societies; and *geographic ecology* or *ecological phytogeography* which has to do with the leading plant formations from the climatic aspect".

Quer ainda o sr. Candido de Figueiredo mais passaportes para conceder a *ecologia* a insigne honra de surgir nas paginas do *Novo Dicionario*?

Fica por Webster sabendo que o termo tomou enorme importancia que se refere a departamentos diversos. E como prova de quanto tem avultado no conjuncto das sciencias naturaes ainda lhe repito o argumento de que Whitney em 1909 lhe conhecia um unico derivado *oecological*. Webster em 1920 lhe apontava nada menos de quatro citados (cf. pag. 697) *Ecologic*, *Ecological*, *Ecologically*, *Ecologist*.

Nos nossos bellos e barbaros Brasis tem a palavra tido a maior divulgação. *Ecologia*, *ecologo*, *ecologico*, *ecologicamente*, a cada passo saltam ao bico da penna dos nossos scientists. A' porfia os empregam os nossos mais abalisados naturalistas Alipio de Miranda Ribeiro, Mello Leitão, Neiva e quantos e quantos mais? Se ainda não se acha o sr. Candido de Figueiredo satisfeito, indague de Lauro Travassos, Adolpho Lutz, Afranio do Amaral, Beaurepaire Aragão, Almeida Cunha, Costa Lima, Carlos Moreira, A. Ducke, H. Luederwaldt, A. Hempel, Roquette Pinto, R. Gliesch, F. Hoehne, Alvaro da Silveira, Olympio da Fonseca, Cesar Diogo, Bourigny Snethlage, May, Pirajá da Silva, Alberto Sampaio, J. Melzer, Borgmeier, Campos Porto, G. Kuhlmann, Gomes de Faria, José B. Arantes, Aristides M. da Cunha, d'Utra e Silva e quantos e quantos mais da magnifica pleiade de zoologos e botanicos que tanto brilho dão actualmente aos estudos das sciencias naturaes no Brasil, indague o sr. Candido de Figueiredo, de qualquer delles, se *ecologia* e seus derivados são palavras ignotas, que ainda precisam de credenciaes! E ainda: se foi por mim inventada!!??

A tal ponto chega a prodigiosa vaidade do sr. Candido de Figueiredo que lhe havendo eu citado *ecologia* como lacuna de seu dicionario, por suggestão que aliás recebi do meu presado



e joven primo e illustrado amigo, dr. Edgard Teixeira Leite — lhe havendo em apontado *ecologia* como omissão do *Novo Dicionario* e como neologismo creado por Haeckel, em vez de tirar o caso a limpo, commigo investiui irritado a clamar “o sr. Taunay regista *ecologia* sem nos indicar a razão do termo ou a sua composição, o que é indispensavel para a dictionarisacão dos termos scientificos”.

Entretanto escrevi “Ecologia — Sciencia que estuda as relações mutuas de todos os organismos vivendo num mesmo meio e sua adaptacão ao meio que os cerca”.

Não ha ahí então a “razão do termo”? Quanto à sua etymologia não querendo infringir o *ne sutor*, deixei de a dar. Que me custaria porém enfeitar-me com a sciencia de Whitney e dos demais encyclopedistas?

Seja como for, o sr. Candido de Figueiredo impugnou a minha proposta de se conceder entrada a *ecologia* nas paginas do *Novo Dicionario*.

Pois bem, se não se dá por satisfeito com as indicações de procedencia ultramarina ainda lhe avento a hypothese de recorrer aos naturalistas portuguezes, que os ha tão numerosos quanto dignos do maior acatamento.

Aposto que não existirá um unico ignorante do que sejam *ecologia* e seus derivados...

Em vez de arremeter contra mim, quanto não teria lucrado o sr. Candido em consultar a qualquer naturalista seu compatriota.

Mas... *Quos vanitas vult perdere...*

Resultado: confessou o sr. Candido de Figueiredo, em publico e raso, que em 1923 não sabia da existencia de *ecologia* e seus derivados! Confessou portanto que os seus mentores em materia de biologia estão atrazados de pelo menos um terço de seculo, senão mais... estão nas mesmas condições de seus mentores de chimica, gente equivalentista.

E ainda se fossem dos bons equivalentistas!... Porque se taes consultores não proviessem da eras “priscas”, em suas paginas se depararia ao sr. Candido de Figueiredo, e mais de uma vez, muitas e muitas vezes, *ecologia* pelo menos, se não o substantivo e seus derivados.

Fez a palavra enorme e rapidissima carreira, tal qual succedeu nos ultimos annos a um neologismo proposto por Ch. Richet — *anaphylaxia* (outro termo celebre), que ainda não soou aos ouvidos do sr. Candido de Figueiredo, ao que parece, pois pelo menos não apparece nas paginas da edição do *Novo Dicionario*, a de 1923, lembremol-o de passagem.



Admittir que o sr. Candido não saiba quem haja sido Haeckel, Ernesto Henrique Haeckel, é coisa que se não pôde conceber. Pois nem assim, nem apadrinhada por tão glorioso patrono, mereceu a pobre *ecologia* as honras do sesamo? Porque? Só porque *odio in autore doctus* nella viu o sr. Candido de Figueiredo que lhe era suggerida pelo João Fernandes, catador de alguns milhares de lacunas geralmente brasileiras do seu dictionario "irreprehensivel".

Não! não é possível que pesquisando arduosamente nos livros de sciencia, para, como tanto se gaba, nelles descobrir termos ainda não dictionarisados, não se haja o sr. Candido de Figueiredo avistado com *ecologia* e seus derivados! Só se jamais quiz estender o campo de sua procura aos livros publicados de 1900 para cá e se entende que, ha um quarto de seculo, as sciencias naturaes estacionaram.

D'ahi a sua lacuna, mais que deploravel, inqualificavel, vergonhosa, indecorosa, para um lexico cujo autor vive a lhe proclamar a primazia dentre os demais dictionarios da lingua portugueza.

E assim se demonstra que o vocabulario das sciencias naturaes, no *Novo Dictionario*, corre parelhas com o da chimica que é aquelle pavor que já os leitores conhecem.

Uma outra hypothese se nos apresenta ao espirito porém, inspirada pelo muito respeito que professamos por um dictionarista do tomo do illustre philologo.

Se para *ecologia* conceder o *placet*, o *dignus est entrare* no gazophyllacio do seu *Novo Dictionario* vem o sr. Candido de Figueiredo exigir-me credenciaes, a mim, pobre e humilde colleccionador de brasileirismos, sem pretensões algumas a philologo, é que no momento estava passando por forte crise amnesica.

Esta lhe varreu da memoria, a palavra *ecologia* muito e muito sua conhecida, certamente.

Infelizmente foí esta crise profunda, prolongada e extensissima, pois igualmente lhe roubou da retentiva numerosissimos termos, hoje corriqueiros, existentes os mais delles em livros gymnasiaes.

Foi ella que lhe pregou a peça de lhe tornarem esquecidas: *auto-inductor*, *auto-inducção*, *anti-cathodo*, *astatisação*, *aero-thermometro*, *adiabatico*, *auto-excitação*, *auto-excitador*, *aperiodico*, *amperagem*, *bi-refracção*, *biazial*, *canaes* (raios), *calor de fusão*, *calor de vaporisação*, *calor especifico*, *conductancia*, *convecção*, *convectivo*, *curie*, *coheror*, *contra-pressão*, *carcel*, *chrono-photographia*, *capacitancia*, *detector*, *diphasico*, *desactivação*, *dilatometro*, *espectrographo*, *erg*, *espectrographia*, *espectro-photometro*, *entropia*, *epidiascopia*, *equivalente* (mecanico do calor), *emanação* (da



radio), equipotencial, extracorrente, espinthariscopio, electrody-namometro, frequencia, frequencimetro, gaz perfeito, gauss, hyste-resis, henry, hygrographo, hyposcopio, inclinatoria, infravermelho, impedancia, inversor, joule, kilowatt, kerzen, lux, lumen, linha de força, multipolar, monophasico, microfarad, microtelephone, nicol, ondometro, oscillador, osmometro, polyzonal, potencimetro, photo-telegraphia, phot, ruptor, syntonisar, syntono, syntonisação, self-inducção, selfinductor, violle, turbo-alternador, turbo-dynamo thermo-elemento, thermochrose, tonometria, telemecanica, televisão, teledinamica, ultravioleta, watt, watt-horometro, wattagem, wat-tometro, aberrascopio, d'arsomvalisação, declinometro, dichroma-sia, dplex, dynametro, ebultioscopia, electro-coagulação, ebultios-copia, electro-capillaridade, electrocutor, eutexia, eutectico, foco-metro, hodographo invar.

Num abrir e fechar de olhos, percorrendo rapidamente as paginas de um compendio de gymnasio, como o *Tratado elemen-tar de physica* de Branly e evocando-me as suas indicações, por analogia de situações, outras palavras, num pequeno lapso de tem-po, ocorreram-me a esmo mais de cem lacunas do *Novo Dicciona-rio*, nascidas da crise amnesica do seu illustre autor.

Não ha duvida que destas omissões nem todas têm a mesma importancia.

Já que tanto porém se desvanece o sr. Candido de Figueiredo de haver dado ao seu *Novo Diccionario* abundantissima e moder-nissima nomenclatura technologica e scientifica e disto tanto alar-de faz, immenso alarde faz — "procurei não omittir os mais re-centes descobrimentos em qualquer esphera da actividade huma-na", (cf. pag. XI) — já que se gaba de estar ao par do avanço geral das sciencias, como explicar que nesse anno da graça de 1923 brilhem pela ausencia nas paginas do *Novo Diccionario*, além de *ecologia*, palavras que estão aos labios dos meninos pre-paratorianos de physica, como *watt* e *kilowatt*, *erg*, *joule* e *ampe-ragem*, *nicol* e *self inducção*, *monophasico* e *diphasico*, *emanação*, *extra corrente*, *inclinatoria*, *ultra violeta*, etc., etc., etc. Se até *calor especifico* não inculca o *Novo Diccionario* o que venha si-gnificar!?

Será porém o proprio sr. Candido quem nos dará a definição exacta daquillo que elle entende ser o ultra moderno no sentido do inventariamento dos diversos departamentos do saber humano.

"Procurou não omittir os mais recentes descobrimentos em qualquer esphera da actividade humana" e obedecendo a este crite-rio assim em 1923, (1-9-2-3), definiu *cathodo*: "Diz-se do raio invisivel (sic) que penetra os corpos opacos e que determinou o recente (sic!) processo photographico de Roentgen!!"

Quanta revelação traz esta preciosa definição! Confusão abso-



luta entre os raios cathodicos e a placa de que se desprendem no tubo de Crookes, o cathodo; confusão tremenda entre os raios cathodicos de Crookes e os raios X de Röntgen; demonstração mais do que evidente de que a definição do sr. Candido vem de 1896, quando começaram os raios X a fazer barulho no mundo, e sobretudo de que s. s. a tal respeito ouviu cantar o gallo... De modo que a radiographia de 1923 é a mesma de 1896. Não progrediu um passo?!

O "processo photographico" de Roentgen é o "recente" para o sr. Candido! (1896) — em que o raio invisivel cathodo penetra os corpos opacos!

Mas basta e basta! esta já vae longa demais.

Uma ultimasinha porém para deixar bem patente mais uma vez que o sr. Candido de Figueiredo, como tanto se jacta, "procurou não omitir os mais recentes descobrimentos em qualquer esphera da actividade humana".

Foi a que o levou "magistralmente" definir aeroplano.

Esta porém é tão curiosa! é tão espantosa que me obriga a abrir novo e largo parenthesis.

Na segunda edição do *Novo Dicionario* lê-se a seguinte maravilha. "Aeroplano: aparelho aerostatico, movido a vapor e sustentado sobre planos ou laminas postas em acção por um motor da força de um cavallo. Inventado recentemente em 1896 por Langley"!! (sic, sic, sic!) *Stupete, gentes!*

Commentando esta estupafaciante definição exprimiu-se o Dr. Araujo, de Botucatu, em artigo da *Folha da Noite*, de S. Paulo, em principios de Abril de 1924 e epigraphado *No mundo dos doutos*: "Lastimavel é o fracasso do sr. Candido de Figueiredo quando pontifica que "aeroplano" é um aparelho aerostatico, movido a vapor e sustentado sobre planos ou laminas postos em acção por um motor de força de um cavallo. Inventado recentemente, em 1896, por Langley". E' o caso: — Prrr... péga! péga! apita... ladrão! Definição de figurinha de carteira de cigarro ou photographia ordinaria... O sr. Candido de Figueiredo viu de outrora, muito alto o aeroplano... E isso na terra dos valentes e destemidos sulcadores dos ares atlanticos, Sacadura Cabral e Gago Coutinho.

Commentada essa definição, á altura do seu dislate, daria um volume de folego em pandegas e gargalhadas! E' boa! E aposto que essa definição é de origem futurista! Não ha outra entrada para tão ampla sabida... Futurismo de laminas sustentadas sobre planos a cavallo, como quem faz calcuños dos caminhos a transpor para a luz da lua "que illumina a terra de noite", com a força de um motor, sem tropicar nem cair".

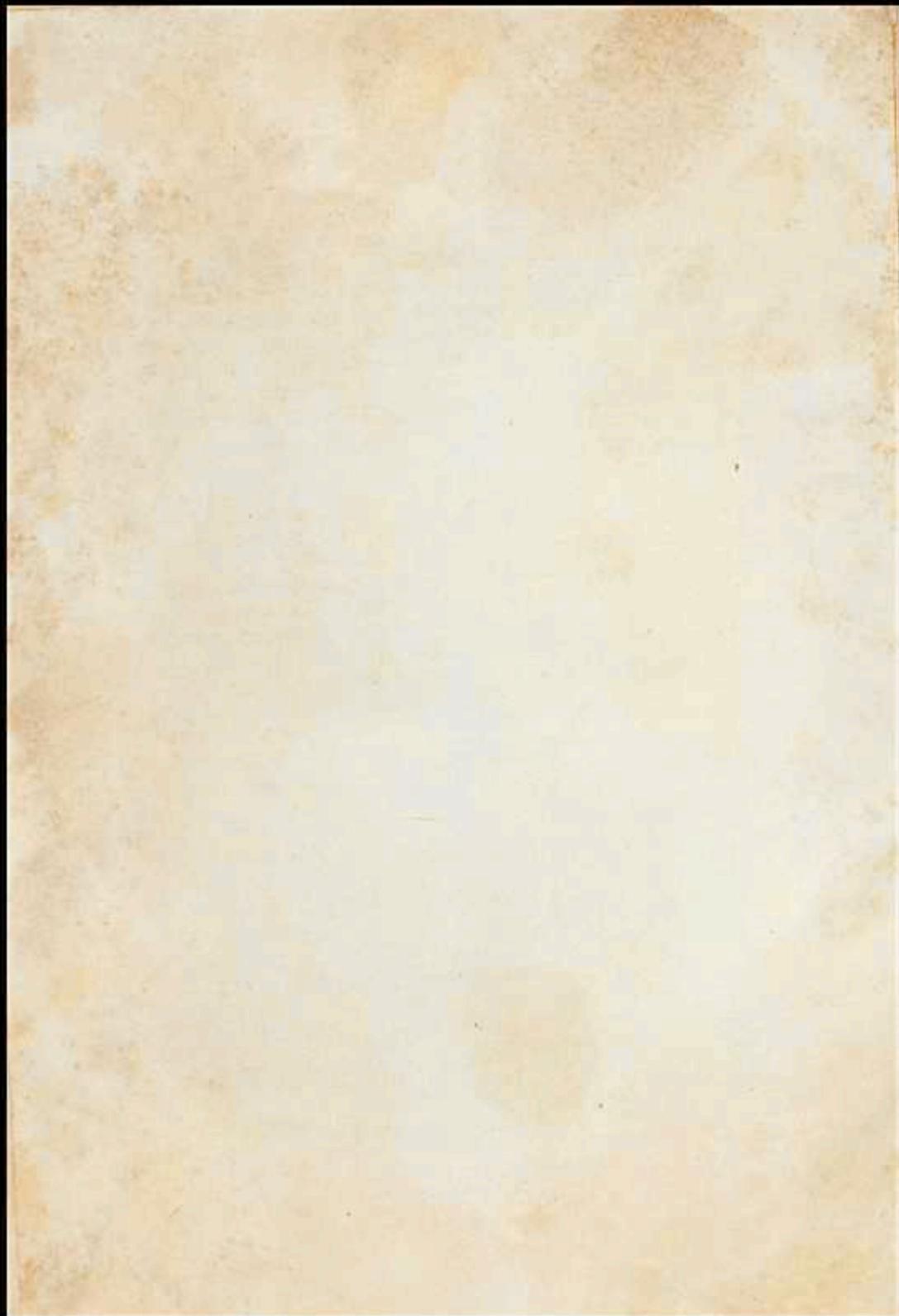


GALERIA DOS EDITADÔS



CESIDIO AMBROGI,

autor de "*As Moreninhas*".



Não é possível não haja alguém avisado o sr. C. de F. da sua bacellarice a propósito de aeroplano.

Mas pretender que dê o braço a torcer é sobrehumana empreza. Era porém a coisa de tal ordem que entendeu mais prudente "dar-lhe um geitinho". Pensou bem no caso e achou-lhe solução excelente, irretorquível... lá no seu entender.

Assim lemos esta belleza na edição de 1923:

Aeroplano (a-e), m. Apparelho aerostatico *sic!!* movido a vapor, e formado de planos ou de laminas e de um motor. (Foi inventado recentemente, em 1896, por Langley).

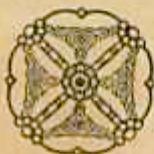
Está tudo sanado com a modificação do numero de cavallos vapor do motor; este deixou tambem de ser o propulsor dos taes planos, ou laminas, da definição velha para lhes ser sómente o associado. Mas Langley, este ficou intangível, cada vez até mais recente de 1912 a 1923.

Toda esta cambada, esta legião de Santos Dumont, Chanutte, Wilbur e Orville Wriphht e quejandos inventoresinhos, tudo isto foi annullado, de uma pennada dogmatica para maior gloria de Langley e de sua recente (em 1923) invenção (de 1896!!!)

Está tudo explicado. Assim como a chimica do *Novo Dicionario* é aquillo que já vimos, a aviação do sr. Candido de Figueiredo parou recentemente... em 1896 com a radiologia, com os aeroplanos-aerostatos, os aviões-balões movidos a vapor!

Por estas e outras é que inderrocavelmente esteiado nessa sciencia *up-to-date*, gangento e soberbo, acabrunhando os humildes caçadores de lacunas com o peso immenso do seu desprezo infindo veio o sr. Candido de Figueiredo exigir-me, para poder dar ao vocabulo entrada no gazophyllacio do *Novo Dicionario da Lingua Portuguesa* as credenciaes de ecologia.

AFFONSO DE E. TAUNAY





OS BRASILEIROS NA INDEPENDENCIA DA COLOMBIA

O ultimo fascículo do *Boletim de Historia e Antiquidades* (1) insere um intelligente estudo do sr. Argeu Guimarães, allusivo ás influencias de Bolívar sobre os espiritos de ideias avançadas no Brasil. O facto é patente; a estrella do Libertador illuminou com as suas scintillações as mais distantes terras da America, sempre que nellas brotaram nobres pensamentos de independencia e liberdade. Mais ainda: essa attracção transpoz os mares remotos para irradiar tambem até as mais civilizadas e longinquas capitães do Velho Mundo. O famoso abbade de Pradt, Canning, Lafayette, Humboldt, Byron, O'Connell e outras figuras de prestigio europeu, volveram olhos curiosos para o incendio creador d'estas republicas, fogueira tão colossal a ponto das suas labaredas envolverem ainda os corações mesmos da humanidade...; d'ahi o vemos desfilar em tantos officiaes e soldados inglezes, polacos, italianos, allemães, francezes, suecos, que, aos milhares, atravessaram o oceano com o objectivo de offrendar as suas armas, forjadas nas guerras napoleonicas, áquelle Genio que enchia os ambítos do mundo civilisado com o estrondo das suas derrotas e o clamor das suas victorias!

Entre os paizes americanos, o Brasil, terra generosa e propicia á liberdade, não podia escapar ao irresistivel influxo; por isso vimos que, após a mallograda insurreição do Recife, varios dos seus actores emigraram para estas regiões a procurar agasalho á sombra do Libertador. Sobre-sai em primeira plana o futuro general da Grã-Columbia, José Ignacio de Abreu e Lima; a 20 de Fevereiro de 1819, alista-se no exercito libertador, com o posto de capitão e, desde aquelle dia, vem-o cobrir-se de gloria sob os estandartes columbianos, até 1831, quando abandona para sempre a terra que ajudara a libertar. Abreu e Lima foi militar distincto em nossa historia, embora se transviasse na politica, filiando-se, como se filiou, á phalange dictatorial. O mesmo succedeu com a môr parte dos estrangeiros vindos n'aquelle tempo; fascinados pelo brilho do campeão sul-americano, não puderam ou não souberam libertar-se do seu influxo e seguiram-lhe as pegadas cega e honestamente pelo espinhoso caminho que ia dar no cesarismo.

O sr. Argeu Guimarães menciona ainda Emiliano Mundurucó, Luiz de Lima, Francisco Antonio de Lima Barretto, como outros personagens brasileiros vindos a estas alturas empós da trajetoria boliviana. Seria,

(1) *Orgão da Academia de Historia da Columbia*, Num. 165, Junho de 1924.

acaso, alguns d'estes Lima, o mesmo que em 1819 partiu de Gravesend no "Lovely Ann" com uma das expedições organisadas na Inglaterra para auxiliar Mac Gregor? É facto sabido que alli era partici-pe um coronel "de Lima"; que, durante a travessia, sobrevieram desavenças entre elle e o tenente-coronel Berridge sobre o commando militar; que Lima, apesar do seu caracter de estrangeiro no meio de toda aquella gente dominada pelo elemento inglez, conseguiu impôr-se e assumir o commando, entrando, á frente dos seus soldados, no porto de Les Cayes, a 18 de Setembro de 1819. D'alli seguiram, sob a chefia de Mac Gregor, rumo a Rio-Hacha, apparecendo Lima como chefe do Estado Maior, tomando parte e saindo ferido no sangrento combate de 5 de Outubro, que terminou pela conquista da famosa cidade das perolas.

Reorganizados os realistas e estando Mac Gregor desprevenido, cahiram sobre a cidade a 11 do mesmo mez e depois d'uma resistencia desesperada por parte dos defensores, foi recuperada a praça; Lima dirigiu denodadamente a defesa do forte de S. Jorge, tendo cahido orisioneiro, ferido pela segunda vez. Estes acontecimentos curiosos, que não se vêm mencionados nas paginas das nossas historias libertadoras, são descriptos pelo coronel Rafter em sua obra *Memoirs of Gregor Mac Gregor*, na qual, entretanto, se acrescenta que todos os prisioneiros feitos n'aquella refrega foram fuzilados por ordem do vice-rei Samano no dia 28 de Novembro de 1819, facto que, a ser accerto, viria collocar o coronel Lima no rol dos nossos martyres da luta emancipadora. Cahiram tambem prisioneiros e possivelmente foram fuzilados, um certo capitão Nestosa e um tenente Caro, unicos officiaes que, naquellas forças, não tinham sobrenome inglez e que, tal como o coronel Lima, bem poderiam ser brasileiros. (2)

Mas, a figura mais interessante da lista que nos occupa, é a de José da Natividade Saldanha, o poeta queahi por volta de 1826 chegou ás varzeas apraziveis da nossa Sabana, trazendo nos labios uma canção e, no cerebro, um luminoso sonho de liberdade. Qual era a missão do trovador brasileiro? Seu paiz já se tinha tornado independente, pois desde 7 de Setembro de 1822 o principe dom Pedro lançára ás margens do Ypiranga o grito de "Independencia ou Morte". A divisa, porém, do novo Imperador, não satisfazia o poeta republicano; aos ouvidos soava-lhe melhor aquell'outra de "Ser livre ou morrer!", com que rugiam os batalhões columbianos... Ser independente da metropole já era um passo, mas melhor seria ter um governo democratico; e Saldanha veio a esta terra da liberdade, segundo o Sr. Argeu Guimarães, buscando o apoio dos republicanos da Columbia para realizar o seu nobre ideal.

Se assim foi, na verdade, foi uma utopia. Porque teria sido delicadissimo para a mesma Columbia ir intrometer-se em questões intestinas d'um paiz independente, com o qual a prudencia aconselhava guardar fraternas relações; mas, ponde isso de parte e admittindo que o nesso Santander tivesse achado motivos para apoiar os republicos brasileiros, ficaria ainda de pé, a ser tomada em conta, a melindrosa situação politica d'aquella epocha, quando o dragão da dictadura já escancarava as fauces pelos meandros da Constituição Bolivariana... Ninguem podia prestar attenção aos negocios d'um paiz longinquo, segregado de nós por milhares de leguas erizadas de bosques selvagens, quando aqui em casa já resfolegavam os primeiros sopros d'uma ameaçadora ventania.

O erudito sr. Argeu Guimarães acceta a missão de Saldanha perante os republicanos da Columbia, e insinua aos curiosos da Historia commette-

(1) O coronel Lima, mencionado pelo Sr. Otero da Costa, não pode ser o mesmo Abreu e Lima que, quasi meio século mais tarde, veio a fallecer no Recife. V. *Um brasileiro na epopeia de Bolívar*, por ARGEU GUIMARÃES.

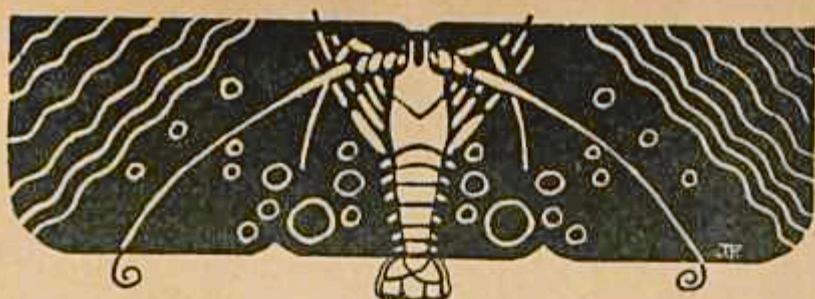
rem a tarefa das investigações indispensáveis ao desenvolvimento e ao remate d'esse interessante capítulo deixado sem epílogo". Por nossa parte pensamos que, se os factos ocorreram mais ou menos consoante a hypothese acima mencionada, a chave estaria quasi descoberta. Do mesmo passo se explicaria porque o poeta, cuja memoria foi decantada por tão altas figuras como Miguel Antonio Caro e José Joaquim Ortiz, occultou as suas desesperanças para melhores dias e escondeu-se numa discreta penumbra, entretendo-se a saborear as *Georgicas* e as *Eglogas* do doce Vergilio, enquanto Bolívar se perdia na antevisão de presidências vitalicias ou dictaduras ou mesmo corôas, e Santander polia com a sua resistencia os punhaes que, contra a sua propria vontade, quizeram, na "nefanda noite setembrina", evocar a purpura dos idos de março... (3) Aquelles tempos, certamente, não eram propícios para trabalhar na Columbia em prol de ideaes republicanos.

Natividade Saldanha! Desventurado sonhador! Devia ser um tanto inclinado ao *vinum optimum* e assim se comprehendendo racionalmente aquella morte junto aos velhos muros de S. João de Deus, afogado numa valla cuja corrente elle poderia atravessar sem esforço, drama que vem lembrar-nos o de Põe, glorioso intemperante que, tal como Saldanha, sob o manto d'uma noite de inverno, cahiu tambem num arroio, para não levantar-se — "nunca mais!"

Bogotá, 14 de Março de 1925.

HENRIQUE OTÉRO DA COSTA
(da Academia de Historia da Columbia)

(3) Refere-se ao attentado contra a vida de Bolívar, de que escapou milagrosamente o heroe, em a noite de 28 de Setembro de 1826.



BIBLIOGRAPHIA

MINHA VIDA E MINHA OBRA — Henry Ford — Tradução
de Silveira Bueno — Companhia Graphico Editora Monteiro
Lobato — S. Paulo — 1925.

A vida de Henry Ford, o nascimento e o progresso do automovel se entrelaçam tão estreita, tão intimamente que impossível se torna separar uma de outras. O que, porém, não era de se esperar é que esse grande industrial — o maior da actualidade — viesse expor a sua vida e a sua obra em um livro, toda franqueza e sinceridade, clara exposição das ideias claras, a que deveu a sua assinalada victoria e sempre ou quasi sempre em diametral opposição aos princípios pelos quaes se rege a industria moderna.

Pelos princípios que explana e pelos factos que apregoa, é obra destinada a assignalar uma epocha. É, sobretudo, uma grande lição de energia e combatividade, dada por quem, com melhores direitos que outros, pôde reivindicar o titulo honrosissimo de professor de ambas.

Muito rumor já se tem feito em torno desse trabalho e sobre elle já se pôde considerar dito tudo. Limitar-nos-emos, pois, a assignalar que a traducção, cuidada com carinho extremo e conhecimento profundo da lingua, nada tira ao merito do original.

Quanto ao trabalho graphico, é um elegante volume de mais de 350 paginas, nitidamente impresso e obedecendo ao apurado criterio esthetico das mais recentes edições da casa.

J. S.

ESTUDOS CAMONEANOS — Sylvio de Almeida — Empresa
Editora "Nova Era" — S. Paulo — 1925.

Tratando-se de obra de folego e erudição vastos, a sua analyse não cabe dentro dos estreitos moldes de que dispomos. O sr. Sylvio de Almeida, porém, era nome feito de longa data na especialidade e, portanto dispensa encomios pouco auctorizados.

Varios pontos, que restavam obscuros na obra do formidavel epico portuguez são satisfactoriamente aclarados pelo auctor.

Nessa obra posthuma, que agora emerge à luz da publicidade, os estudiosos dos "Lusiadas" muito encontrarão de útil e agradável.

O trabalho graphico, executado pela secção de obras d' "O Estado de S. Paulo", é bom e de bom gosto.

J. S.

LENDAS DA PRINCEZA LOURA — Arnaldo Damasceno Vieira — Companhia Graphico-Editora Monteiro Lobato — S. Paulo — 1925.

Dá-nos o sr. Arnaldo Damasceno Vieira, personalidade assás notória nas letras patricias, mais um volume de versos — *Lendas da Princesa Loura*, abrangendo *Rapsodias, Effigies de nevoos, Bosque de encantamentos e Jardins suspensos*.

Filiado às correntes modernas da poesia, o auctor dá, como todos os adeptos do mesmo credo, uma grande elasticidade á metrica com que joga. Mercê, porém, do seu temperamento de verdadeiro poeta e do vernaculo de bom quilate que emprega, os seus versos são lidos com agrado, mesmo pelos que não commungam no mesmo genero de ideias.

O volume, pequeno, elegante e de bom gosto, é mais um attestado do capricho da casa editora.

J. S.

CASOS DE AMOR E DE INSTINCTO — Carlos Magalhães de Azeredo — Livraria Francisco Alves — Rio de Janeiro — 1924.

Subordinada ao titulo — *Casos de amor e de instincto* — e constituindo um volume de mais de 400 paginas, deu á estampa o sr. Carlos Magalhães de Azeredo, nome laureado nas nossas letras, uma collectanea de contos em que patenteia os seus dotes de perspicaz analysta e profundo observador das paixões humanas.

Em meios diversos e jogando com personagens por egual diversas, o desenrolar da acção se desenvolve, quasi sempre, de intensa tragicidade latente e os caracterés se desenham vigorosamente em scenarios bem estudados.

Com esses elementos e dadas as suas notorias qualidades de estylista, facil lhe foi confeccionar um bello livro.

J. S.

MANHÃ BRUMOSA — Paulo Pinto Machado — Companhia Graphico-Editora Monteiro Lobato — S. Paulo — 1925.

Embora outros generos cultive com felicidade, o sr. Paulo Pinto Machado é um temperamento de poeta accentuado, profundamente lyrico. Os seus versos, impregnados de delicada sentimentalidade e, por vezes, sombreados por uma leve nuvem de melancolia, de preferencia versam, como é natural em poetas da sua indole, os dois eternos themas — a mulher e o amor — e soam ao ouvido qual uma musica suave e embaladora.

Não quer isso dizer que outros filões não aproveite com felicidade. Tem algumas paisagens excellentes e numero não pequeno de bons sonetos.

Allie-se a isso a variedade de metros empregados e a correcção da fórma, caprichosamente burilada e ahí temos os elementos que fazem de *Manhã brumosa* uma estreia promissora e um livro que se lê com agrado.

J. S.

VITTORE COBIANCHI — *Vincenzo S. Blancato* — Companhia
Graphico-Editora Monteiro Lobato — S. Paulo — 1924.

O polygrapho italiano sr. Vincenzo S. Blancato, de quem já, no numero anterior, havíamos noticiado um vultoso trabalho sobre o conde Francesco Matarazzo, dá-nos, em menor volume, outro trabalho de genero identico, visando a personalidade do notavel estadista italiano Vit-tore Cobianchi.

Tudo quanto foi dito sobre o trabalho anterior se poderia reproduzir a proposito deste. A repetição, porém, é excusada, dada a notoriedade do auctor.

Apenas frizaremos um ponto, que o auctor é o proprio a frizar: — unicamente a Companhia Graphico-Editora Monteiro Lobato poude, em S. Paulo, editar essa obra nas condições de urgencia requeridas.

É essa urgencia em nada prejudicou a esthetica do trabalho ou o apuro da sua revisão.

J. S.





RESENHA DO MEZ

OS THESOUROS DA POBREZA

Poucos moços terão reflectido sobre os thesouros da pobreza. No entanto, elles existem e são valiosissimos. Os exemplos, o argumento por excellencia, contam-se aos milhares em abono do nosso conceito.

Em todos os tempos e entre os povos e raças mais differentes, venceram sempre e conseguiram a immortalidade e a gloria aquelles que se iniciaram na vida soffrendo penosas privações.

Foi, sem duvida, a pobreza que os fez grandes.

Culminou na humildade e na miseria Jesus, o filho predestinado de Maria, prechamente aquelle contra cuja memoria foram impotentes os 19 seculos que o separaram de nós.

E a razão de ser assim está em que só os soffrimentos e as necessidades conduzem os moços á meditação e ao estudo, em busca de nome e de prestigio.

Sem terem ainda noção rigorosamente exacta dos seus deveres e impellidos para os prazeres pelas forças instinctivas que nelles actuam, os jovens succumbirão ante os perigos da vida desgraçada, desde que não lhe faltem meios de satisfazer os seus loucos intentos.

Ao contrario, lutando com difficuldades, tendo de enfrentar perigos para vencer, elles darão maior valor ao seu esforço e não mais desperdiçarão energias com criminosa prodigalidade, em cousas inuteis ou prejudiciaes.

Criar-se-ão homens fortes e dignos por terem caldeado o character no cadinho das attribuições e das dôras.

Os assim trabalhados, não terão receio de enfrentar a vida, nem a buscarão em suave declive, pois, visando a victoria, comprehenderão a necessidade das escadarias e, cheios de energia, vencerão caminhos pedregosos e attingirão os picaros.

Os outros, nascidos e criados em ambientes confortaveis, alheios ás vicissitudes, lançados á violencia dos embates com que o mundo nos surprehe sempre, não terão forças para oppor aos elementos adversos nem coragem moral para supportar os disabures que os alcançarão nas primeiras etapas.

E serão lutadores vencidos, antes mesmo de travadas as batalhas, nas quaes não pelejarão com demodo.

Só os que se habituaram ás adversidades e conquistaram relativo bem estar a preço de sacrificios sem conta, se não intimidam e nem recuam deante de novas pugnas.

A esses se devem os surtos do progresso, as conquistas e as descobertas scientificas liberaes, pelas quaes jamais se bateram os hafejados pela fortuna.

Não tiveram mocidade dourada Romero, Spinoza, Pasteur.

Assim, é bom que os moços pobres não se maldigam, nem se arreiciem do futuro, que lhes sorrirá venturoso, se aproveitarem a energia de que dispõem no serviço de assegurar-o.

Encarando a falta de haveres não como um approbrio, mas como um desafio á sua capacidade de realisação, conseguirão os possuidores de animo forte triumphar das seus

rígidos e atingir as suas aspirações, ainda as mais elevadas.

Charles Wagner, exortando a mocidade a persistir para vencer, diz que se apraz de contemplar os que se agarram à sua pobreza e chegam quasi à anulação, como se ama a belleza desolada de um torrão natal desherdado pela natureza. Tais homens são a força do mundo.

E o notavel escriptor affirma ter per-lustrado a pobreza como se fosse um paiz de maravilhas, nelle viajando, não como "touriste", mas como aborigene, iniciado nos segredos do lugar, inimigo das estradas reaes, matreiro dos recantos ignorados. E eis que achou mais bellas as florinhas daquelles bosques e daquelles campos de que toda a flora delicada dos jardins luxuosos e das estufas. Wagner allude, então, com admiração, à pobreza dos pequenos, sobrios, laboriosos, economicos e generosos, dos operários, dos camponeses e dos marinheiros; dos estudantes, que só têm uma cama, uma mesa e alguns livros estimados, mas que habitam os cumes e se sentem mais ricos que os dominadores do mundo. E prosegue: "Pobreza dos artistas — não desses que só conhecem a ambição do dinheiro — mas desses que só têm um amor, a belleza; uma paixão, o ideal; pobreza dos pesquisadores das sciencias, que esquecem o tempo que corre e o prazer que os convida e vão como os caçadores pelos asperos caminhos, precipitados e obscuridades, seguindo a pista fascinante do desconhecido; pobreza dos pensadores atormentados pelo infinito, perdidos sobre os problemas do mundo e os da alma, ainda mais vastos que os do mundo; pobreza enfim dos que são perseguidos por causa da verdade e da justiça, mas que

não se perturbam, porque só temem a covardia".

Se meditarmos um pouco sobre esses pobres, comprehenderemos que foram elles, em todos os tempos, os grandes abreiros das immensas realizações que dignificam o homem.

Emquanto, em regra, os ricos gastam com o seu dinheiro a mocidade, com o enfraquecimento do corpo e a corrupção da alma, os pobres, na ansia legitima de conquistar um lugar na sociedade e um posto de destaque entre os seus concidadãos, perfiam nos estudos, emmeram-se nas artes, reúnem conhecimentos e, por fim, alcançam o triumpho real que só o é quando obtido por esforço proprio.

Que assim o comprehendam os paes poderosos e afortunados e, acreditando nestas verdades, eduquem os seus filhos na escola do trabalho, evitando criar parasitas ou homens debeis, incapazes de ser alguém e de realizar alguma coisa.

E que os pobres não se arreceiem da sua fraqueza economica e, antes, a encarem como um bem instestimavel, porque, se a supportarem com denodo e a combaterem com decisão, a transformação em fonte de lições preciosas, de ensinamentos inegalaveis que lhes abrirão mais tarde a porta larga de radioso futuro.

Só uma pobreza deve apavorar os moços: é a da moral, que invalida todas as iniciativas e arrasta às maiores degradações.

Porto da Siveira

("Estado do Paraná", Curitiba)

O ROMANCE DE AVENTURAS

Intensifica-se hoje, como já por vezes tenho aqui registrado, em quasi, sinão todas, as literaturas do mundo, uma insistente reacção, mais do que nunca accentuada e systematica, ineluctavel, contra esse velho genero gasto de prosa imaginativa: o romance de amor.

Thema eterno, — dizem.

Sim, eterno por quanto humano, muito humano, mas quando, encarado pelo escriptor, pelo artista, na essencia pura da sua idealidade.

Suprema, sem duvida.

Exclusiva, sem duvida.

Todas as acções, todos os pensamentos que originam os esforços do homem e, criadores, o elevam — ao que supponho — acima de todos os seres, temem o seu motivo propulsor, pelo milagre de uma synergie espiritual, no sentimento dos sentimentos, que move a Terra e perpetua a especie.

Mas, não é sob tão ennobrecedor aspecto que os annotadores, que os observa-

dares, que os psychologos adoptaram, por norma, analysar nos romances amorosos, dos tempos da "Madame Bovary" aos da plena actualidade, o grande, o universal phenomeno que é o principio da vida e ao mesmo tempo, a sua mais alta e a sua mais profunda razão de ser.

Não.

O assumpto que os inspira, o objecto que os obriga a ennegrecer, com tinta, de trezentas a quatrocentas paginas, é sempre o mesmo, não varia, tem a immobildade de deserto das miragens aborrecedoras. É uma aridez, com incrível paciencia explorada, batida, transposta, de ponta a ponta, acabando por beirar os intransponiveis limites da exaustão e do tedio: o amor-intriga, o amor-contacto de epidermes ou fantasias, o amor-facto diverso, o amor-degenerescencia, o amor-perversão, o amor-impetude.

E este, o amor que abrilhanta os capitulos, por nésciamente semelhantes, copiados, repetidos uns de outros, sem a minima noção de plagio ou imitação, antes com a intenção manifesta da mais absoluta originalidade, — capitulos esses que, com a maior presteza, attraem para os seus escrevinhadores a lisoujeira gloria de "romancistas apaixonados", a qual, por vezes, lhes concede a honra, immerecida por certo, de se verem collocados no Index...

Ora, a reacção fatal e necessaria que, de tempos a esta parte, se resolveu a contrariar as funestas e offensivas tendencias, mudadoras da obra romanescas dos dominios da literatura para os da simples exploração commercial, teve um recurso effizaz, e triumphante até certo ponto: o appello ao romance de aventuras, que parecia, desde a epocha dos "Trois Mousquetaires" e "machinas" congeneres caído em desuetude.

E acontece que esse recurso a um processo, considerado pela irritavel grey dos criticos, como uma velharia de ferro-velho ou antiquidade para museus, na mão de acerrados e penetrantes prosadores adquiriu uma energia nova, um inédito sabor de modernismo, as proporções incalculaveis de uma ressurreição.

Pode-se affirmar que, depois da Guerra, attenuadas e deixados de parte para serem lidos com tempo, os numerosos, os interminaveis, lentos e monotonos volumes que se referiam ao grande conflicto, o ro-

mance de aventuras, uma verdadeira obra de arte por ser criada, teve de logo a primazia sobre os generos todos da bella e moderna literatura "de enredo".

Um exemplo basta.

O livro mais notavel e que maior successo literario obteve, dos inspirados e provocados pela formidavel catastrophe sangrenta, foi, ao conceituar unanime da critica, na França, "Le Feu", de Henri Barbusse. A razão, muito simples: obedecia a estrutura conceptual desse significativo "journal d'une escouade", aos methodos modernissimos do "romance de aventuras". É nenhuma aventura maior do que a da Guerra... Isto, mais do que os infinitos anarchicos de combate às doutrinas bellicas, deu a esse livro a larga popularidade, de que ainda hoje goza.

No mesmo citado paiz, outro romance de aventuras constituiu, muito mais recentemente, um innegavel acontecimento literario; e foi "L'Atlantide", de Pierre Benoit. Verdade é que, inferior não só de concepção e estylo, como de idéas, ao de Barbusse, o volume de Benoit foi mais directamente ao grande publico, e deu, nos 80 dias da novella verneana, a volta ao mundo.

Já o tivemos aqui em consecutivas edções; e, breve, tello-emos num "film" sensacional, super-film, com um atraso de correio agora aqui chegado, e cuja estréa proxima me foi revelada hontem por algumas figuras de cartaz.

Entre os nossos homens de letras, a influencia e o estimulante malefico da mediocreissima producção pseudo-psychologica do sobrevivente V. Margueritte, a inexpressibilissima "La Garçonne", conseguiu entre nós adubar, mangrada a esterilidade dos seus germes, as plantas de estufa de uns ignobels romances.

A berva ruim cresce logo...

Mas, o romance de aventuras, onde a psychologia suita as velas ao vento no mar alto de um oceano carregado de surpresas, ainda não soube fascinar a precaria imaginação dos nossos belletristas, que se dedicam á novella.

Que a insípida "Atlantide", de Benoit, já que o não conseguiu em livro, venha, tendo passado agora pelos focos intellectuaes do paiz, transformada em comprimidos de quadros e letreiros laconicos, impressionar e activar a imaginação dos nossos escriptores, desviando-a dos detestaveis thematicas habituaes dos romances de amor; o que talvez, tenha como resultado, nos mostra-



dores de livreiros, o imprevisto aparecimento de uma obra-prima...

Parece-me que as nossas condições topographicas e meteorologicas são as mais adequadas e propicias, com as suas infinitas planuras, as suas scenographicas quedas de agua, as montanhas que enfiam os seus picos entre as nuvens, os seus rios oceanicos, as suas florestas bravias e os seus sertões selvagens, para a efflorescencia da com-

plorado genero literario a que venho alludindo.

E, quanto á carencia de personagens, é só fechar os olhos e alongar a mão: ha sempre, á roda de nós, aquillos de imprevisto e de inimaginavel, a numerosa cáfila dos amadores de aventuras...

Eduardo Guimaraes

("Correio do Povo", P. Alegre, 2-4-1925)

UM SONHO DE BELLEZA

A perfeição na Belleza e na Verdade... É este o sonho, é este o ideal muita vez inconsciente do homem na Terra!

A aspiração do mais alto, do mais exalta, mais ou menos todas as espiritos e se os ha que se arroubam em surtos incontidos de entusiasmo e de commoção incapazes de elevar o homem, em momentos fulgurantes de gloria, até á immutabilidade serena e perfeita dos deuses nenhum ha que não sinta em si, em horas de angustia ou de jubilo, imprecisa talvez, mas profunda, a mesma ancia infinita de algo differente, de algo maior de algo melhor, que o pensamento advinha como possibilidade longinqua em enevoados, remotos futuros e cuja esperanza doe deliciosamente nas almas, como uma saudade.

A capacidade de creer pertence, sobre tudo aos moços; a elles pertence a Fé, chama viva cujo esplendor aclara o universo.

Os sonhos de gloria, são elles que os sonham; e acontece ás vezes, por millares de energia, que os realizem...

Crear é a missão dos moços: crear em espirito, crear em obra.

O seu ideal é a Belleza, em todas as suas fórmas, inclusive as da illusão...

Aos homens feitos, aos velhos, é a investigação da Verdade que absorve, que apasiona as almas. O olhar, que se erguia além das estrellas, baixa ao pó. O que era expansão se faz contenção: o que era impeto, o que era assomo se faz curiosidade.

Os gregos não divinizaram a Belleza. Ella era a propria essencia da divindade, característica e distinctiva. Ella era o attributo dos deuses, extra-humana e extra-terrena. A Verdade, entretanto, crea-

ram-na elles no seio da propria Terra: é do symbolico poço negro que o seu corpo luminoso emerge; para vê-la, temos de debruçar-nos, investigando as trevas inferiores...

Creer com força, creer com fé, creer no amor apesar do odio, creer no bem apesar do mal, creer em Deus apesar dos homens, esta é a gloria dos moços e é este o poder da sua acção renovadora, exaltadora, dignificadora do pensamento!

* * *

Quil o destino amavel que, em obscuro momento de duvida intima, eu encontrasse em meu caminho, na fulgida figura de um moço, uma affirmação de belleza.

Esse moço era Arthur Iberê de Lemos e o seu sonho a criação de uma Universidade de Arte no Brasil, capaz de estabelecer nesta parte do Mundo um esplendoroso foco de civilização artistica e moral, semelhante ao que, acceso ha dois mil e quatrocentos annos ás margens do Mediterraneo oriental, ainda hoje, como a luz de certas estrellas mortas, aclara os espiritos, chega até nós.

A Universidade de Arte ideada por Arthur Lemos é uma concepção até hoje inédita na historia da Humanidade. Consistirá ella nas suas linhas geraes, "em uma especie de congregação material, moral e espiritual de todas as grandes artes abstractas e concretas: a Musica, a Literatura (Poesia, prosa, oratoria, philosophia etc.), a Dança (onde se incluiria o cultivo da belleza physica), a Pintura, a Esculptura, a Architectura e, finalmente, como arte aparte, o Theatro, dramatico e musical, como o conceberam os gregos na antiguidade e Wagner nos nossos tempos,

isto é como união harmoniosa de todos os diversos elementos de arte, entre si associados e ordenados em perfeita eurythmia".

A Universidade estabelecer-se-á em vastos, umbrosos terrenos, sulcados de águas murmurantes, abertos em perspectivas amplas e povoados de estatuas "representando as principais personagens das varias mythologias". Ao centro desse terreno, "dispostos em fórma de larguissima circumferencia, em torno do *Theatro Grego-Wagneriano*, erguer-se-ão os seis outros templos de cada uma das seis outras artes".

Além dos cursos livres professados na Universidade, realizará ella, annualmente, ou em períodos determinados, grandes concursos, exposições, congressos, concertos e festivais artisticos, "semelhantes às celebrações olympicas, apollineas e dionysiacas da Grecia e as temporadas de arte dramatico-musical effectuadas no theatro de Wagner em Bayreuth e no theatro popular ao ar livre de Oberammergau".

* * *

Sonhos, que o vinho de Hebe accorda no pensamento?...

Talvez... E' porém com sonhos de poetas que a Humanidade realiza a sua obra vasta e profunda de civilização! Os ideaes generosos são a unica meta do trabalho collectivo dos povos.

Para nosso proprio bem, para alegria do nosso esforço, é preciso crer em futuro melhor, na possibilidade da Perfeição:

*Ah! o dia ha de vir da perfeita Ventura!
Ha de descer a paz a cada criatura.*

*Ha de esplender a Vida á luz de novos sóes!
O sonho não é vão dos poetas, dos heroes;*

*Nem todo o mal é eterno e todo o bem fictício!
De dor em dor, de sacrificio em sacrificio.*

*De illusão em illusão, de ideal em ideal.
O seculo feliz ha vir, e afinal.*

Ha de ser conquistada a ventura na Terra!

Arthur Iberê de Lemos é um paladino desse ideal.

Affonso Lopez de Almeida
("Paiz", Rio).

NISIA FLORESTA

Ouvei, certa vez, de Machado Assis, a proposito de um artigo de Constancia Alves sobre esta escriptora, que ella era, sem duvida, a figura mais singular da litteratura brasileira. Conhecia-a o autor de "Braz Cubas", através de informações de J. Carlos Rodrigues, que lhe estampara o retrato no "Novo Mundo", precedendo-o de palavras extremamente elogiosas. Tambem para Miguel Lemos, que transferiu á Bibliotheca Nacional, algumas das obras que ella lhe offerecera e que, na qualidade de director do Apostolado Positivista, mandou publicar varias cartas de Augusto Comte á escriptora, a formação intellectual de Nisia constituia um enigma, dadas as condições do "meio" e do tempo de seu florescimento, pois nasceu em 1809, num vilarejo do Rio Grande do Norte.

Ouvindo, ha tres dias, a brilhante conferencia de Reis Curyalho, no Centro Paulista, acerca dessa grande figura feminina, eu reconstituia saudoso reminiscencias do dia em que visitei o logar de seu nascimento.

Para se alcançar esse esquecido canto do mundo, abandona-se o trem na cidade de São José, á margem da Estrada de Ferro que vai de Natal a Alagoinhas. Eja-me, pois, a cavallo, Tarda, pisando com difficuldade o caminho alvacento, o animal inã e vantage, as redeas bambas sobre o peçoço de alimaria desnutrida. Filando a paisagem, com uma curiosidade quasi doentia, levava no espirito a historia enigmatica de Nisia. Dentro em pouco, estava em Papaty, a quatro passos do sitio em que nasceu, e um mundo de interrogações sem nexo me enchia a cabeça. Por vezes, o animal, hesitante, sentindo-se sem governo, estacava, mordendo o freio pachorrentamente; e, interrompendo a meditação por causa da parada subita, eu ficava a olhar tudo o que me cercava, as plantas do taboleiro, a herva da margem da estrada somnolescente, os cajueiros selvagens... Chegára ao coração do valle. Este, radiante em seu abandono, com a alegria das arvorea quando apparecem as primeiras chuvas na região do nordeste, resplandecia



numa halo de saudade, todo embebido na lembrança da alma peregrina que ali passara a infância, entre sorrisos e galas. Depois começo a perguntar aos curiosos que à beira do caminho, nas residências toscas, commentam a minha abstracção, se me podem mostrar a casa onde nasceu a patricia. Ninguém sabe. E é após fatigante pesquisa que alguém, um parente remoto de Nisia, se offerece desvanecido, para guiar-me até lá, até o ninho onde primeiro palpitou esse coração de artista e de pensadora.

— Fica muito longe, amigo?

— Ali. Um nadinho... De viagem, fico novamente a pensar, enquanto o companheiro, obsequioso e sorridente vai conversando em voz alta. Espero contemplar dentro em pouco esse prédio antigo, de alpendre largo e tecto elevado, em cuja sombra surgiu para a vida e para o sofrimento o espirito inquieto da mais profunda escriptora brasileira. E, em cada curva do caminho, penso ver o lar de Nisia, onde minha imaginação desenha miragens de alegria, visões de festa em que resplandece, entre os sorrisos da puberdade, a alma subtil de uma criança que nascera para a gloria, mas a quem o destino só daria a palma de vencedora, arrancando-lhe as azas de anjo. Volvidos minutos, o companheiro parou de repente, à beira de uma cancella antiga.

— Chegámos.

— É a casa?

O companheiro sorriu.

— Desfer-se ha muitos annos. Pensei que desejava sómente vêr o lugar onde existia.

Apeçamos-nos. E tropego, machucando o hervaçal crescido, fui ter ao pé de uma mangueira por elle indicada.

— Bem ali era o seu quarto; ali dormiam os filhos do seu pae, o "marinheiro" Dionysio.

Assim, por interessante coincidência, o acaso puzera no lugar onde nascera essa bella flor do pensamento, essa arvore humana que deu à terra patria tão bellos frutos, uma outra arvore que eu via tambem coberta de flores e pomos, erguendo para o ar os grandes ramos verdes, tal como para o alto subiam todas as aspirações de Nisia... Sentei-me. Era um dia claro, muito luminoso e suave. Das abandonadas brejeiras, das depressões cobertas de flores aquaticas, subia, traduzida pelas vozes de milhares de polares

seres ignorados, a canção humilde das rãs, o zizido dos insectos vagabundos sob a vegetação paludosa, o chineio de pessaros anonymous e satisfeitos, gorando o bocado de vida que a Natureza lhes dava, à beira dos igarapés e à claridade macia de um sol de inverno. Nisia me appareceu então como a pintavam até poucos annos os raros que a conheceram nos primeiros annos da juventude, uma creatura deslumbrante, de grandes olhos scismadores, de longos cabellos amarelados, os seios arfando sob as rendas do corpinho, na inquietação da puberdade, partilhando da ansia inconsciente que o desejo de viver acordava em todo o valle. E me veio à memoria o que eu sabia da existencia dessa alma agitada. Acompanhei-a à capital de sua antiga provincia, onde a casaram com um simplorio, vi desfeitos os laços da desgraçada união, a vimta para o Recife e para o Rio Grande do Sul, a volta para o Rio, as longas viagens em quasi todos os paizes europeus e ao Oriente; tudo denunciando um espirito insaciavel de emoções, aguçoso de movimento e de luz. Porque a nossa grande compatriota não viajava sómente por simples prazer esthetico.

Na terra de Silveira Martins interessou-se pela lucta dos Farrapos e tornou-se professora insignue; no Rio manteve afamado collegio de meninas, fez conferencias abolicionistas e pregou a federação; em Paris e na Italia frequentou mais de um curso celebre e conviveu com varias intelligencias da época: Lamartine, Hugo, George Sand, Herculano foram seus amigos espirituos, entretendo larga correspondencia com Augusto Comte que nella, segundo escrevem, viu "todos os elementos para uma preciosa discipula"; na Italia visitou Mazzini e Garibaldi; e trouxe do Oriente paginas de intimo colorido.

Entardecia; o companheiro chamou-me. E, de pé, recordando uma passagem do livro *Trois ans en Italie*, onde ella, falando do lugar do nascimento, lembra uma mangueira à cuja sombra a sua familia reunira num jantar ducentos convivas, perguntei pela arvore gigantesca.

— Não existe mais. Do tempo de Nisia restam apenas aquelles dois coqueiros. Em quasi todos os livros della encontrei recordações profundas, lembranças da natureza de sua terra. Não obstante a sua vida trabalhosa ella ficou uma contemplativa, cheia da sensibilidade nossa, da meiguice tristonha do norte-riograndense...

Eis-me de volta, já um pouco distante do lugar do nascimento da excepcional patriota. O dia, em meio, tinha fulgurações estonteantes, punha nos campos a reinação da luz que estava em ecstase gerando milhões de vidas continuadoras da existência do vale fecundo. Era o eterno renascimento dos ares e das cousas, perpetuando a glória do globo, com as suas alegrias e as suas do-

res. Tudo se renova ali: os passaros se reproduziam, as arvores floriam com as estações, os camponios renasciam nos filhos robustos.

Mas depois de um século do aparecimento de Nisá o valle, ou melhor, o Brasil, não gerara um cérebro feminino tão complexo e tão forte...

H. Castriciano

IMPRESSÕES DO RIO DE S. FRANCISCO

Quando, ha dias, atravessamos o passageo do "Wenceslão Braz", assumi, como mesmo, o compromisso intimo de, após a reportagem propriamente noticiosa imposta pelo dever profissional, escrever alguma coisa da impressão dominante que sobre o meu espirito causava a immensa caudal que eu via, nas corredeiras de Pirapora, torturada, comprimida, em grandes e pequenos canais, para, mais adiante, ainda aos pés da cidade, resumar, de novo, a sua unidade radiosa e placida.

A' medida, porém, que o vapor, conduzindo a personalidade eminentemente do dr. Mello Vianna e sua comitiva, ia cortando, agua abaixo, o dorso do grande rio, vacillava, no meu espirito, a concretização da primeira idéa, porque, realmente, não se descreve o indescriptivel.

Valha-me isto de anteparo á pobreza das linhas apressadas com que buscarei dar uma impressão pessoal do que me foi dado ver e ouvir na semana ultima entre as barrancas do São Francisco.

E' uma impressão da viagem, unicamente, pois que do formidavel mediterraneo nada é possível dizer de novo — mormente em uma visita de observação rapida — quando Derby, Martins, Saint Hilaire, Halfeld, Theodoro Sampaio e Octavio Carneiro, entre dezenas de outros, quer em missões officiaes, quer por conta propria, em viagens de estudos, já o devassaram integralmente, do fundo á tova, do remanso á cachoeira, da nascente á foz, estudando-lhe, em todas os aspectos, a physionomia empolgante.

O aspecto do rio, entre Pirapora e Jannaria, é de perfeita tranquillidade: mais estreito, mais largo, rapido ou lento conforme o declive do leito, as suas aguas são sempre mansas, sem o mais leve

marulho além do que sobre ellas produz o deslizar do vapor.

Embora escura e terrosa, a agua do São Francisco é perfeitamente potavel: basta filtrar ou simplesmente decantar, para que se torne leve e agradável, tendo tido, por isso, a sanção de notaveis bacteriologistas.

O canal do rio é, ainda hoje, o mesmo que Henrique Halfeld estudou, ha mais de meio século, de dois em dois metros, no exame exhaustivo e o mais completo que até hoje se fez do São Francisco: ora recta, ora sinuosa, no meio do rio, heirando á direita, á esquerda, mas navegavel sempre para todos os vapores, na cheia, e para os de pequeno calado na vazante, o canal do portentoso rio abre ao commercio, á civilização e á vida, cinco Estados brasileiros directamente servidos por elle e, através delle, pelas seus numerosas affluencias, muitas outras unidades federadas.

Os maiores tributarios do São Francisco, ao longo das 60 leguas de margem que vão de Pirapora a Jannaria, são — primeiramente o Rio das Velhas, que entra pela direita, em linha recta, tão recta que a impressão do observador é que o São Francisco deixa de ser o rio principal para ser o affluente. A confluencia das duas caudales está no lugar denominado Ponta da Barra, pouco abaixo do districto de Guaesby, municipio de Pirapora, a 40 kilometros mais ou menos desta. As aguas do rio das Velhas, mais claras que as do São Francisco, dessem rapidas, determinando, em seguida á reunião das duas massas liquidas, uma furva sensivelmente aguda, o que, pela formação de baixios, difficulta, na estagem a navegação.

Foi este o motivo que, dada a premência de tempo com que a sendo feita a excursão presidencial, impediu o dr. Mello Vianna de retroceder, subindo um pouco o rio das Velhas, para corresponder à sanção que do alto, à direita do affluent, lhe mandava o povo de Guaicuby.

A 20 kilometros, mais ou menos, do rio das Velhas, entra no São Francisco, pela mesma barranca, o rio Jequitahy, com as suas aguas profundas e claras.

Na embocadura desses cursos de agua, cujo volume fica muito a dever aos seus grandes irmãos affluentes, as arvores enfiçam as suas ramos, muito pomposas e muito verdes, projectando, na hora do sol, uma grande sombra no encontro das correntes.

Pela margem esquerda o S. Francisco recebe ainda dois grandes tributarios. O primeiro é o rio Paracatú, com as seus 70 metros de for e um serviço de navegação regular, servindo a uma vasta e rica região do noroeste mineiro.

O "Wenceslau Braz" passou em frente à embocadura do Paracatu, quer na ida, quer na volta, muito após o cair da noite, de modo a impossibilitar uma observação melhor das condições de sua for; isso, porém, foi remediado em parte, no regresso de Januaria, porquanto o piloto, conhecendo o desejo que a comitiva tinha de ver melhor a confluencia dos dois rios, estugou a marcha do vapor mesmo em aguas do Paracatú, ás quaes levou a luz do projector, sendo daõ então ver, em toda a amplitude, as barrancas do affluent, em uma das quaes, à esquerda deste, se acha, prompto para ser utilizado, o grande armazem ali construido pela Empresa Navegação do Paracatú, em virtude de uma das clausulas do contrato feito com o Estado de Minas.

A esse armazem, destinado a deposito de mercadorias conduzidas por aquella empresa e pela Navegação do São Francisco está reservado um papel de grande importancia no commercio da região.

Outro affluent de nota que se despeja no São Francisco é o volumoso Urucua, cujas aguas entram pela margem esquerda, em frente à ilha do Estreito, pujantes e crystallinas, crystallinas de tal sorte que se lhes vê facilmente o fundo, em um forte contraste com as do rio

principal, sempre turvas, em todo o seu desdobramento.

O Urucua, que vem de longe, do alto sertão, de uma larga zona criadora, inculta e povoada por uma gente laboriosa e boa, é francamente navegavel, mais do que o proprio Paracatú, por ser mais profundo e menos accidentado.

A parte do São Francisco que mistura as suas aguas com as do Urucua, na conjunção dos dois cursos, é relativamente pequena, porquanto desse lado do rio principal fica uma grande ilha que, indo até à embocadura do affluent, biforma as aguas do São Francisco, formando um canal apertado que mal permite a navegação.

É um dos pontos preferidos pelos pescadores que ali madrugam diariamente, levando a pescar até ao alto.

Quando ali passou, a descer, o "Wenceslau Braz", ás 11 horas da manhã, já o surubi, o dourado e outros habitantes das aguas fecundas estavam convenientemente em postas, na ponta de areia da ilha, à espera do sal.

Varios outros cursos d'agua se encontram, nesta ou naquella margem, vassando silenciosamente no formidavel mediterraneo mineiro; não vale, entretanto, mencioná-los: são pequenos sangradouros, quasi todos secos na estiagem, servindo apenas de avenidas para o "footing" dos jacarés, que, nesta época, preferem residir nas lagoas marginaes, formadas nas depressão, atraz da mattaria bruta.

. . .

Na cidade de São Francisco, houve um tabellião, cujo entusiasmo pelo grande rio era tal que no exercicio de sua profissão — lavrando uma escriptura, enumerando disposições testamentarias ou redigindo um contrato qualquer — não sabia referir-se ao rio predilecto sem a classica e habitual anteposição do adjectivo "majestoso".

Para o velho notario da antiga Pedras dos Angicos, a idéa do rio correspondia, em uma interpretação de força e de beleza, a idéa correlata da majestade.

A primeira vista, parecerá singularidade ou mania a incorporação do adjectivo fidalgo ao tradicional nome do rio.

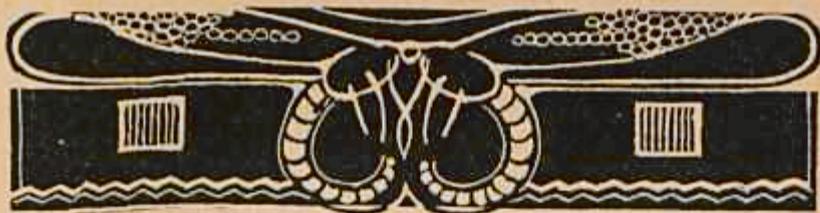
Quem viu, porém, o São Francisco, na expressão de sua potestade, nas suas curvas fortes e rectas avançadas, cheias de força e de grandeza entre harrancas altas, a rolar sobre si mesmo, sertão a fóra, derramando a fartura e tendo-a no proprio seio — não tomará por excessiva

a preocupação daquelle notario; antes achará molesto o "majestoso" para qualificar o majestoso São Francisco.

Novaldino Lima

("O País", Rio).





DEBATES E PESQUIZAS

A CRITICA E O CRITICO

Já uma vez escrevi algures não conhecer situação mais crítica do que a do crítico. Se elle *elogia um artista, ainda mesmo que o não mereça, não ha, na opinião mais ou menos suspeita do elogiado, e na dos que se interessam pela sua fortuna, juizo mais auctorizado, palavra mais competente no assumpto. Se, porém, censura, ainda mesmo que o artista o mereça, já a sua opinião é de nenhum peso, nada vale.

O crítico, para bem exercer suas funções, sem deslizar do sagrado geral, parece dever talhar o seu programma de modo a accommodar-se ajustamente e, e sempre, ás conveniências de toda a gente, e saber se manter com a maromba do equilibrio no conceito dos que se offercem á sua apreciação; parece dever reduzir sua penna a uma especie de taça de "champagne" com que, nos banquetes, os oradores deixam correr, em catadupas espumejantes, as phrases mais emphaticamente laudatorias.

O artista que apresentou um trabalho de arte ou que o executou, fazendo-se ouvir na vibração de suas cordas vocaes ou na do instrumento que exercita, tem então que assumir, nessa outra categoria de festa, a figura do amphytrion, cujas qualidades moraes all obrigatoriamente proclamadas, nem elle mesmo conhecia.

O brindado, assim iludido e em meio da seriedade convencional de toda a assistência, dissimuladamente attenta e credula, desvanecce-se com os entusiasticos elogios, e accha talvez convencido de que realmente possui as virtudes apregoadas.

E, no fim, ficam todos muito satisfeitos, batem-se as palmas do contentamento protocollar, para logo depois surgirem á occupação, pelos cantos, alvejando o dignificado, os reמוques e commentarios ambeiteiros dos que não se embriagaram no respirar o perfume das flores de eloquencia profusamente derramadas.

Tudo que não fôr nisso, em materia de artes e artistas, será hoje uma porta aberta a desgostos mal disfarçados, a resentimentos esbravejantes, promptos a explodirem da mais variada maneira.

Verdade é, deve-se confessar, que, no terreno da musica, o espirito de critica e analyse no julgamento do artista, sendo levado ao exaggero, é nã todos os aspectos, de alguma sorte prejudicial. Põde até extinguir, no compositor, o germen fecundo das obras do talento e do genio, ou, na melhor hypothese, retardal-o na sua actividade productora, não sendo ainda ponto para surpresas que venha tambem crear, no estudante, o desanimo para o proseguimento da sua carreira.

Quando, porém, a critica é judiciosa, feita de boa fé, inspirada no saber; quando ella é sincera; quando aponta na obra de arte ou no seu excutante, passagens, periodos ou paginas em que lhe pareceu haver um defeito de observação, um lado fraco, um erro na maneira interpretativa, que compromettiem o seu merito e o desfalcum na seu valor, elle, o crítico, se accha collocado na seu ponto de vista; afere o seu criterio pelo aperfeicoamento do seu gosto, por sua pratica, pelo seu sentimento esthetico, pelo que aprova nos seus esta-

dos com o evoluir dos tempos, em que se operam successivas mudanças; pelo que lhe ensinaram a observação attenta das produções dos varios compositores de todas as épocas, e pelo resultado empáatico das interpretações que se lhe affiguraram mais racionais, mais conformes ao sentimento commum, mais naturaes, entre os *virtuosi*...

Seu intuito é, na analyse feita e na exposição do seu modo de sentir, levar a luz da experiencia ao campo das justas da intelligencia e do talento; deixar á vista as lacunas passadas despercebidas ao entendimento dos que ainda não se acham educados na pratica de ver e ouvir; despertar a attenção do artista para a emenda do descuido, o reparo da falha ou a correção do erro, como indicar ao publico, para que lhe não escapem á observação, as bellezas, as joias que esmaltam a obra de arte que se lhe apresenta, sua originalidade, a propriedade de relação entre a forma e a idéa, a inspiração da phrase no commentar as situações, no traduzir os sentimentos humanos, como ainda o é, quanto ao cantor, destacar-lhe as qualidades que o fazem emergir do nível commum.

Pôde a critica, sem duvida, ser ás vezes, algum tanto rude na sua franqueza; pôde ser vehemente, mesmo acerada e acerba na linguagem, consoante o temperamento de quem a escreve, temperamento facil de encandecer ao calor das paixões de momento. Mas, uma vez expungida ella dessas excessos, ás mais das vezes inuteis, que lhe erigam a forma, sem deturpar-lhe o fundo, é incontestavelmente quasi sempre util e prestadia.

Se, porém, a critica desvirtua o seu mandato e desnatura os seus fins; se, na sua apreciação, ella deixa de ser verdadeira, de ver com os olhos do artista, com o espirito do philosopho, com a alma do poeta e com a sciencia do historiador; se é escripta com entono pretencioso, com ares auctoritarios, com o animo ostensivo de sómente insinuar no publico a incompetencia do artista, apesar do seu notorio merecimento; se, afinal, ella dispara em conceitos que melindram e offendem, ninguém mais de certo á poderá respeitar. Nos meios musicaes onde a arte se enthronisa e impera, o "virtuose" ou o compositor continuará de pé, erecto no aptumo da sua dignidade artistica, cer-

cado ainda da aureola que lhe crearam a injustiça e a immerecida aggressão.

As injustiças nunca medraram. Incommodam, desgostam temporariamente, para logo depois se desfazerem, sem deixarem de si memoria, senão para clamar contra quem as praticou.

Não cabe, não deve caber ao artista, nem ás sociedades ou empresas theatraes a que elle pertença o desforço contra a critica acriminosa, a não ser quando ella transpõe as fronteiras onde começa a dignidade do homem.

Só nesse caso especial é que pode ter cabimento a repulsa, pois que já não se trata daquelle exercicio, que se deve manter sempre elevada. A critica desapareceu para dar lugar ao doesto, á offensa, ao ultrage, sempre intoleravelia em qualquer que seja o terreno em que sejam jogados.

Não parece, portanto, aconselhavel o expediente, por mais aspera que se mostre a critica, de se fugir a um acto de mera cortezia e civilidade, recusando-se ao censor o cumprimento; de se lhe impedir o ingresso nas salas das audições musicas e julgamentos publicos, por parte de sociedades e associações, quaesquer que ellas sejam, ou de se lhe recusar o bilhete de entrada nos theatros por parte de certos empresarios, feridos nos seus interesses, á mingua de cousa mais vulneravel.

Além de outros inconvenientes, essa pratica incontestavelmente odiosa e ostensivamente dictatorial, trax consigo ainda um prejuizo que, pelas suas consequencias, não é para se desprezar: — a má situação em que ficam os outros representantes da critica na imprensa, não alcançados pela supporta pena. Dahi em diante, os elogios feitos pelos que escaparam á violencia do acto coercitivo, ainda mesmo os ditados pela consciencia e pela verdade innocensa, poderão ser suspeitos de fraqueza; poderão exprimir falta de liberdade para se emitir uma opinião que não seja do agrado dos interessados; poderão significar o recio de uma indelicadeza, de uma aggressão, ou de que se lhes fecham as portas das sociedades onde se cultiva a musica ou as dos theatros, onde allás vae muitas vezes o critico, por força do officio, quando não é para ter mais uma occasião de, na manhã do dia immediato, com a sua noticia,

animar os espectáculos, encorajar os artistas e não raras também, os empresarios.

Estou, no entanto, inclinado a crer que alguns mesmos dos que, em um momento de rancor mal contido, já chegaram a esses excessos contraproducentes, não os teriam então praticado, se attentassem um pouquinho na inconveniência e inutilidade do seu acto. Era bem possível assim impedir esse eclipse da razão, momentaneamente obliterada.

Esses excessos já não se conformam com o grão de adiantamento da civilização contemporânea, nem com a moderação de que se deve dar o exemplo na reprobção dos excessos reprováveis. Essas demonstrações de força constituem actos que de certo vêm deixar prevenidos os espiritos, pois que a injustiça que se faz a um é uma ameaça que se faz a todos.

E, a respeito de critica e de criticões, vem muito a propósito referir aqui o seguinte factó occorrido ha já algum tempo na Bahia. Achava-se então nessa capital uma companhia lyrica italiana, e seu empresario, querendo, num movimento im-

pulsivo, tomar prompto desforço contra um dos jornaes da manhã, — o "Jornal da Bahia", órgão extremado de um partido politico, o qual jornal havia feito uma critica algum tanto severa a um dos espectáculos, que elle reputara máu, mandou huacar á redacção as cadeiras que lhe havia offercido para a temporada. No dia seguinte, logo cedo, o "Diario da Bahia", órgão do partido opposto, afastado, portanto, profundamente, do seu antagonista por intransigentes odios políticos, mandou entregar ao referido empresario as cadeiras que tambem tinha recebido, declarando que assim procedia para ficar com a plena liberdade de sua opinião.

Na tarde desse mesmo dia, vem o empresario ao "Diario da Bahia", e, em meio de todas as satisfações, restituiu as cadeiras repudiadas, depois de ter levado com as mesmas excusas, as que deviam pertencer á outra folha que, apesar disso, não mais as accetou, sem contudo entrar em guerra com a companhia.

Arthur Imbassahy

("Jornal do Brasil", Rio).

AS THEORIAS NA SCIENCIA

"Nous sommes tellement hiérarchisés et domestiqués par notre enseignement officiel que l'expression d'idées indépendantes semble intolérable".

Mr. GUSTAVE LE BON.

E' uma lei da Humanidade, mudar temporariamente, o ponto de apoio das suas considerações.

Sendo uma lei, possui a robustez imposta pela concretização dos factos que nos são facultados pela analyse methodizada das multiplas architecturas do espirito humano.

Não é meu objectivo seguir num estudo chronologico, o alto poder subjectivista da Humanidade, traduzido na evolução successiva de um PRINCIPIO; contudo, o que desejaria fazer observar, é que sendo a SCIENCIA, a "Unidade Explicativa" da GENESE UNIVERSAL, é de uma instabilidade accentuada.

No desenvolvimento immediato do principio explicativo de uma determinada ca-

tegoria de phenomenos, A HYPOTHESE, sustentáculo das poderosas lucubrações que gravitam em torno de uma idéa firma a acuidade de observação do espirito analysta, e concomitantemente, indica o grau progressivo do pensamento, na Evolução.

Não nos repugna admitir que a SCIENCIA seja uma função do Tempo, isto é, que num dado instante, as verdades que firmavam no nosso espirito, a essência das suas theses, sejam demolidas por uma nova serie de raciocínios, confirmados pela experiencia, e sãde de inevitaveis correntes philosophicas. Contudo, amanhã serão esses principios affuscados por outros, e neste pesquisar continuo de observação, que é um *synthese* o PROGRESSO, haverá sempre mais terra do que faz.

Edifica-se uma theoria! Primeiramente, ha um movimento de ostracismo, traduzido na mudca das Escolas reinantes; seguem-se as polemicas successivas que fazem a luz, em face do Imparcial, porém os orientadores das correntes philosophicas em domínio, passados de amor pro-

prio pelas idéas dos seus avós, se conservam inalaváveis no campo científico, chegando, por vezes, a ridicularizarem-se.

É frisante o dialogo estabelecido entre Mr. Berthelot e Naquet, após os trabalhos de Mr. Wurtz, sobre a THEORIA ATOMICA.

Interrogado Mr. Berthelot sobre o motivo por que representava a composição química dos diferentes compostos, segundo a ESCOLA EQUIVALENTISTA (ou de Mr. Kekulé), o grande MESTRE, respondeu: — "NÃO QUERO QUE SE ACREDITE NA EXISTENCIA REAL DOS ATOMOS, COMO OS CRISTAOS ACREDITAM NA EXISTENCIA DE CHRISTO NA HOSTIA DEPOIS DE CONSAGRADA".

É geralmente nos espiritos novos, livres de preconceitos, e sem óbcecações, que as novas theorias encontram os primeiros sectarios, que, imparcial e dedicadamente, firmam os seus alicerces.

Engrandecem-nas, defendem-nas dos ataques tempestivos, mystificam-nas pela essencia das suas theses, e confiando resolutamente no exito, da victoria, esquecem, por manifestações atavicas, a inevitavel *trilogia* dos factos: NASCER, VIVER E MORRER.

Assim, quando no tempo de Lucrecio, a *Philosophia Classica* registava o PRINCIPIO DA CONSERVAÇÃO DA MATÉRIA, dizendo: "EX NIHILO NIHIL IN NIHILUM NIL POSSE REVERTI" (nada vem do Nada, nada volta ao Nada); quando Lavoisier, o revolucionario da *Chimica Moderna*, concretizava este axioma, tão universalmente conhecido, quem idealizaria a sua destruição? Como poderio uma verdade, experimentalmente confirmada, perder a sua existencia?

Pela insufficiencia dos meios *analyticos* empregados, o que demonstra, de uma maneira cathorica, a sua limitadissima esphera de acção explicativa, nos altos domínios da Evolução.

Quando no final do seculo XIX Mr. Henri Becquerel, communicou ás *Academias Scientificas* os resultados dos seus trabalhos, sobre as radiações espontaneas emitidas pelos saes de uranio, capazes de se reflectirem, refractarem, polarizarem, etc., etc., analogamente, ao que Mr. Roentgen notára na ampola de Crookes, fornecida uma energia estranha, uma pleiade

de *scientistas* dirigiu os seus estudos para tão deslumbrante phenomeno.

Tudo neste momento seriam interrogações: Qual a origem? Qual a natureza d'essa luminescencia tão caracteristica?

Mr. Becquerel, no seu *Relatorio* publicado nos "Comptes rendus de l'Academie des Sciences", fazia residir toda solução do problema, numa *phosphorescencia armazenada* nos saes de uranio.

Analysados minuciosamente os seus trabalhos, por varios *scientistas*, MM. Gustave Le Bon e Rutherford discordaram, por completo, na parte relativa ás propriedades opticas, pois que segundo as suas observações, as radiações uranicas nem se reflectiam, nem se refractavam, nem, tão pouco, se polarizavam.

A principio Mr. Becquerel hesitou em concordar com a exposição de Mr. Gustave Le Bon, pois não só representava a antithese da sua obra, como ficava inexplicavel no campo científico; porém, feito o applauso dos trabalhos do seu antagonista, pelas experiencias de Mr. Rutherford Mr. Henri Becquerel foi levado a certificar-se que laborava em equivoço.

Foi por esta occasião, que Mr. Gustave Le Bon, espirito altamente *philosophico*, e aberto nos horizontes mais rasgados, emittiu a sua laboriosa THEORIA sobre a constituição da *Materia*.

A *Materia* que, até então, fóra excluída a todas as manifestações individuaes, era observada agora, como um poderoso reservatorio de Energia; A ENERGLIA INTER-ATOMICA!

Estava, portanto, destruido o *clássico dualismo* — FORÇA E MATERIA —, porquanto representavam simplesmente, *estados differentes de equilibrio* de uma mesma entidade: A ENERGLIA INTER-ATOMICA.

Este novo reservatorio de Energia, a MATERIA, uma vez perturbado o seu estado de equilibrio, *dissocia-se* em entidades, cujos caracteres são um mixto de *materiaes* e *immateriaes*: A EMANAÇÃO, OS IONS POSITIVOS, OS IONS NEGATIVOS, OS ELECTRONS, OS RAIOS CATHODICOS, OS RAIOS X, etc., etc.

Chegámos, finalmente, a um ponto maravilhoso: O INTER-MUNDUS DA MATERIA E DO ETHER!

Confirmada plenamente a existencia da *dissociação da Materia*, é evidente o seu

aniquilamento, pois que se desmaterializa pela perda das suas propriedades.

Por conseguinte, na luminosa opinião de Mr. Gustave Le Bon, e de muitos apóstolos da Evolução, o classico apho-

rismo de "nada se cria, nada se destroe", fóra substituído por "*NADA SE CRIA, TUDO SE PERDE!*"

Soares Brandão

PELA INSTRUÇÃO

Com a nova reforma do ensino fluminense, cuja amplitude se torna desnecessario encarecer, taes os applausos com que foi recebida por todos os valores mentaes pioneiros e batalhadores do mais alto e mais complexo problema nacional, vae o presidente Sodré cumprindo, serenamente, o programma que promettera ás correntes electoras de administrar o Estado dentro da mais sã justiça, da ordem e do mais fecundo trabalho, cada vez mais se impondo, pela convergadura de seu caracter e descortino de suas attitudes claras e positivas, ao respeito e á admiração de seus conterraneos.

Um dos pontos essenciaes dessa obra — a obrigatoriedade do ensino primario — num meio, onde a maioria das massas desconhece quanto pode a instrução fazer de um povo, vale, elle só, por uma consagração á energia esclarecida do estadista e ao civismo do patriota, que convulsiona a inerxia criminosa de tantos annos e de tantos governos, purifica os paes do ensino, arrancando das trevas de ontem o sol que ha de banhar em luz milhares e milhares de cabeças desterradas do grande pais da promissão.

No entanto, como tudo que é humano, a reforma, uniformizando o ensino primario no territorio fluminense e exigindo a presença da infancia nas casas de educação, não cogitou do unico grande vicio latente, esquecido por todos os movimentos reformadores, daquillo que constitue o patrimonio dos povos e que, extirpado do organismo social já polluido por tantas outras gangrenas, seria preparar o alicerce inderrocavel da raça, nortando através das amplas e luminosas caminhas da disciplina mental, o Brazil de amanhã.

Esse grande vicio, hediondo e fatal, cujos fructos ali estão, aos olhos de todos, nessa mocidade de agora, ignorante, na sua maioria, dos principios puros da moral e do civismo e mal dirigida por um scepti-

cismo acabrunhador, nasceu nas suas primeiras demonstrações epidemicas, da incapacidade do professorado para o nobre apostolado da instrução, quasi todo elle sem a cultura moral e intellectual exigidas pelos deveres decorrentes de suas funções.

E' essa verdade, violenta em toda a sua nudez, que, custe o que custar, deve ser dita aos quatro ventos — semente do vicio primordial da instrução — e de que não cogitou, como si fóra mal sem cura, a nova reforma, quando para ella deviam convergir todos os esforços, todos os sacrificios dos homens de responsabilidade.

O professorado primario, compunge-nos affirmar-o de publico, porque já é um facto consummado em todas as consciencias, mal sabe, numa percentagem esmagadora, os mais simples principios do idioma patrio!

Aqui mesmo, principalmente, exceptuando-se alguns nomes de honroso prestigio no magisterio, conhecidos todos elles pela sua cultura e seu devotamento á educação infantil, o grande exercito de auxiliares da instrução caminha para um fim que desconhece, porque desconhece, em aliofuto, a importancia capital do problema que lhe pesa sobre os hombros, e, infelizmente, talvez pela exiguidade ou erronea direcção de sua cultura, menos-preza a vntidade de sua missão.

Quereis mais santo, mais sagrado sacerdocio que o da mulher-educadora?

E' nella, no seu cerebro como no seu coração, que repousa a moralidade das nações. E isso é tudo para um povo como o nosso, que arrasta nos seus flancos todos os grandes defectos de seus ancestraes agravados pela indifferença secular das minorias dirigentes.

A mulher que assumiu para com a patria o compromisso de educar um cerebro de criança, deve fazel-o como um ideal de liberação, nunca se esquecendo de que

essa criança é o homem do futuro e o futuro da grandeza brasileira.

E faz-o como um apostolado, espalhando as mancheias a semente divina da instrução fecundada pelo seu carinho de mulher, jamais vendo nelle, exclusivamente, um ganha-pão laborioso e mal pago.

A educadora deve ser, acima de tudo, a mulher que acrisola na amphora sagrada de sua missão os sentimentos da humanidade, e o alumno — mendigo de luz, orphão,

muita vez, dos carinhos e dos exemplos do verdadeiro lar — deve encontrar entre as quatro paredes de uma escola, não o pulso que castiga, mas a mão sublime de uma mãe a fazer d'elle o elemento consciente da collectividade digno de si mesmo e do futuro grandioso do Brasil.

Evandra Barreto

(“Folha do Commercio”, Campos).

O SUICIDIO E O PONTO DE VISTA JURIDICO

Acceptando a definição de Touros, que explica o suicidio como um acto voluntario pelo qual uma pessoa se entrega á morte, e considerando que todo acto de morte orientado pela consciencia humana constitue um crime, sob esta rubrica catalogamos o suicidio. O homem não pôde dispor de sua propria existencia, porque esta não constitue propriedade sua nem principios adquiridos por elle. Zelar pela propria vida é um dever que a Natureza, no sabio determinismo de suas funções, se estabelecer pelo despertar, nas especies vivas, do mysterioso instincto de conservação.

Nas sociedades civilizadas, o Codigo Penal, tentando corrigir as infracções da lei e do direito, pune aquelles que auxiliam tal crime. O artigo 299, desse mesmo codigo, estabelece que “induzir ou auxiliar alguém a suicidar-se ou para esse fim fornecer-lhe meios, com conhecimento de causa, pena de prisão cellular por 2 a 4 annos”. E, portanto, necessario que o concurrente possua o conhecimento de causa. Tal auxilio poderá ser de ordem puramente material ou de natureza moral, observando-se bem que, no enunciado referido artigo 299, reside na participação a figura delictuosa. Contudo, o Codigo Penal brasileiro, não mencionando o suicidio, não deixará este de constituir um crime. Não sendo possível determinar uma penalidade ao que morre, justo seria um castigo áquelle que tenta matar-se.

Todavia não estão accordes, neste modo de pensar, os criminalistas nacionaes e estrangeiros. Pessina entende que não temerá o castigo aquelle que não teme a propria morte, que é o maior castigo se-

gundo as leis. Entretanto, E. Ferri sustenta que, si a morte voluntaria não é temida, tal não se acontecer com a morte infamante e com o martyrio. Já a antiguidade disto nos apresenta um exemplo frisante, no edicto, exarado pelas autoridades de Sparta, pondo termo aos suicidios das jovens, pela aviltante exposição do cadaver nũ do suicida, nas praças publicas. Submettida, como está, a Vida á jurisdicção de varias leis, não tem o homem absoluta autonomia. Edificado sobre as determinações da Ethica e da Religião, é o codigo dos sentimentos humanos que deve ser comprehendido e respeitado.

Todos os principios legislativos dos povos não tiveram outra base, que as concepções do cerebro humana e dos seus sentimentos, quer civis, quer religiosos. O Direito Canonico condemna o suicidio. Atravez dos seculos tem o homem lutado em prol da conquista do Direito e da Moral pura. Num continuo esforço, elle vem lutando sempre por incutir na consciencia universal a altruista razão do Bem. O grande e antigo ideal de Justiça e de Dever muita vez não tem sido bem interpretado ou comprehendido, não tendo atingido a acceitação unanime. Perdura ainda, flagrante irregularidade, si bem que, apesar de tudo, tendamos ao monismo. Será racional a condemnação do suicidio, elevado á cathgoria de crime, si na sua essencia o crime se confunde com a loucura, não sendo o criminoso sinão um louco vulgar, como pensa Mandley? A condemnação, o castigo do crime, implica, para uma logica adaptação, um estado normal physiologico do criminoso, o que constituindo a sua negativa não po-

derá ser a confirmação delle. Do mesmo modo que o criminoso, o suicida, criminoso também, é um louco, pois que a loucura pode determinar o suicídio. Diversos tratados de Medicina Legal responsabilizam pela etiologia do suicídio o estado de desequilíbrio mental provocado por factores multiplos, tanto de natureza moral, como de essencia exclusivamente morbida. No primeiro caso catalogamos as multiplas e variadas impressões do mundo exterior que actuam sobre a personalidade psychica do individuo. Entre estes destacamos os vicios do mundo, os da sociedade, a vasta caudal dos "vicios elegantes", as decepções quotidianas que a vida nos proporciona, a luta terrivel e odienta pela manutenção da existencia material, os deveres e as responsabilidades não cumpridas, a miséria, a fome e emfim... o amor contrariado ou ferido. Neste ultimo caso vemos alguns agindo, brutaes e impulsivos, vingando em si proprios a imperdoavel ingratição de suas amadas, justificando admiravelmente a definição de Lacassagne de "que o suicídio é o assassinio de si "mesmo".

Outros na pobreza superior de sua alma dorida, esmagados pelo soffrimento procuram na morte o esquecimento e o repouso... As causas de ordem pathologica que concorrem a fornecer o maior contingente de suicidios, são encontradas no vasto campo da pathologia nervosa. A epilepsia, a hysteria, a psychasthenia, a neurasthenia e, em summa, todas as psychoses, constituem os sombrios obreiros des-

te grande capitula da historia do crime. Esquirol salienta o papel sinistro que, neste assumpto, soe gosar a demencia e o grande hygienista e homem de letras que é Afranio Peixoto accusa a epilepsia. Outros autores attribuem maior acção á fraqueza da tenção psychologica, assim como o abaixamento do nível moral do individuo.

A psychasthenia, conduzindo ao enfraquecimento mental, nos mostra como a predominancia do depauperamento organico vem concorrer á pratica de crimes. Investigando os tratados de medicina forense, vemos que dentre estes estados de deficiencia neuronal, igualmente com outros crimes, o suicídio existe.

Quanto á propria loucura, definida por Esquirol como "uma affecção cerebral, chronica, sem febre, caracterizada pelas desordens da sensibilidade, da intelligencia e da vontade", vemos a plasmada pela propria loucura, no capitulo no qual encontramos o suicídio. Que o individuo pode ser levado á sua propria eliminacão por caminhos outros, é facto, demonstrado pelo proprio Ball. Haja vista o alcoolismo, fornecendo através dos seculos o seu immenso contingente de suicidas e locos, contribuindo, de par com as perturbações morbidas mentaes, para augmentar o acervo, já demasiado vasto, das causas criminaes.

Juiz de Fura, 14-4-1925.

Romualdo Costa

("Correio de Minas", Juiz de Fôra)





NOTAS DO EXTERIOR

LASSALLE INTIMO

(Notas bibliographicas.)

"O grande homem não existe, como tal, para o seu creado de quarto", esta verdade muitas vezes repetida em relação aos illustres e gloriosos nomes d'este mundo, está mais uma vez comprovada pela correspondência intima, ultimamente publicada, de Fernando Lassalle, o celebre theoriata e apostolo do socialismo militante, rico judeu de nascimento e amoroso cavalheiro na vida particular. (*)

Seja o homem alguma portentosa personalidade deixando na historia politica, na literatura ou na arte luminosa esteira cheia de glorias, conquistas ou obras dealumbrantes, ou seja apenas humilde e insignificante trabalhador da vida quotidiana, fica na intimidade sempre quasi o mesmo, com suas fraquezas, ridiculos pelas defeitos graves e defeitos leves, na expressão de Gilka Machado, pela pequenez, e não raro mesmo pela mesquinhez, se revela o eterno verme humano, fraco e frouxo, pelas paixões e atribulações, quasi sempre desprotegido e horrivelmente solitario no vasto ambiente de seus semelhantes.

Só a historia, fada milagrosa e bendita, cria os heroes, os super-homens, os semi-deuses, glorificando, ensitocendo e exagerando os factos e actos humanos que

apenas constituem os simples elos entrelaçados da actividade commum, diaria e banal.

Só a posteridade, ávida de idolos, a quem possa adorar ou conspurcar, faz d'um Napoleão ou d'um Goethe astros luminosos da humanidade dotados de excepcionaes qualidades.

O microscopio do historiador, porém, descobre neste ou naquelle nome glorioso, as pequenezas e desvios proprios e congenitos a todos os homens — os amores muito communs, os odios baixos e vis, os defeitos e habitos mais vulgares, mais corriqueiros.

Examinando com esse microscopio as grandes e celebres personagens quasi sempre achamos que

"nos yeux, dans un calme sourire,
Auraient pu voir au loin les erreurs
[des mortels.]
L'ambition, l'amour égaux en leur
[délire,]
Et l'inutile encens brûlé sur les
[autels,]"

como diz, expressivamente, Frédéric Plessis, em sua "La lampe d'argile."

O papel d'esse microscopio historico, o ironico e frio detractor das grandezas, representam no as memorias dos proprios grandes homens, as auto-biographias (quando chegam á impudencia de as escrever), ou sua correspondencia intima

(*) Lassalles Briefwechsel mit Graefin S. v. Hatzfeld. Herausgegeben v. Gustav Mayer 1924. Deutsche Verlagsanstalt Stuttgart.

publicada com ávida indiscreção pelos posteriores ou, finalmente, os memoriaes retrospectivos dos que conviveram de perto com os potentados de nosso mundo.

* * *

Com a marcha victoriosa ou quasi victoriosa do socialismo no Velho Mundo, a personalidade de Lassalle, pregador e um dos primeiros apóstolos da nova doutrina, autor do "Systema dos direitos adquiridos", e sobretudo do famoso "Programm der operarios" (1863) e famosissimo "O capital e o trabalho" (1864), orador eloquentissimo e advogado habilissimo, assume hoje duplo interesse. Assim e sobretudo interessante indagar: a) quaes as ideas basicas d'esse novo evangelho social e sociológico que pretende, em nossos dias, converter a antiga ordem social, chamada "a ordem burgueza,"? b) qual o proprio homem, esse temeroso reformador, em seu vulto individual e personalidade intima?

Em parte revela-nos a correspondencia de Lassalle com a condessa de Hatzfeld, o enigma da psyche d'esse grande theorista do socialismo contemporaneo, abre-nos a porta d'essa alma turbulenta onde podemos entrevistar algumas fúras resuscitadas d'esse caracter extraordinario, provocando em nós, aliás, fortes surpresas, não desilusão.

Casou-se a condessa Hatzfeld (de solteira princesa Hatzfeld, com um representante de outro ramo de sua familia) e foi victima de um matrimonio infeliz. Depois de viver muitos annos com o conde Hatzfeld, de quem teve tres filhos, d'elle se separou. Intentou depois um processo ao marido e a parentes d'este.

Rompendo os laços matrimoniaes, confiou a infeliz senhora sua causa judicial a Lassalle, bem jovem ainda (era mais moço do que o mais velho dos filhos da condessa), e se tomou com que de fé cega pelas dotes e prendas excepcionaes do jovem advogado israelita.

A partir d'este momento perdura a intimidade entre Lassalle e a senhora de alta aristocracia allemã, sua correspondencia, demonstrando quão grande foi a influencia que essa mulher exerceu sobre o espirito de jovem socialista.

Por muitos annos prolongando-se o processo, que provocou interesse quasi escan-

daloso em toda Alemanha e até fora d'ella, se dedicou Lassalle a melhor parte de sua actividade, a elle entregando-se como todo ardor juvenil, secundado pela intelligencia e a tenacidade, teve de enfrentar calumnias, e até mesmo condemnacões judiciaes infamantes que a desmaza provocou. Finalmente, porém, Lassalle triumphou d'essa formidavel luta judicial a que apoiavam detractores e instigadores de fóra. Pode, pois assegurar á sua fidalga constituinte a independencia material e o socorro moral.

Nesta quadra dramatica em que se aliam duas personalidades de apparencia tão diversa — Lassalle, judeu e socialista, e a fina mulher aristocrata — o mais interessante para nós é o elemento psychologico, a delicadissima trama de dedicacão, amizade e quasi-amor entreteçada entre esses dois heroes d'um verdadeiro romance judicial e escandaloso.

Negou, Lassalle, sempre houvesse qualquer intimidade amorosa entre elle e a condessa de Hatzfeld. A correspondencia, recentemente publicada, parece, confirmar esta asserção. Apesar d'isto, mostrou-se o formoso coryphen do socialismo muitas vezes abalado pelos ciúmes por causa de penosa das relações da condessa, e mesmo estendeu tais ciúmes até relativamente aos filhos de sua constituinte.

Lassalle nunca se casou. Teve, porém, multissimas aventuras amorosas com mulheres de diversas nacionalidades. E coisa significativa; esse socialista notavel, pregador nos meios proletarios do posse e do dominio operario nas fabricas e usinas, quasi sempre escolheu os objectos de sua paixão amorosa entre aristocratas.

Conversando certo dia com um moço francez, deixou escapar, num tom de nota, uma phrase que, aliás, caracteriza bem a vida intima:

"à bas les aristocrates et vivent leurs
[femmes!"]

Numa occasião enamorou-se de uma judia, filha de banqueiro, quiz casar-se com ella, mas a valeroso jovem respondeu que só se casaria com um aristocrata e, effectivamente, logo depois conseguiu desposar um barão.

Em geral, esse terrivel pamphletario socialista e habil orador dos comícios operarios, onde proclamava o aniquillamento da

classe dos capitalistas industriais, geralmente, Lassalle, em sua vida particular, era muito erotico, exigindo, aliás, que as mulheres — além de sua paixão passageira — a elle se entregassem inteiramente, com uma dedicação e abnegação completas, oferecendo-lhes, apenas, do seu lado, exigua fração de seu "eu" individual. Apostolo das doutrinas sociais mais avançadas, considera, entretanto, a mulher como um ente inferior e secundario, com relação ao homem.

Excepcional lhe era a rapidez apaixonada.

Uma vez, em Aix-la-Capelle, onde fazia tratamento contra syphilis encontrou uma senhorita russa, acompanhada pelo pae, governador de uma provincia na Russia. Após alguns dias de conhecimento mutuo declara, sem preambulo, o seu amor à jovem e bella russa. A ambiciosa e sensata slava responde, porém, que o tem como amigo interessante, mas não é capaz de o amar, embora o velho pae (burocrata czarista no estrangeiro) se declare ardente admirador do socialista allemão, compartilhando inteiramente suas ideas sobre a politica social em geral e as mulheres, em particular.

Em algumas cartas dirigidas à condessa de Hatfeld admiramos a ingenuidade quasi infantil de Lassalle quando nos descreve as ceias e recepções que dá em Berlim procurando atrahir à sua mesa todo mundo chic. As relações e certa intimidade em personagens celebres occasionam-lhe um contentamento vaidoso muito ingenuo, muito simplorio. Em suas cartas intimas está Lassalle muito distante da classe operaria, do meio humilde e operoso dos trabalhadores. Numa occasião confes-

sa com franqueza que a politica o interessa somente como meio de chegar ao poder e ao governo.

Com tenacidade feroz combaten os liberais allemães, isto é, principalmente capitalistas industriais, e estes, vingando-se, insinuaram que a sua defesa à classe operaria feita com tanto ardor, nada mais era senão uma arma de mentimento pessoal contra os liberais. Accusavam além d'isso, o grande socialista de haver-se secretamente alliado aos feudaes prussianos, adversarios dos liberais.

Até à sua morte prematura o grande apostolo socialista nutriu intusos matrimonias. Procurou sempre consorte digna de si, mas em vão.

Aos 41 annos emmaranhou-se Lassalle numa aventura amorosa que lhe pôs termo à sua actividade multiforme e à vida turbulenta. Enamorou-se da filha d'um diplomata allemão, residente na Suiza. A loira allemã, porém, ao mesmo tempo entretiveu um romance com outro homem, rico boyardo rumeno, Rakovitz. Dissuasiante e julgando-se o primeiro occupante do coração da volúvel moça, escreveu-lhe Lassalle uma carta cheia de recriminações e offensas. D'ahi resultou uma disputa entre os dois rivais e, finalmente, o duello, nos arredores de Genebra.

O feliz boyardo feriu mortalmente o autor do "Capital e trabalho" e no dia de 28 de agosto de 1864 expirava Lassalle. O medico que lhe examinou o cadaver concluiu os amigos ao relatar que em qualquer hypothese teria a vida de Lassalle de terminar brevemente visto como se achava atacado de paralysis geral, de origem luctica...

João Lubechi

O DESTINO DE RONSARD

Passou, ha pouco, o quarto centenario de Ronsard. E não foi somente a voz da França, mas foi a de todo mundo, que o celebrou.

A historia de Ronsard é curiosa, e nos faz mais uma vez meditar sobre a vaidade dos julgamentos literarios. Esse poeta encarnou, durante um momento, tudo quanto existe, de bello e de forte, na audacia da intelligencia humana. Nas-

cendo num paiz doce, foi posto, por seu pae, desde cedo, como pagem de príncipes. Assim, e ainda criança, viajou por terras diversas e viu gentes differentes. Aprendeu com facilidade extrema a lingua inglesa e a lingua allemã. Aos dez-ito annos regressou à França. Era um joven bello e nobre, o ar de um grande fidalguo, o habito aristocratico de tratar com reis e de seduzir as damas. Todo o



destinava à mais bella das vidas, à vida das armas. A esse tempo, Pierre de Ronsard é ferido por uma grande miséria physica: fica surdo. A tristeza que sobrevem é causada principalmente por essa certeza: a certeza de que não poderá mais realizar a sua brilhante vida de guerreiro e de conquistador. Desde esse momento, procura recolher-se a uma existência modesta. A amizade com du Baif indica-lhe o caminho a seguir, para essa existência. Encerra-se num mosteiro. É allí, ao lado d'aquelle que, mais tarde, havia de ser um dos mais altos poetas, entre os seus companheiros da *Pleiade*, Ronsard estuda os classicos gregos e romanos. Virgílio torna-se a sua paixão de todos os momentos. Não abandona o livro do cantor de Eneas.

Ao mesmo tempo em que aprende, com os classicos da antiguidade, o segredo de uma belleza eterna e harmoniosa, procura conhecer longamente a sua propria lingua. É ao gosto do francez do tempo que elle vai compondo *idyllias*, madrigaes e epigrammas, directamente bebidos nos modelos graciosos dos antigos.

Durante esse tempo, de meditação e contemplação, Ronsard deixa-se enamorar; o inevitavel amor o visita... Maria o prende e o seduz, primeiramente. Apaixonado e feliz, elle canta as doçuras e as melancolias do seu amor. Mas não é essa a verdadeira paixão de Ronsard. O poeta encontrará, um dia, Cassandra, aquella por quem a sua alma inteiramente desabrochará e à magia de cujos olhos se exaltará, cantando os mais ternos dos seus *idyllias*. Seus poemas, seus sonetos, escriptos sob a inspiração desse amor fiel e humilde, forniam a mais encantadora parte de sua obra.

Depois, Ronsard escreverá quantidade de outros poemas e outros sonetos. Sonhará uma obra épica, a *Françiada*, que felizmente não realizará. E, ao morrer, elle, o chefe da *Pleiade*, deixará um renome sem igual. Sobre o seu tumulo haverá cordões de reis e votos de principes. E a rainha Maria Stuart o chamará "o Apollo da fonte das musas"... Parece que uma gloria immarcescível ha de sobre-dourar seu nome...

Mas os caprichos do destino são insensíveis. Vinte annos depois da morte do poet, apparece Malherbe. E Malherbe

desfará, com uma simples phrase, a gloria de Ronsard. Aquelle que fora o mais alto dos cantores do seu tempo, aquelle que recebera cordões das mãos de reis e que tivera os seus versos impressos em almas de principes, vem a ser considerado um vago e vão poeta de segundo plano, um poeta para desoccupados. Um seculo depois, Boileau subscreverá esse julgamento, dando, com a sua palavra de mestre universal da arte de escrever, a condemnación definitiva de Ronsard.

Está, assim, jogado no esquecimento o poeta que sonhava, sob bosques felizes, o amor de Cassandra...

Um dia, entretanto, um homem que soffria o mal da muita insatisfeita curiosidade, esse esmiagador, Saint-Beuve, encontra Ronsard. E o critico sente o perturbante mysterio, o graciosso encanto do poeta. Elle escreve um livro, estudando o mestre da *Pleiade*. E a renascença de Ronsard começa a operar-se...

Hoje, quando mais um seculo passou sobre a sua morte, a França o estuda em longos ensaios. E nada falta para que vejamos Ronsard invadir o clarão dessas glorias maravilhosas que um eterno sol illumina e que se tem chamado, através dos tempos, Horacio, Goethe e Milton.

Não é um destino estranhamente curioso?

E dizer que ainda imaginamos que exista qualquer coisa de definitivo, glorificações que levantamos, ou condemnações que fazemos! Meditar, um momento, sobre as contradicções da historia da literatura, é ter, diante dos olhos, os quadros dos mais singulares contrastes. Ao tempo de Virgílio, tal poeta parecia mais alto do que aquelle que escreveu as *Bucolicas*: os seculos passaram, e nós nem sequer lhe retivemos o nome! Shakespeare foi desdenhado, enquanto viveu; negavam-lhe o genio de escriptor os contemporaneos, e vagamente o aceitavam como actor comico. Foram precisos seculos, para que o grande Will viesse a ser perfeitamente amado e comprehendido. O mesmo Johnson, que foi um dos primeiros que o adivinharam, condemnou-o, encontrando, em sua obra, uma reunião de coisas sem sentido, de contra-sensos, de jogos de palavras absurdas — e não vê, no aneto do Rei Lear, nada que indique o verdadeiro conhecer das af-

mas. Hoje, nós amamos Shakespeare sobretudo pelo conhecimento que elle tem das almas...

O caso de Byron e Shelley é característico. Durante muito tempo, o cantor de *Don Juan* foi alvo de um enthusiasmo ardente. Ao seu lado, Shelley não apparecia senão para melhor fazer destacar o grande vulto do *lord*. Hoje, nós admiramos Byron pela nobreza e pelo esplendor da sua vida e também pela profunda humanidade de suas misérias e de suas fraquezas. E admiramos a sua poesia por ser o espelho magico em que essa alma fulgurante, tão cheia de contrastes e tormentos, se reflecte. Mas como nos sentimentos infinitamente mais tentados a amar Shelley, esse doce rouxinol, se assim podemos romanticamente chamal-o, cuja voz soava tão clara e tão triste, porque soava entre as estrellas...

E Chateaubriand, que foi o verdadeiro deus literario da sua época, não vem

sendo, hoje, considerado um vão mestre de calotinismo e de rhetorica?

Os exemplos dessas eternas incanstanças, na vida litteraria, são de todos os dias. Não temos nós, também, o nosso Mathias Ayres, tão longamente lido pelos nossos avós, e hoje tão mal conhecido?

Qual a conclusão a tirar de tudo isso? Eu não tiro conclusão nenhuma. Diante da inutilidade de todos os esforços e de todas as obras dos homens, sinto a tristeza de que os meus irmãos da vida ainda tenham esperanças e confianças, na vã posteridade. E ponho-me a invejar longamente esse amável Romard, sobre o qual parece ter descido, um dia, a bem-aventurança que o Senhor poz sobre a cabeça de Aser: "Que os dias da tua velhice possam passar tão doces e tranquillos como passaram os dias de tua mocidade!"

Mucio Lodi

("Correio da Manhã", Rio).

BLASCO IBANEZ E SILVA JARDIM

Blasco Ibañez vaticinou à imprensa parisiense o proximo advento da Republica na Espanha. Criticando o governo de Primo de Rivera, o romancista de "La Cathedral" fez affirmações que demonstram não haver elle perdido aquella fé que outrora o arrastava aos comícios democraticos, e não escondem o seu desejo de retornar à actividade politica.

Essa attitude revela que, apesar de uma trégua de tres decennias, Blasco Ibañez apenas esperava uma oportunidade para refazer as suas hostes para um ataque decisivo à cidadella monarchica. E nenhum momento mais proprio do que este, para uma cruzada dessa natureza, e especialmente quando o paladino é um varão que temperou a alma no sufrimento, e não poucas vezes esteve com a vida à mercê das balas da justiça real...

Antes de ter a sua expressão politica como mandatario do povo no Parlamento, Blasco foi um agitador de multidões, um revolucionario intransigente que não esculhia tribunas para a diffusão do seu idealismo, tanto lhe servindo para isso o jornal, o livro, como a praça publica. Quando foi da guerra de Cuba, elle se

turnou, na sua cidade de Valencia, o combatente intrepido da liberdade dos libéres americanos contra os interesses da Corón. Nessa occasião não lhe perduraram a influencia que deu em resultado levantes de espanhóes em massa que se recusaram a tomar armas para exterminar os habitantes da ilha longinqua. E Blasco Ibañez, depois de escondido alguns meses pelos pescadores seus conterraneos, conseguiu embarcar para a Italia, onde foi encontrar, não perseguido como elle, mas exilado voluntario e desiludido, o nosso Silva Jardim, a quem se refere num dos capitulos mais suggestivos do seu livro "En el país del arte".

Amistado mais tarde, não o perderam de vista, entretanto, os carcereiros. Mas um ligero choque de republicanos com as forças governamentais serviu de pretexto para uma nova prisão a que Blasco não pôde escapar. Os transeos por que passou descreve Camille Pitolet, um dos seus biographas mais autorizados, com farta documentação e vivo colorido. "Porque sonhara a liberdade de Cuba", diz esse critico francês, "foram-lhe desapiadadamente suprimidas as escasas doçuras com que a

gratificara a administração. Não mais livros, não mais papel, não mais lapis para aquelle "outlaw". Nem leitura nem escripta para aquelle paria. Raspou-se-lhe a maravilhosa cabellera, tropéu de exuberante virilidade. Vestiu o uniforme infamante do presidiario. O unico favor que lhe conservaram, e esse mesmo com a condição de permanecer secreto, foi o de consentir que dormisse na enfermaria, onde morriam os typhicos, victimas da espantosa disciplina daquelles sitios".

Operou-se nessa epoca, em toda a península, um movimento de opinião em seu favor, que repercutiu vigorosamente como o que se verificou agora com o desterro de Unamuno, este pensador, aliás, mais feliz do que o novellista de "La barraca", porque Primo de Rivera se mostrou mais humano do que a Regente Maria Christina. Salto, Blasco Ibañez entrou a Camara como deputado republicano, e ahí as immundidades o acobertaram das investidas dos esbirros do throno. Recluido em legislaturas successivas, um dia deixou a politica, e entregou-se de corpo e alma á produção dessa obra litteraria que é um documento de uma das mais formidaveis capacidades mentaes que se conhece.

É interessante evocar tambem mais detalhadamente as relações de Blasco e Silva Jardim, nas circumstancias em que se iniciaram e pela affinidade que existia entre os dois, o primeiro, chefe nominal de um partido que lutava pelo accesso ao poder; o segundo, figura maxima de uma corrente que na hora da victoria consentira no seu afastamento...

Conta Pitolet que os correligionarios de Blasco viviam á sua sombra, "e se aproveitaram do seu prestigio para confiscar

em proveito proprio a parte importante da opinião publica congregada ao redor do seu nome. A um dos arrivistas sem vergonha — acrescenta o critico — se attribue uma phrase que pinta essa turba impudica. Como lhe perguntassem porque se negava a obedecer ao chefe, replica typticamente: "Os verdadeiros chefes do partido somos nós". "Então — objectavam — que papel cabe, com esse systema, a Blasco?" "Blasco é o heróe!" "No que respeita aos proveitos, os senhores da rectaguarda se haviam reservado generosamente o seu monopólio".

Com Silva Jardim occorreram factos identicos. Proclamada a Republica, outros que nada eram na vespera, assaltaram as posições e desvirtuaram o programma dos apóstolos do regimen. Elle nem reputado ponde ser. E até hoje permanece obscuro o motivo por que não lhe foram ouvidos os conselhos na alvorada de Quinze de Novembro.

José Leão, na sua biographia, refere-se a uma carta que Benjamin Constant lhe teria mandado entregar por seu filho, convidando-o para uma reunião de que saiu constituído o governo provisório. O grande propagandista não appareceu. E não se sabe ainda o destino que teve a epistola do catechizador da mocidade militar, ao bravo campeão, que, com certeza, daria á Republica uma physionomia differente da que lhe deram os aproveitadores...

É verdade que, como os contemporaneos de Blasco Ibañez, o partido republicano eram elles. Silva Jardim ficou sendo apenas o heróe...

Carlos Masl

("A Tribuna", Santos).



AS CARICATURAS DO MEZ

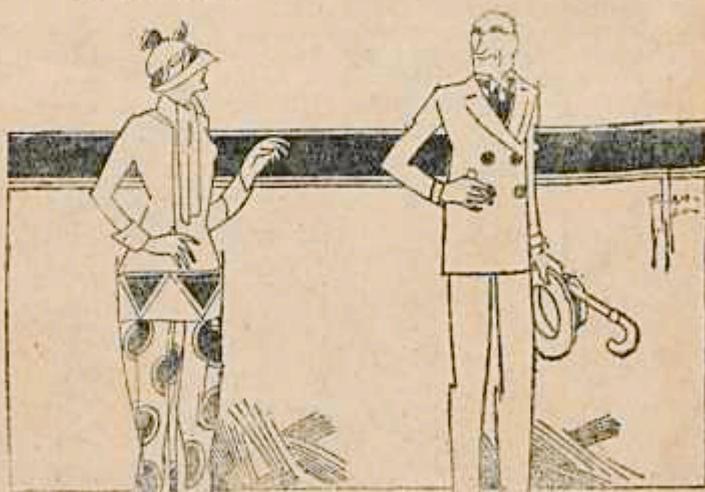
PRECOCIDADE



- Quando fôr grande que pretende ser ?
- Deputado prompto para os trabalhos ... na Europa

(-D. Quixote, Rio)

ULTRA - CHIC



- Está combinado: tu vaes ao club e eu vou ao chá
- Não, senhora; quem manda aqui sou eu: tu vaes ao club e eu vou ao chá.

(-D. Quixote, Rio)

O JOGO DAS PALAVRAS CRUZADAS

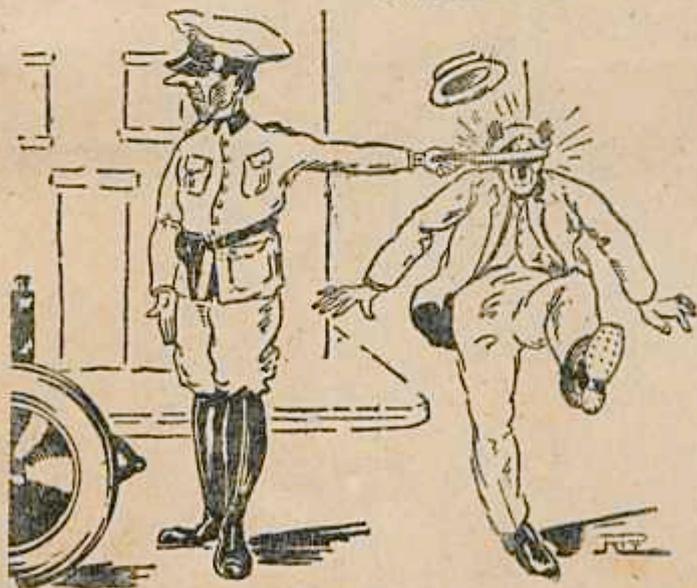
(Mania da época)



O problema deste palitô é difícil.

(«D. Quixote», Rio)

ACTUALIDADES



Transita-se melhor agora nesta terra...

(«Correio de Povo», Rio Grande)

Obras de Contabilidade

DE CARLOS DE CARVALHO

Estudos de Contabilidade, obra em quatro volumes, em brochura. 40\$000

Tratado Elementar de Contabilidade. Obra adoptada nas principaes escolas de commercio do paiz. Util aos que desejam adquirir conhecimentos profundos em contabilidade. Em brochura . 10\$000

Explicações Praticas de Escripuração Mercantil. Livro indicado aos que desejarem adquirir os primeiros conhecimentos de contabilidade. Em brochura. 6\$000

Arithmetica Commercial e Financeira. Obra indispensavel para se adquirir conhecimentos profundos em mathematica commercial e financeira. Em brochura . 10\$000

Noções de Calculos Commercial e Financeiros. E' indispensavel aos que não tenham conhecimento de mathematica commercial e financeira. Em brochura . 6\$000

Problemas de Escripuração. Obra necessaria aos contadores e guarda-livros, pois

trata de todo e qualquer caso de abertura de escriptas e balanços. Em brochura . 20\$000

Contabilidade das Companhias de Seguros de Vida. Como indica o titulo do livro, serve para a contabilidade dos seguros de vida. Em brochura 12\$000

DE FRANCISCO D'AURIA

Curso de Contabilidade, em Dez volumes, tendo sido já publicados os seguintes:

Contabilidade Mercantil, em brochura 10\$000

Contabilidade Bancaria, em brochura 12\$000

Contabilidade Industrial, em brochura 10\$000

No prelo: *Contabilidade das Empresas; Contabilidade Publica; Contabilidade Domestica; Contabilidade Theorica; Contabilidade Agricola e Pastoral; Mathematica Commercial; Mathematica Financeira*.

DE D. SANTOS

Contabilidade Agricola, em brochura 10\$000

Pedidos á

Compãhia Graphico-Editora Monteiro Lobato
Praça da Sé, 34 São Paulo



Revista de Direito Publico

E DE

Administração Federal, Estadual e Municipal

DIRECTORES : **NUNO PINHEIRO**
ALBERTO BIALCHINI

RUA MARANGUAPE, 17 — Lapa — RIO DE JANEIRO

TELEPHONE CENTRAL, 4967

Fundada em 1921

PUBLICAÇÃO MENSAL DE 100 PAGINAS

Assignatura Annual	45\$000
Assignatura Annual Encadernada	55\$000
Numero Avulso	5\$000
Volume Avulso Brocado	25\$000
Volume Avulso Encadernado	30\$000
Collecção completa encadernada dos 8 volumes publicados	340\$000

As encadernações são em typo francez, solido e elegante, especialmente escolhido para esta Revista

Por excepção os ns. 1, 2 e 3 do vol. I — 1921 custam 10\$000 cada um, e os ns. 2 e 3 do vol. II — 1921 e do vol. IV — 1922, publicados englobadamente, custam 12\$000. Os demais fasciculos anteriores a 1923 custam 8\$000 cada um.

A REVISTA DE DIREITO PUBLICO é orgam
exclusivo e official de publicidade da
Academia Brasileira de Sciencias Sociais, Politicas e Economicas
e da

Sociedade Brasileira de Direito Internacional

Mantem um serviço de consultas e pareceres verbaes e
por escripto sobre assumptos de sua especialidade.





SYPHILIS!!!

Abortos! Chagas! Invalidez!
Rheumatismo! Eczemas!

UM HORROR!!!

A syphilia produz Abortos, enche o corpo de Chagas, destrói as Gerações, faz os filhos Degenerados e Paralyticos. Produz Placas, Queda do cabelo e das unhas, faz as pessoas Repugnantes! Ataca o Coração, o Baço, o Fígado, os Rins, a Boca, a Garganta, produz o Rheumatismo, Purgações dos ouvidos, Eczemas, Erupções da pelle, Feridas no corpo todo, a Cegueira, a Loucura, enfim, ataca todo o organismo. Eliminae a Syphillis de casa porque não havendo Saude não ha Alegria.

ELIXIR 914

É o melhor depurativo do sangue. Deve ser usado em qualquer manifestação da Syphillis e da Bóla.

AINDA MAIS !...

O ELIXIR 914

não é só um grande Depurativo como um energético preparado contra a Syphillis, porque contém Hermophenyl o qual destrói os microbios do sangue. É o unico sal que deve ser usado por via gastrica pela sua acção bactericida e porque não ataca o estomago nem os dentes, não produz erupções, ao contrario, secca e faz desaparecer as feridas. Não contém arsenico nem iodureto, sendo inoffensivo ás crianças.

O que o doente sente com o uso do **ELIXIR 914:**

Appetite, regularidade dos intestinos, melhorando os que soffrem de prisão de ventre. Desapparecimento de todas as manifestações syphilliticas especialmente do Rheumatismo e affecções dos Olhos; finalmente a saúde em pouco tempo.

ATTESTADOS:

É o unico Depurativo que tem attestados dos Hospitais, de specialistas dos Olhos e da Dyspepsia Syphillitica.

CASAMENTOS:

Não se case sem primeiro tomar 6 vidros de **ELIXIR 914.**

É o mais barato de todos os Depurativos porque faz effeito desde o 1.º vidro.

Não deixe para amanhã, **ELIXIR 914.**

comece hoje mesmo a tomar o

Vende-se em todo o Brazil e nas Republicas do Prata.

NOTA: — Enviaremos GRATIS um livrinho scientifico sobre a syphillis e doenças do sangue, a toda a pessoa que o desejar. Pedidos a GALVÃO & Cia. — CAIXA 2-C. — SÃO PAULO.



Nutrion

E' O ELIXIR DA NUTRIÇÃO

O "Nutrion" combate a Fraqueza, a Magreza e o Fastio. Restaura as Forças e estimula a Energia. - E' o Remedio dos Fracos, dos Debeis, dos Exgottados, dos Convalescentes.

DIABÉTICOS

é preciso combater a perda
de açúcar, tonificar o or-
ganismo, regularizar as funções dos órgãos internos
essenciaes a vida e restabelecer o appéltite e a função
digestiva pelo uso da

GLYCOSURINA



heroico medicamento composto de
plantas indigenas brasileiras

**PAU FERRO - SUCUPIRA
JAMELÃO e CAJUEIRO**

Usa-se de 3 a 6 colheres
de chá por dia em agua

NOVIDADES

Dr. Waldemar Ferreira

DAS SOCIEDADES POR QUOTAS

Dr. Azevedo Marques

DA HYPOTHECA

Ingenieros (Traducción de Haeckel de Lemos)

PSYCHOLOGIA DOS CIUMES

A PERSONALIDADE SENTIMENTAL
COMO NASCE O AMOR

A Companhia Graphico-Editora Monteiro Lobato
tem no prélo as seguintes obras juridicas:

Dr. Martinho Garcez

MANUAL PRATICO DAS ACÇÕES CIVEIS
E COMMERCIAES
CODIGO CIVIL EXPLICADO

Dr. Eduardo Espindola

DIREITO DE FAMILIA
PARECERES

Dr. Alfredo Bernardes da Silva

PARECERES

Dr. Diogo Carlos de Menezes

DICCIONARIO JURIDICO

Melchisedeck Jehovah de Brito

MANUAL DE JURISPRUDENCIA MILITAR

Instituto dos Advogados Brasileiros

LIVRO DO CENTENARIO

Henry George

PROBLEMAS SOCIAES

Pedidos a

Companhia Graphico-Editora Monteiro Lobato

Praça da Sé, 34 — Caixa, 2-B — S. PAULO

LIVROS ESCOLARES

<i>Eduardo Carlos Pereira</i> — GRAMMATICA EXPOSITIVA — Curso elementar	3\$000
Curso superior	8\$000
GRAMMATICA HISTORICA	10\$000
<i>A. de Sampaio Doria</i> — COMO SE ENSINA	3\$000
COMO SE APRENDE A LINGUA — Curso elementar	3\$000
Curso medio	3\$500
Curso complementar	6\$000
O QUE O CIDADÃO DEVE SABER	3\$000
<i>Thales de Andrade</i> — SAUDADE	3\$000
<i>A. de Almeida Junior</i> — CARTILHA DE HYGIENE	2\$000
<i>Othoniel Motta</i> — LIÇÕES DE PORTUGUEZ	7\$000
O MEU IDIOMA	0\$000
<i>Monteiro Lobato</i> — FABULAS	2\$500
NARIZINHO ARREBITADO	2\$500
<i>B. M. Tolosa</i> — CARTILHA DE ALPHABETIZAÇÃO	2\$500
<i>Mello e Cunha</i> — ALGUMAS REGRAS DE CALCULO MENTAL	1\$500
<i>Miguel Milano</i> — SCIENCIAS PHYSICAS E NATURAES — HYGIENE	3\$500
<i>Edgard Vieira</i> — FACTORAÇÃO ALGEBRICA	4\$000
<i>João Gomes Junior</i> — CANTIGAS DA MINHA TERRA	3\$000
CADERNOS DE PROBLEMAS PARA O ENSINO PRIMARIO — Caderno de Problema (1.º anno)	1\$000
<i>Fausto Lex</i> — A PESCA	2\$500
<i>Joaquim Pereira de Camargo</i> — LIÇÕES DE TACHYGRAPHIA	8\$000
<i>Leonardo Pinto</i> — CONJUNÇÕES	2\$500
LOCUÇÕES ADVERBIAES FRANCEZAS	4\$000
CONJUGAÇÃO DOS VERBOS REGULARES, IRREGULARES E DEFECTIVOS DA LINGUA ITALIANA	4\$000
<i>Alduino Estrada</i> — ESTRADA LUMINOSA	3\$000
<i>Henrique Geenen</i> — COMPENDIO DE PSYCHOLOGIA	10\$000
<i>Ernani M. de Carvalho</i> — TRATADO DE CORRESPONDENCIA COMMERCIAL	15\$000
<i>Olavo Freire</i> — CHOROGRAPHIA DO BRASIL	12\$000

PEDIDOS A _____

Cia. Graphico-Editora



Monteiro Lobato

PRAÇA DA SÉ N. 34

S. PAULO - CAIXA 2-B